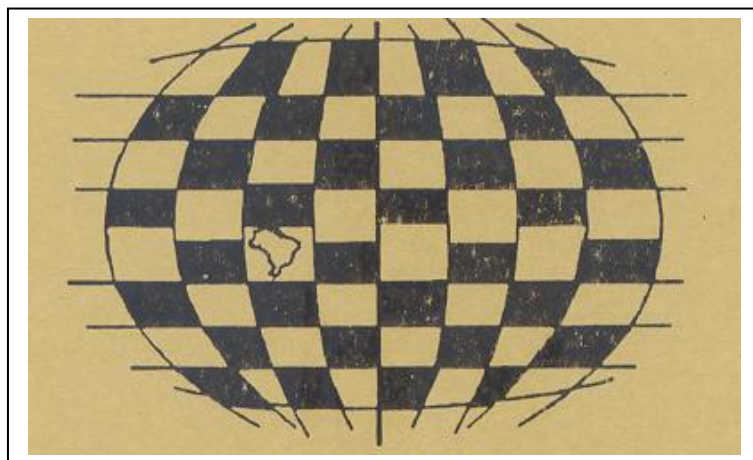


1º SEMINÁRIO

INTERNACIONAL

DE XADREZ NAS ESCOLAS



CURITIBA, 22 A 26 DE NOVEMBRO DE
1993
BRASIL

FIDE

PRESIDENTE

FLORENCIO CAMPOMANES

CBX

PRESIDENTE

ANTONIO BENTO DE ARA ÚJO LIMA F°.

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

MURÍLIO HINGEL

DELEGADO NO PARANÁ

NELON HASSELMANN

SECRETÁRIO ESTADUAL DA EDUCAÇÃO NO PARANÁ

ELIAS ABRAÃO

64° CONGRESSO DA FIDE

DIRETOR

JAIME SUNYÉ

SEMINÁRIO INTERNACIONAL

DE XADREZ NAS ESCOLAS

COMITÊ ORGANIZADOR

WILSON DA SILVA

ANTÔNIO VILLAR MARQUES DE SÁ

AUGUSTO TIRADO

1º SEMINÁRIO

INTERNACIONAL

De XADREZ NAS ESCOLAS

CURITIBA, 22 A 26 DE NOVEMBRO DE 1993

BRASIL

Abertura

[Narrador:]

Convidamos para fazer uso da palavra este i paranaense que tanto tem orgulhado o nosso estado, o grande mestre internacional de xadrez, Jaime Sunyé Neto.

[Jaime Sunyé:]

Eu gostaria de agradecer muito a todas as entidades que auxiliaram na realização deste evento que é uma ambição nossa, um objectivo de muitos anos. À Federação Internacional de Xadrez, representada aqui pelo seu presidente Florêncio Campomanes, pelo auxílio da Comissão de Xadrez nas Escolas; ao nosso amigo Nicola Palladino, da Itália, por todo o apoio que nos deu; agradecer ao ministério da educação que hoje tem desenvolvido um pequeno projecto piloto em Brasília, e que já imprimiu e distribuiu 15 mil cartilhas para o ensino de xadrez nas escolas públicas, à Secretaria de Educação do Estado do Paraná, que tem um projecto bastante importante que deve atingir pelo menos 300 escolas até julho do ano que vem; agradecer à Prefeitura de Curitiba, ao Núcleo Regional de Educação de Curitiba, pelo apoio na realização dos seminários de capacitação dos professores; e em especial ao colégio 1º Mundo, pela linda festa que está organizando e por todo o apoio de infra-estrutura que nos deu durante este evento. A gente realmente espera que esta possibilidade de intercâmbio com pessoas de 10 países, instrutores e participantes, realmente dê um impulso forte para o ensino de xadrez nas escolas, e que através do ensino de xadrez a nossa juventude possa aprender mais, possa desenvolver-se melhor em sua totalidade.

[Narrado,:]

E agora vamos ouvir o presidente da Federação Internacional de Xadrez, Florêncio Campomanes.

[Florêncio Campomanes:]

Amigos, senhoras e senhores, enxadristas: a Federação Internacional de Xadrez está muito honrada por (toda esta reunião aqui realizada pelo xadrez nas escolas. Se isto se repetisse em todos os 150 países filiados à FIDE, eu tenho certeza que o xadrez teria um grande desenvolvimento. O ensino de xadrez nas escolas, especialmente o ensino para crianças muito jovens é um beneficio incalculável para que eles possam pensar de maneira lógica e desenvolver sua perseverança. Começando cedo na escola, não há nada que não se possa conseguir com uma boa educação. Esta é apenas uma parte da FIDE, mas que, no meu ponto de vista, se constitui na mais importante. Eu congratulo a cidade de Curitiba, o estado do Paraná e o Brasil pelo grande esforço que têm feito para o desenvolvimento do xadrez nas escolas e entre os jovens. Eu acredito que o Brasil tem hoje o primeiro lugar no desenvolvimento do ensino de xadrez no terceiro mundo e na América Latina. Eu desejo-lhes muito sucesso neste 1º Seminário Internacional de Xadrez nas Escolas, aqui realizado, assim como em todas as outras actividades neste sentido. Obrigado.

[Narrador:]

Gostaríamos também de ouvir as palavras da professora Eronilce Tesseroli da Costa, que está representando hoje aqui o excelentíssimo Sr. Secretário de Educação, professor Elias Abrahão. Professora, por gentileza!

[Eronilce da Costa:]

Autoridades nominadas, senhores pais, demais pessoas presentes, queridos alunos, é com muita satisfação que participamos deste evento. Com muita satisfação também, nós, assim como toda a Secretaria de Estado de Educação e o governo do estado do Paraná, sentimos a importância do trabalho do xadrez à nível das escolas e a importância do desenvolvimento do raciocínio lógico a que esta actividade leva a criança, principalmente quando iniciada nos primeiros anos de sua escolaridade. Um evento deste porte é um orgulho a todos nós paranaenses, sendo o Paraná o estado que está sediando o 1º Seminário Internacional de Xadrez nas Escolas. Nós vemos como é importante o direccionamento da criança e do jovem, hoje em dia, frente às dificuldades do mundo actual; e estas actividades extras são extremamente importantes à nível de currículo, e na parte pedagógica, cada vez mais preocupada e direccionada com o aprender em toda a sua infinidade, toda a sua integração com outras áreas do conhecimento. Neste momento parabenizamos a iniciativa do colégio 1º Mundo através da sua equipe administrativa e pedagógica e esperamos que este seja o primeiro passo dentro de todo o nosso país para outras iniciativas louváveis como esta. Muito obrigada.

[Narrador:]

E finalmente o Doutor Nelson Hasselmann, da delegacia regional do ministério da educação no estado do Paraná, representando o ministro da educação, Murílio Hingel.

[Nelson Hasselmann:]

Boa tarde a todos. Atendendo determinação do excelentíssimo Sr. Ministro da Educação e do Desporto, professor Murílio de Abelar Hingel, a delegacia do MEC no estado do Paraná cumprimenta a todos os participantes do Seminário Internacional de Xadrez nas Escolas. Parabeniza também as entidades promotoras, que num esforço conjugado colaboraram para a disseminação deste esporte nas escolas brasileiras. O MEC prioriza, através do plano decenal de educação, todos os investimentos nesta área da educação fundamental, congregando entidades governamentais das três esferas administrativas: instituições, professores, estudantes e sociedade em geral. O PRONAICA - Programa Nacional de Atenção Integral - se insere como determinante nesta prioridade educacional e eleva o desporto à condição de necessidade básica para os estudantes de educação fundamental. O grau de importância deste evento muito nos honra com a oportunidade de participação, enaltecendo o fato social surgido com a acolhida do xadrez no âmago das escolas como estimulador da intelectualidade e da capacidade mental de nossos estudantes. O governo federal reconhece tal importância e estuda junto ao congresso nacional a liberação de financiamentos nesta área de actividade. Não obstante, o MEC relembra o factor interactivo das responsabilidades, não só governamentais, mas advindas também da conscientização da sociedade e dos estudantes neste processo, para a partir daí procurar a parceria integrada entre governo federal, estadual e municipal. O MEC, assim como a delegacia regional do MEC, parabenizam este grande esforço. desejando sucesso e bons trabalhos no Seminário Internacional de Xadrez nas Escolas. Obrigado.

Nicola Palladino (Itália) -A estrutura da comissão de xadrez nas escolas da FIDE

Para a FIDE, a ideia de xadrez nas escolas tem uma história: antes dessa comissão 'Chess in Schools' havia a comissão 'Young Chess' -xadrez para jovens. Quando eu cheguei à FIDE em 1970, o que esta comissão fazia era pegar os jovens que já jogavam xadrez, aqueles que prometiam, os que venciam mais torneios, e procurava afiná-los tecnicamente. Porém, em 1968, em Milão, na Itália, eu havia começado a trabalhar com o xadrez nas escolas. Nós ensinávamos xadrez às crianças que ainda não sabiam jogá-lo; e foi assim que nasceu esta ideia. Bem, eu pensei logo que aquela comissão da FIDE era uma coisa horrível, do ponto de vista de uma federação mundial, porque não procurava enxadrístas novos, procurava manter os velhos; porque se nós fazemos uma comissão para ajudar as crianças que jogam xadrez, isto significa que não vamos descobrir outras crianças que não jogam. Ora, fazendo uma simples proporção matemática, para

cada criança que joga xadrez, existem pelo menos 1500 que não jogam. Estou fazendo previsões, não há dados estatísticos oficiais, mas com certeza é algo assim.

Foi então que eu comecei a lutar, na FIDE, para que houvesse uma comissão que tivesse a incumbência de procurar inserir nas escolas o xadrez como matéria optativa, para as crianças entre, mais ou menos, 10 e 13 anos, o que na Itália é chamado de 'Escola Média', obrigatória. Contemporaneamente, na Sociedade Enxadristica Milanese, da qual eu era, e ainda sou presidente, começavam então os cursos de xadrez de três anos, isto é, as crianças vinham estudar e depois de 3 anos lhes era dado um diploma de frequência. A partir desta experiência eu tive a convicção de que se podia trabalhar deste jeito; assim, lutei na FIDE para que fosse fundada essa comissão, que teve como 10 presidente um espanhol, porque eu era jovem demais. Depois a presidência me foi confiada e desde então sou o presidente da comissão 'Chess in Schools' da FIDE.

Ora, por que todo este interesse? A ideia de introduzir o xadrez nas escolas tem um aspecto social, antes de mais nada; além de ter também um aspecto cultural e esportivo. Vocês, brasileiros, têm um governo inteligente: colocaram esporte e cultura no mesmo ministério. Isso foi uma idéia muito inteligente, e já explico por quê: quando buscava fundos junto ao meu governo para realizar este projecto nas escolas, eu ia ao ministério da instrução pública da Itália e lá me respondiam que não havia dinheiro porque não éramos 'escola', éramos 'esporte'. Então eu ia ao ministério do esporte e me diziam: 'O que é que nós temos a ver com isso? Nós não podemos dar dinheiro a você porque você é da cultura'. No ministério da cultura respondiam: 'Mas por que nós deveríamos dar-lhe dinheiro? Vá pedir ao ministério da 'escola' ou do 'esporte'. No final desta maratona, eu continuava do mesmo jeito, sem uma lira. E isso já vem se repetindo há muitos anos. Por sorte, vocês, no Brasil, têm um ministério único para esporte e cultura.

Mas por que eu, que não tenho filhos - sou casado, mas não tenho filhos - tenho me interessado tanto pelos jovens e pelo xadrez? Pelo xadrez me interessei porque foi o único jogo que consegui fazer com que eu me desligasse do pôquer. Ao invés de ir jogar pôquer, depois de um certo tempo, descobri que preferia ir jogar xadrez. Porém, neste tempo, eu já estava com 40 anos de idade e era um pouco velho demais para aprender a jogar bem; então os meus sócios, não sabendo o que fazer comigo, me fizeram presidente, primeiro do Círculo, depois da Federação. Mas por que esta paixão? Porque vi no xadrez um aspecto social considerável aliás, enorme. Porque este é um jogo onde as diferenças são de pensamento - pensem, por exemplo, que jogam xadrez os deficientes físicos, aqueles com anomalias nas mãos, nas pernas, mas que conseguem jogar e muito bem, não se pode facilitar com eles. Quando estas pessoas se sentam na frente de um 'normal' como nós, neste momento não se sentem absolutamente inferiores, porque o que está funcionando é o cérebro delas, que pode ser melhor que o nosso. Não tem importância que não tenham pernas, que não tenham um braço, que não escutem ou não enxerguem - saibam que existe a Federação dos Enxadristas Deficientes Visuais. Eis aí o primeiro valor. o da redenção social para aqueles cidadãos e jovens que têm anomalias físicas. Estive também em sanatórios tentando ensinar xadrez para doentes mentais. Dei oito aulas no manicômio de Milão e recebi pedidos de clínicas particulares na Suíça, porque através do jogo de xadrez eu consegui manter os pacientes bastante calmos. Ficavam lá me escutando e pensavam, jogavam uma partida e pensavam, iam para a cama e pensavam... Pensavam em quê? Pensavam nos movimentos que tinham feito. E seja como for, o cérebro deles começava a funcionar: eis uma grande propriedade do xadrez. E aqui entramos em uma segunda parte, o xadrez como um esporte da mente. O cérebro é o órgão do corpo que nós menos usamos. Porque o pensamento que temos é sempre dirigido às coisas normais de todos os dias. Pensamos na noite, quando estamos em casa com nossas esposas, pensamos no trabalho, na diversão, na partida de futebol, pensamos em tudo, mas não trabalhamos efetivamente com o nosso cérebro. isto é, não damos a ele motivos para ir mais fundo, ver mais do que o superficial. E eis que o xadrez se propõe simplesmente a ser um instrumento para treinar cérebros. Através do xadrez nós somos obrigados a pensar, do contrário, perdemos o jogo. Temos que imaginar, usando o cérebro, as novas posições que derivarão do movimento que fizemos. Porque cada movimento prevê um contra-movimento do adversário, e cada plano deve ser feito sem que se toque no tabuleiro. Temos que imaginar como chegaremos ao final e julgar se aquele final é vantajoso para nós ou para o nosso adversário. Este estímulo cerebral contínuo cria idéias ou cria fatos, mas não é, jamais, inútil. Na minha escola, por exemplo, tive um aluno que hoje é professor, outro é o diretor da escola, outros trazem seus filhos...eis a continuidade.

Quando fazemos o cérebro trabalhar, não estamos fazendo mais do que usar um órgão do nosso corpo e desenvolver os seus músculos. Por isso o xadrez é um esporte. Cada esporte nasceu para desenvolver uma parte de nós. Existe o salto em altura, o salto em distância, a ginástica, o futebol, o pugilismo; todos os esportes tendem a desenvolver os órgãos do corpo, e o único que tende a desenvolver a mente é o xadrez. O único! Então, o que dizemos ao jovem que está aprendendo? Diferentemente de todas as outras matérias, nós não dizemos: ‘Se você não vencer a partida, não passa de ano e apanha dos pais!’ Nós dizemos simplesmente: ‘Se você não estudar, vai perder a partida!’ Só isso. Suscitamos nele a vontade instintiva de competir. Todo jovem quer competir com outro jovem. Todo jovem quer chegar em primeiro. Quando eu era criança, eu queria ser sempre o primeiro, assim como os outros. Através disso, nós os fazemos jogar xadrez, e a pensar, e o círculo se fecha.

Já dissemos que o xadrez desenvolve a inteligência, mas isto não acaba por aqui. Não sei se já notaram, mas há rapazes que, quando jogam, sacrificam tudo no intento de dar xeque-mate no adversário. A estes rapazes dizemos: ‘Calma’ Não precisa empurrar o rei adversário para fora do tabuleiro. Tome cuidado ao gastar o seu dinheiro - que no xadrez são os peões e as peças - porque não são os socos que você dá no adversário que o farão vencer a partida. Você tem que prestar muito mais atenção, porque fazendo isto, está sendo presunçoso, achando que os outros fazem aquilo que você quer; os outros fazem sempre o que eles querem’. E isso é uma lição. Também dizemos a ele: ‘Pode continuar a sacrificar as peças como quiser, mas não vai vencer partida alguma!’ Há também um outro tipo de rapaz, que não sacrifica nem um peão, mesmo que tenha certeza de dar mate no adversário. Mantém-se todo na defesa, preocupa-se em não perder nada; a este nós dizemos: ‘Preste atenção, porque deste jeito você nunca vai vencer nenhuma partida! Às vezes é preciso sacrificar um peão. Você não deve considerá-los como uma propriedade a ser defendida; eles são um meio para jogar’. A estes rapazes que, em geral são muito tímidos, aconselhamos: ‘Vai, jogue!’ Obrigamos aqueles primeiros rapazes, os que sacrificam tudo, a jogar sem sacrificar nenhuma peça, e aqueles que não sacrificam nada, ao contrário, que sacrifiquem desde a abertura. Porque o que queremos é mudá-los, torná-los mais normais, sabendo avaliar as coisas, as posições; porque neste jogo, e ele talvez seja o único, estas possibilidades não existem no jogo de damas. O jogo de damas também tem algumas possibilidades, não as mesmas do xadrez, porque as combinações da dama são infinitamente inferiores. Quando se faz um torneio de damas, é preciso fazer um sorteio na abertura, como se fosse uma loteria. No xadrez isto não acontece, porque ele é muito mais complicado e completo.

Bem, passamos em revista os aspectos que acho de maior utilidade e como justificativa para a introdução do xadrez nas escolas, ou seja, o ensino do próprio jogo, a socialização, a formação da personalidade e o treinamento do cérebro: a função esportiva do xadrez. Tocamos todas as possibilidades e os motivos pelos quais pedimos e sempre pediremos às autoridades o direito de sermos considerados cidadãos, não digo de primeiro ou segundo nível, mas cidadãos Iguais aos outros. Porque não é justo que se joguem fora milhões no mundo para se fazer bobagens e não se consiga encontrar uma única lira para o xadrez.

Temos um exército que não ganha nada e somente pretende dar algo, os nossos professores, que ensinam na Itália, na Argentina, aqui, em todo o mundo. Nós, enxadristas, somos um pouco poetas, mas a nossa poesia é a que forma o mundo, que o toma melhor e nos distancia um pouco das coisas ruins desta vida malvada. Obrigado.

Eduardo A. Tomassi (Argentina) - O projecto de xadrez em Santa Fé

Eu já estive em muitos congressos porque o plano da província de Santa Fé não é o único em nosso país. Lamentavelmente, na maioria deles, dedicamos tempo demais em teorizações, discussões políticas, instrumentações. Eu vou tratar aqui do aspecto prático, da vivência de todos os professores na sala de aula, na experiência que nos faz melhorar dia a dia um pouquinho mais, enriquecer o xadrez que tanto amamos. Acredito que todos concordamos que vivemos realidades diferentes, realidades que condicionam o xadrez nas escolas como regulamenta a educação. É por isso que começo contando um pouco da realidade histórica-política de onde vivemos. A Argentina tem profundas raízes enxadrísticas. O xadrez em nosso país, em nossa província, tem uma alta consideração. Basta lembrar a quantidade de clubes e campeonatos que se realizam, o resultado de nossos jogadores, da nossa região e do nosso país, pelo aspecto positivo.

Como aspecto negativo, nosso país está atravessando uma situação econômica muito difícil, que obriga cada uma das províncias a fazer importantes 'ajustes' econômicos e na área educativa, na qual está inserido o xadrez escolar, o qual não podemos fazer crescer como desejamos e necessitamos. Não podemos realizar partidas da maneira apropriada que, ano após ano, somente incrementaram-se de forma muito lenta. Vou contar como conseguimos que o nosso plano reunisse 18000 crianças, 150 professores, vivendo dignamente das aulas de xadrez, e mais de 100 escolas que ensinam xadrez em turno direto, de caráter obrigatório.

O caminho que utilizamos para chegar a isso pode ser dividido em três etapas. A primeira etapa é a experiência piloto. Para poder começar as aulas, não basta somente a vontade dos enxadristas, necessitamos de um decreto ministerial, que foi o de 1989. Para ser sincero, devo dizer que não havia ninguém convencido de que o xadrez era importante na área educativa. Porém a amizade com o ministro e seus colaboradores nos deu essa oportunidade. Eu os aconselho a começar mais ou menos como nós: somente 10 escolas em 6 localidades diferentes, nas quais tínhamos a certeza da idoneidade do responsável por ministrar aulas, o apoio firme das diretoras, e a garantia de que a cooperativa destas escolas estava disposta a comprar todo o material didático. Ao final do primeiro ano, as 10 diretoras fizeram uma avaliação muito positiva, o que nos permitiu, no ano seguinte, a prosseguir com a segunda etapa, que chamamos de 'afiançamento' (consolidação). Esta etapa nos permitiu aumentar de 8 para 60 escolas. Provavelmente esta tenha sido a etapa mais rica, mais valiosa, em que mais coisas surgiram e se concretizaram. Por exemplo, há uma lei, com a máxima formalidade jurídica, que nos garante este trabalho. A partir de 1993, começamos a operacionalizar a terceira etapa, a da extensão. Hoje em dia, são mais de 120 escolas, e a extensão não tem mais limites, estando condicionada somente às verbas que nos destinam à área educativa, alguns meses antes do começo das aulas, em Janeiro ou Fevereiro. E isso vai depender muito do êxito, da dedicação, da vontade com que trabalhem os professores em cada escola.

Quando falamos de xadrez na escola, não buscamos excelência, não buscamos a competência por si mesma, mas o que pretendemos é que seja uma ferramenta pedagógica destinada a formar as crianças. Temos que levar em conta que o xadrez é uma atividade recreativa, que possibilita o exercício do pensar intuitivo, utilizando a fantasia e a imaginação como suporte da comprovação lógica. Por isso tem o crédito de pauta de conduta que permite à criança operar concreta, lógica e reflexivamente, agilizar esquemas de pensamento criativo. Por outro lado, adquirir o hábito de ordem, trabalho metódico, reflexão e silêncio. Também descobrir o valor de suas próprias decisões e assumi-las conscientemente, em atividade autocrítica; alcançar atitudes solidárias, responsáveis e de respeito mútuo; dispor de recursos práticos e eficientes na execução de qualquer atividade. Também resolver situações concretas da vida diária, com autonomia e equilíbrio. Estes são os objetivos educativos do plano de xadrez de Santa Fé. Os destinatários são os alunos das escolas públicas e particulares de nível primário, da província de Santa Fé, da 4ª a 6ª série.

Como disse antes, o caráter do xadrez nas escolas é obrigatório. Todos os cursos têm xadrez. As aulas são dadas nos mesmos horários que as de matemática, língua, geografia ou história, pela manhã ou à tarde. Dessa maneira estamos convictos de cumprir plenamente o espírito do que falamos há pouco. Por exemplo, em uma turma de 30 alunos, que é a média das sobrecarregadas escolas da Argentina, uma terça parte, apenas uma terça parte interessa-se pelo xadrez, em um primeiro momento. Eu diria mais exatamente 27% - é o que nos dizem as estatísticas. Há cerca de 39% de indecisos, mais inclinados ao não do que ao sim, porém indecisos. E depende da vontade, da perfeição, da paciência do professor em conquistá-los. E há cerca de 34% que estão muito próximos de não querê-lo. - também a nossa função fazer com que estes se aproximem de alguma maneira do xadrez. Se com este quadro nós deixássemos que o xadrez fosse optativo somente esses 25%, que com certeza são os talentosos, fariam xadrez, e não estaríamos cumprindo aquele espírito de que falava. Aqueles que mais necessitam de ginástica mental, por razões de preconceito, ou porque em casa lhes dizem não, ou por tantas outras razões, justamente estes não teriam a oportunidade de estudar xadrez. Esta é a explicação do porquê considerarmos firmemente a inclusão do xadrez na escola para todas as crianças. Em vista do que acabamos de ver não é nada simples manter a atenção, a motivação de toda a turma. É por isso que temos que lançar mão de uma bagagem didática, uma engenhosidade muito grande para conseguir com que estas duas terças partes se integrem ao invés de atrapalhar e desconcentrar toda a turma.

Bom, vou falar um pouco sobre a duração e a frequência das aulas. Em nossa província temos duas aulas semanais de 45 minutos cada distribuídas naturalmente em dias diferentes, certificando-se de que haja pelo menos um dia intermediário sem xadrez, ou seja, 2ª e 4ª, 3ª e 5ª, 2ª e 5ª. Temos que programar isto cerca de 40 dias antes do começo das aulas integrados à planta escolar. Junto com os outros docentes e diretoras, faz-se o cronograma das atividades de cada série no ano letivo. Vou lhes falar um pouco sobre a distribuição do tempo em cada aula. As aulas são divididas em introdução, desenvolvimento e verificação. O tempo que sugerimos aos professores para a introdução oscila em torno de 5 minutos. E é uma introdução em todo o sentido da palavra não somente a introdução do tema; porque, às vezes, deve-se levantar o ânimo da turma. e não podemos dizer que tivemos sorte com a Austrália e ganhamos de um a zero, raspando, mas ganhamos esperamos que a turma, a partir de então, preste mais atenção. A seguir, o desenvolvimento de 30 minutos, e a conclusão ou encerramento de aproximadamente 10 minutos. Agora vou lhes falar sobre a elaboração, e nem tudo o que eu lhes conto é 100% de elaboração. Isto tem um pouco a ver com a nossa marca registrada, que é o sistema de ministração de cada lição. Uma lição pode durar várias aulas, um tema pode ser extenso e durar várias classes. Todos sabemos que existem crianças que aprendem com mais facilidade e maior rapidez, mas se nós sistematizamos o modo de ensinar teremos uma maior probabilidade de um entendimento mais rápido pela maioria das crianças. Portanto, cada lição é dividida em fases. Vejamos, por exemplo, o momento em que ensinamos o roque: falamos um pouco sobre a história do roque e dos conhecimentos prévios. No roque, a criança já deve saber mover o rei e a torre. O objetivo da lição é então o porquê de ensiná-la o movimento do roque, a instrução. Aqui começa a aula propriamente dita, onde a criança começa a incorporar um novo conceito. A assimilação se faz, geralmente, através de exercitação e de problemas. Também mediante novos e diferentes problemas e com perguntas, verificamos se o que ensinamos foi entendido pela criança.

E, por último, uma avaliação. Nós não aplicamos, em nenhum caso, a clássica prova de xadrez, para dar uma nota à criança. Esta é uma avaliação para saber se temos que nos deter, se temos que começar de novo ou se podemos seguir adiante para um novo tema. O papel do professor é ser um verdadeiro mediador e a aula deve ser compartilhada, a criança participando e se comprometendo. Como já disse no começo, perdemos muitas horas em congressos discutindo que nome receberíamos. Eu me lembro que no começo queríamos pôr nomes que em status superavam até o da diretora da escola, pois é muito frequente a presunção entre os enxadristas, na qual eu me incluo também, e que nos faz muito mal. Quando começamos tudo isso e analisamos as causas do porquê na Argentina haverem reclamações nacionais, descobrimos vários erros, mas fundamentalmente, o enxadrista que ingressava na escola acreditava estar acima dos docentes, acima do diretor. E à medida que fomos entendendo isso, será mais fácil. Claro, aquele que segue a carreira docente, segue-a até a sepultura, é algo que se tem incorporado. Por isso digo que comecemos devagar, assim todos os obstáculos vão sendo vencidos. Nós tínhamos reuniões com os professores para tratar de todos estes assuntos, e estes, apesar de terem muitos anos de xadrez, arregalavam os olhos, porque quase tudo eram novidades que nem sequer imaginavam. Depois de muito se discutir, chegou-se ao nome que nos habilita ou autoriza o ministério, 'docente de xadrez'. Para ser um docente de xadrez, há duas possibilidades. O enxadrista deve demonstrar sua capacidade em um exame, uma avaliação que tentamos fazer com que o pessoal da Associação Argentina de Xadrez conduza. É uma avaliação que muitos poderiam aplicar, porém, quem melhor do que a Associação que rege o xadrez em cada país para aplicá-la!? No nosso caso, convidamos o pessoal da Federação Argentina para demonstrar a eles, através dos exames, que estamos capacitados. O que dá mais trabalho, por outro lado, é a capacitação pedagógica. Hoje em dia, temos sorte que isso se faça através de um curso de aperfeiçoamento pedagógico que foi projectado pela área de formação profissional do Ministério da Educação. O curso é de 120 horas e está dividido em 4 módulos, 1 por mês, com trabalhos de casa. Bem, foi um trabalho que nos custou muito a desenvolver. Nós lhes passamos a nossa experiência, tentamos fazer com que fosse algo de cunho pedagógico, mas que, na prática, os enxadristas pudessem fazer. Porque eu poderia contar sobre muitas províncias do meu país, e inclusive de outros países, que possuem trabalhos de capacitação pedagógica muito bonitos, porém não podem colocá-los em prática porque se esquecem de que não há enxadristas dispostos a fazer um curso superior de 4 anos, para depois dar melhores aulas. Por exemplo, na província de Salta existe um trabalho muito bonito, um curso superior para docente de xadrez, de dois anos e meio. Mas há um problema: ainda não permitiram o xadrez nas escolas de lá. Em São Jorge, outra localidade, existe algo diferente.

Quem faz o curso de docente, de dois anos, completa com uma pós-graduação em didática geral do xadrez, com duração de 3 ou 4 meses, duas horas por dia, e alcançam um bom nível. Tentamos fazer com

que seja algo que depois possa ser aplicado na prática. Aqueles que já estiveram em uma sala de aula sabem que estando com crianças todos os dias descobre-se novos recursos, melhora-se muito a metodologia. Bem, agora falta falar do professor regular de 1º e 2º graus que quer ensinar xadrez ('maestro de grado', no original; o equivalente a professor de 1º e 2º graus - não enxadrista). Estes têm que aprender somente as técnicas do jogo através de cursos especiais e depois passar por avaliações aplicadas, por exemplo, pela Federação Argentina. Os aprovados são classificados como docentes de xadrez, porém em um nível abaixo dos enxadristas. Na classificação que a província elaborou, a prioridade é para o professor de nível superior, com aperfeiçoamento técnico. Apesar de estimularmos a participação dos professores comuns, não chega a 3% a porcentagem dos que ensinam xadrez nas salas de aula. E se alguém me pergunta quem está ensinando melhor, não tenho nenhuma dúvida ao responder que são os enxadristas. Fundamentalmente porque para o professor comum, esta é a sua profissão, que ele leva adiante com esforço e dedicação; para nós, enxadristas, o xadrez faz parte de nossas vidas, é a nossa paixão. E quem melhor para transmitir conhecimentos do que aquele que sente paixão por este jogo, por este esporte? Outro aspecto onde também se nota uma diferença são as atividades extra-escolares. É difícil pedir a um docente que passe os fins de semana fazendo torneios para as crianças, acompanhando-as nos encontros. Nós já estamos acostumados, são poucos os fins de semana que temos para a família. Em geral, os passamos ao redor de alunos. E estamos conscientes de que estes encontros são fundamentais para que as crianças mantenham e até aumentem o seu interesse pelo xadrez. Além do mais, existe a situação legal de trabalho do docente de xadrez. Mais de 80% dos docentes atuais goza de uma situação de interino, o que significa receber o mesmo salário que um professor especial, aquele que tem atividades práticas como educação física, um salário um pouco acima do professor comum. Por isso temos que nos comportar com muito tato na escola, porque mesmo sem o curso de professor, estamos ganhando 16% a mais do que aquele que tem 12, 15 anos de carreira. Ganhamos um salário de professor especial, gozamos da 'hora social' para a família; todas as conquistas da categoria como mais um afiliado. E estamos descobrindo dia após dia que isto é fundamental para o crescimento e a consolidação do xadrez. A possibilidade de dedicar-se 'full-time' ao xadrez, de obter um salário digno, nos permite acreditar no que estamos fazendo, nos permite melhorar, assistir a cursos de capacitação, comprar material, e tantas outras coisas que fazemos devido a essa remuneração.

[Comentário de um participante do congresso:]

Eu sou o Luís Santos. Não sabia que a Argentina estava tão evoluída. Acho que seria muito importante a existência de documentos legais, decretos e leis para o desenvolvimento do xadrez em outros países, porque é uma experiência que pode ser muito útil para mostrar às instituições dos nossos países que existe um lugar com uma estrutura nacional, decretos e leis sobre o assunto; tanto é que, mesmo para a FIDE, seria muito importante ter estes decretos, Depois, um pormenor: nas 4ª, 5ª, e 6ª séries, qual é a idade inicial? Outra questão que me parece fundamental pela minha experiência: qual é a ligação prática com os clubes, como eles podem dar continuidade a este trabalho? Com relação às aulas propriamente ditas: foi dito que 73% podem eventualmente não estar interessados; como controlá-los então? Somente com pedagogia? Se eles faltam, estas faltas têm importância a nível escolar ou não? O aproveitamento escolar no xadrez tem influência ou não? É importante para passar de ano ou não? Qual é a porcentagem de participação em torneios e quantos são os torneios escolares?

[Eduardo Tomassi:]

No que se refere às idades, temos oito e nove anos na 4ª série; nove e dez na 5ª; dez e onze na 6ª. A relação entre escolas e clubes é a seguinte. Depois de um ano e pouco, em 89 e 90, preocupados com a continuação do xadrez, nós percebemos que haveria uma explosão do jogo, como nunca, nunca, eu creio tenha ocorrido desde a idade da pedra. E nós não estávamos preparados. Naquele momento a cidade, que tinha um clube, passou a ter quatro. No lugar onde havia um professor, que às vezes trabalhava gratuitamente ou por quase nada, hoje há quatro ou cinco; hoje há competência, o professor vale mais, e é às vezes convidado por outro clube que paga mais, de modo que posso dizer que é fundamental que se prepare esta estrutura institucional paralela, esta estrutura federada. como o Sesame, porque o número de alunos que procuram os clubes, principalmente rapazes, mas também um pequeno grupo de moças, é muito grande. É o que sempre tínhamos desejado. Os motivos, bem... a possibilidade de conhecer o xadrez, que ele não é só para os excelentes, nem para os génios ou super dotados, qualquer um pode jogar. O fato do

xadrez estar nas escolas nos dá um espaço muito mais importante na sociedade, eleva-se o status do xadrez. Deixa de ser este joguinho...

Na minha juventude, na minha cidade, era um joguinho, que era jogado pelo garoto de óculos e sei lá o quê! Em uma das aulas, por exemplo, ao introduzir o xadrez nas escolas, teve-se que tirar 2 horas de outra atividade. Quando o papai vê o boletim, ou quando o aluno recebe o caderno de xadrez ou quando o xadrez é o tema da conversa em casa, os pais me procuram com grande satisfação. Um deles uma vez me contou que enquanto não joga duas partidas com o filho, este não o deixa tomar banho. Outro me disse que está conversando como nunca com os filhos, o que antes não podia por causa do trabalho e das preocupações. Agora, entre uma partida e outra, eles podem bater um papo e trocar idéias. Seguramente, o fato de ser uma matéria obrigatória facilita muito isso. No nosso caso, eu diria que possibilitou oito ou dez vezes mais do que tínhamos antes. A imprensa nos dá muito mais espaço e nós estamos aprendendo a utilizá-lo, para falar de todas estas atividades escolares, como os campeonatos e os encontros entre as crianças.

Aquelas crianças que têm xadrez na escola, e estão realmente entusiasmadas não se conformam com aulas duas vezes por semana, de 45 minutos cada; elas querem muito mais. Então temos que ter instituições abertas, esperando por estas crianças. De que maneira? Há muitas, mas as mais efetivas são as diretas; por exemplo, aulas gratuitas oferecidas pelos clubes. Somente nos primeiros meses é gratuito para que as crianças experimentem e vejam se o xadrez do clube realmente lhes agrada. Nesta fase, temos um instrutor no clube, que tem que ter paciência para reforçar no aluno os movimentos dos peões, além do professor na escola, que já está ensinando estratégias superiores, ou algo assim. Há instrutores para dois ou três níveis nos clubes. No entanto, onde antes tínhamos 20 garotos, agora temos 80, e temos que parar, porque senão fica difícil manter o clube funcionando. Portanto, este é um trabalho feito criança por criança, pai por pai; fazemos torneios, simultâneas. Muitas vezes acontece da criança não ir ao clube, não se animar. Temos então que quebrar este receio; uma forma é realizar torneios inter colegiais, onde as crianças, em grupo, perdem o medo muito mais rápido do que sozinhas. A rivalidade entre escolas de bairros diferentes também entusiasma e motiva. Os alunos não querem perder para outro colégio. Em uma cidade de 100.000 habitantes, por exemplo, há 4 ou 5 clubes, divididos em zonas geográficas, porque a experiência nos ensinou que o garoto que vai à escola de um bairro a 4 km de distância, não vai continuar por muito tempo em um clube de xadrez tão longe. Então cada clube abrange uma região designada. Eu trabalho com 7 escolas e o clube com outras 3 ou 4, por exemplo. E isso é uma responsabilidade: ter que preparar as equipes para os torneios intercolegiais, que acontecem todos os meses. Se eu tenho 7 escolas, eu tenho que levar pelo menos 7 equipes. E para isso colocamos mãos à obra. As primeiras atividades são simultâneas à escola. Esta é uma forma de ir aproximando o aluno do instrutor do clube, que normalmente não é o professor da escola. Eu vou primeiro à escola, falar sobre xadrez. Levamos Paolo Sarnick, outro dia, além de outros estrangeiros. 20 dias antes dele chegar, já se falava em xadrez. Os alunos levaram toda a família à escola, pais, irmãos. E 20 dias depois, ainda se falava nele. Estas são fórmulas que utilizamos, e continuaremos a inventar outras novas e aprendendo mais.

[Comentário de um participante do congresso, Diomar . José Perin:]

Eu gostaria de dar um exemplo de como foi formado um clube no Paraguai. O presidente da Federação, do Círculo Paraguaio de Xadrez, possui uma padaria e, atuando como patrocinador, convidou um professor de Cuba e formou um clube. Começou-se fazendo matrículas grátis. Portanto, se um professor desejar começar um clube na sua cidade, é só arrumar um patrocinador, que pagará pelas aulas. É uma maneira de se formar um clube, entre outras. Tem só que ter criatividade.

[Resposta de Eduardo Tomassi à pergunta de Vanderlei Melo sobre faltas:]

O xadrez normalmente é a terceira ou quarta aula. A criança chega às 8h da manhã, a primeira aula é de matemática, a segunda de língua, a terceira ou quarta, de xadrez. Se o aluno falta, falta a manhã toda; pois, uma vez dentro da sala, ele não pode sair. O que eu ainda não havia dito é que o professor não se retira, ele colabora com o professor de xadrez, trabalham juntos. Quanto a começar na 4ª série e não na 1ª, foi uma decisão tomada no início, seguindo o conselho de um grupo de pedagogos e especialistas em educação. Eles nos disseram que, nesta fase, a criança está terminando de consolidar o pensamento lógico-concreto e pronta para começar com as abstrações. Há também outros motivos como, por exemplo, não estarmos capacitados naquele momento a ensinar para a 1ª série e pré-escola. Não é fácil quando a criança

não sabe escrever, e não sabe o que é uma diagonal. Para um projeto que se iniciava com tantas lacunas, tantas dúvidas, só uma criança de 8 ou 9 anos poderia nos entender. Além disso, é geralmente a partir desta idade que se começa a trabalhar nos clubes. Em algumas escolas particulares, onde quem manda é o diretor, temos xadrez na 1ª série. Há inclusive algumas experiências com o pré-escolar.

[Comentário de Uvêncio Blanco:]

Há países que trabalham com pré-escolar e, portanto, têm um desenvolvimento programático propriamente escolarizado, como neste caso. Na Venezuela, nossa proposta é trabalhar com as crianças das 4ª, 5ª e 6ª séries, porque estas pertencem à 2ª etapa da educação básica. Elas têm aproximadamente 9 ou 10 anos de idade, na 4ª série. Há uma série de vantagens, do ponto de vista prático, em se trabalhar com crianças desta idade, devido ao seu conhecimento cognoscitivo já estar bastante adiantado. Porém, o fundamental, e que estou vendo também pela experiência de Tomassi, na Argentina, é o caráter obrigatório das aulas. Nós o fazemos no tempo livre escolar. Por exemplo, nós fundamos um clube de xadrez. Pela manhã as crianças têm as suas horas de aulas, das 7h às 12h, aproximadamente. Temos um currículo muito forte, com muitas matérias. É tarde, no tempo livre delas, organizamos cursos de xadrez, nos quais a participação é voluntária. O resultado é que em torno dos 9, 10, 11 anos as crianças já definiram a sua personalidade com bastante precisão, e podem indicar, elas mesmas, quais os esportes e atividades que gostariam de participar. Temos, então, essa população que vai aos clubes e às aulas por vontade própria, sem se sentirem obrigados. Há ainda outros elementos que nos permitem considerar esta a idade ideal. Em crianças de 9, 10 e 11 anos a concentração no trabalho é maior do que naquelas de 5, 6, ou 7, porque estes últimos têm a atenção mais dispersa - isso é comprovado cientificamente. Isso não implica em negar o trabalho de xadrez pré-escolar, nem o de 2º grau ou universitário. Tomassi está apresentando a sua experiência com 4ª, 5ª e 6ª séries e enfatizando que o fator econômico em sua região é preponderante. Em nossa proposta, damos ênfase ao desenvolvimento cognoscitivo.

[Pergunta de José Gonçalves Pereira:]

Qual a importância que os docentes de seu país dão ao ensinamento das regras básicas de xadrez? Esta pergunta fundamenta-se no fato de que mesmo os enxadristas adultos têm muitas dificuldades em interpretar e aplicar tais regras. Portanto, qual a importância, dentro do seu plano, do ensinamento dos regulamentos e não somente da parte técnica deste jogo. Gostaria que explicasse também o espírito dos boletins de qualificação dos corpos docentes.

[Resposta:]

Os regulamentos têm uma importância relativa. Eles são básicos, elementares. Mas o objetivo do xadrez escolar não é levar o aluno a um campeonato. Não é importante para nós que ele conheça o regulamento a fundo.

Os boletins são fruto do trabalho de uma comissão de cinco ou seis professores, mas que deve ser extinto ou modificado no ano que vem. Atualmente estamos avaliando memória visual, engenho e criatividade, capacidade de concentração, conhecimentos teóricos, execução tática, planejamento estratégico, espírito auto-crítico, respeito às regras do jogo, conduta e assistência. E há dois quadrados em branco para que cada professor, a seu critério, coloque dois pontos a mais para avaliação. Como estamos cientes de que, dos 150 professores, nenhum está realmente capacitado para qualificar, os conceitos são dados da metade para cima, para evitar desmotivação, e com notas de excelente, muito bom e regular (que é raro). Ruim ninguém recebe. O boletim nasceu como uma necessidade de estimular o aluno que se preocupa, de premiá-lo, para que ele e sua família acompanhem a sua evolução ao longo do ano.

Com relação às atividades extra-escolares, estas cumprem um papel decisivo para manter e incrementar o entusiasmo dos alunos. Simultâneas nas praças, maratonas enxadrísticas, certames individuais ou por equipe, concurso de desenho e pintura, jornalismo do xadrez; são algumas das alternativas que os docentes utilizam, geralmente nos fins-de-semana ou feriados, E isso não é pago, nasce daqui. (toca o coração). Temos encontros regionais frequentes, duas vezes por ano, nas férias de Julho e antes do encerramento das aulas, no fim do ano. Aliás, no próximo fim-de-semana teremos o 2º Encontro Provincial, ao qual irão 600 crianças, o que nos obriga a trabalhar 40 dias antes para agilizar tudo. O

encontro começa às 8h da manhã e termina às 18h. É tudo grátis para as crianças, portanto temos que comprar sanduíches, trabalhar nas barracas... mas é um trabalho que fazemos com carinho. Nestes encontros compartilhamos jornadas de camaradagem e fraternidade, de modo que as crianças não se esqueçam jamais. Além disso, temos a cobertura da mídia e participação dos diretores e do ministro.

Os trabalhos de xadrez ao vivo já existem em muitas escolas, que possuem equipes que vão às praças, festas, cerimônias protocolares da própria escola, exteriorizando o trabalho silencioso da sala de aula.

O procedimento nas salas de aula se faz da seguinte maneira: na 1ª aula o professor de xadrez é apresentado pelo professor regular. Ele conhece os alunos, conversa com eles, faz algumas reflexões, explica os objetivos do xadrez e do xadrez nas escolas. Faz também uma pequena resenha histórica do mesmo, suas origens, teorias sobre as origens, sua passagem pela Europa, relacionando-o com a História ou a Geografia. Mostra, além disso, diferentes jogos de xadrez, aproximando-os das crianças para que elas os peguem nas mãos. Esta é a introdução feita nos primeiros 45 minutos da 1ª aula. Já na 2ª aula, é narrada a lenda do jogo, incentivando a participação dos alunos para ajudar a contá-la - sempre há 3 ou 4 que a conhecem, através de outras pessoas ou das idas ao clube. A moral da lenda é analisada grupalmente. Se há tempo, pede-se que cada criança faça um desenho da imagem que mais lhe chamou a atenção na história, desenho este que será a capa do seu caderno ou da pasta de xadrez. Na 3ª aula, lhes é apresentado o tabuleiro, mostram-se os caminhos ou trilhas, que são a coluna, a fila e a diagonal, os lados e o posicionamento correto do tabuleiro antes de se iniciar uma partida. Pede-se que as crianças comparem o tabuleiro às coisas da vida cotidiana, e surgem então campos de futebol, campos de batalhas dos exércitos, e assim por diante. Esta divisão das aulas é apenas uma idéia aproximada, mas o importante é que não haja pressa em se ensinar o jogo propriamente dito. O material didático é 100% construído pelas mãos dos professores, às vezes com a ajuda dos professores de trabalhos manuais e da carpintaria da escola. Ao falar do tabuleiro, o professor coloca 4 ou 5 modelos, com casas de várias cores e tamanhos diferentes, ao alcance do aluno. Ao falar das colunas, estas estarão marcadas no tabuleiro com uma flecha vermelha; para as filas, flechas azuis. As diagonais são mostradas em dois tabuleiros: em um setas amarelas para as diagonais claras; no outro, setas laranjas para as diagonais escuras. Usa-se o amarelo para as diagonais comuns e o laranja para as duas diagonais principais. Em um congresso Ibero-Americano realizado em Salta, o projeto de uma professora nos deixou realmente maravilhados. Ela usou um tabuleiro de parede, o esqueleto de um tabuleiro de parede, isto é, quatro linhas com as casas em branco. Os alunos vão então construindo as colunas, diagonais, filas, até formar todo o tabuleiro. Ao contrário do método tradicional, neste diz-se aos alunos: "Construam vocês o tabuleiro!" Para finalizar esta parte com as crianças, pede-se que elas desenhem um tabuleiro com lápis de cor no caderno. (Em escolas humildes usa-se papel jornal ou papel reciclado. Nas demais, papel acetinado). Há dois anos estamos utilizando também um mural, que é colocado em um local privilegiado da escola, um corredor, por exemplo. Neste mural mostra-se ao resto da escola a evolução da disciplina, aula por aula. É um pouco o reflexo do trabalho em sala de aula transferido a este mural.

Somente na 4ª aula é apresentada a primeira peça - o peão. Ele aparece de diversas formas - de papelão, de argila, de plástico, de madeira, e também em ilustrações; dos peões usados antes de Cristo, passando pelos árabes, até os que são usados hoje, mostrando a 'metamorfose' pela qual ele e as outras peças passaram. Começamos com o peão porque talvez seja a mais complexa das peças, por causa da dualidade, move-se de uma maneira e é capturada de outra.

É indiscutível que a criança precisa jogar, precisa de prática. Criamos então vários jogos antes de chegar ao xadrez propriamente dito. Um deles é o clássico combate de peões: coloca-se os 8 peões na 2ª fileira, brancos e pretos, para iniciar o combate. Este jogo permite que as crianças consolidem o movimento e a captura do peão. A partir daí, elas começam a descobrir muitas situações surpreendentes. Descubrem que têm que pensar antes de jogar, que o adversário tem interesses diferentes dos seus. E isso não podem lhes ensinar através de uma competição onde não há ganhadores. Mais adiante lhes ensinaremos que, para nós, ganha quem chega à última linha. Porém, durante os primeiros 15 ou 20 dias, não falamos de ganhadores. Ganham os que aprendem a mover e calcular corretamente com o peão. Isto se prolonga por várias aulas, até que estejamos seguros de que o aluno entendeu perfeitamente. Inventamos também diversos contos que são intercalados a estas aulas: 'O peão arrogante', 'O pobre peão'. Estes contos encantam as crianças, que querem desenhar as histórias. Terminado o peão, passa-se à figura seguinte, a torre, apresentada da mesma maneira que o primeiro. Uma vez aprendido o movimento da torre, faz-se a

guerra dos peões com uma torre, depois com duas. A seguir são introduzidos diversos jogos como, por exemplo, a caça ao tesouro ou labirinto. Em vez de uma peça, tem-se o desenho de um doce, o tesouro. Este é fixado no tabuleiro e pergunta-se à turma como alcançá-lo. A princípio, as crianças conseguem em 3 ou 4 movimentos; depois, acabam conseguindo em apenas 2. O caminho ao tesouro começa, então, a ser dificultado com a colocação de obstáculos, ou seja, desenhos de pedras ou barreiras com ímã. O aluno é obrigado a dar a volta para chegar ao doce. Um a um, os alunos vão tentando, sem a interferência do professor, até que o 8º ou 9º acerta. O objetivo é a participação de toda turma. O labirinto é um pouco mais complicado. Nele, há mais obstáculos e o aluno deve esforçar-se para chegar ao final. Quando há o movimento de quase todas as peças, tem-se o ‘Tatedrez’, uma variação do ‘ta-te-ti’, (Jogo da Velha) englobado pelo xadrez. Em um tabuleiro pequeno, em geral com muito colorido, temos dois alunos, cada um com um bispo, um cavalo e uma torre. Coloca-se, primeiro, uma peça branca. Depois, a segunda e a terceira, e a busca começa. As crianças logo aprendem que colocando o cavalo em uma determinada posição, não há movimento. É um jogo muito divertido, tem definição rápida. Um dos problemas que temos com as crianças é que, às vezes, as partidas se tornam muito demoradas, e o fim da aula chega na metade da partida. O ‘Tatedrez’ acaba em 6 ou 7 jogadas e pode ser jogado muitas vezes. As peças não se comem, tem-se que dar voltas e mais voltas. Quando trabalha-se com crianças um pouco maiores, dá-se sempre a possibilidade de passo, ou seja, ganha-se deixando o adversário sem jogada, pois este tem que dizer ‘passo’. O jogo das 8 damas é utilizado mais adiante. Inicia-se colocando 5 damas, pois as 8 seriam para os alunos da 5ª série. Estas não podem estar ameaçadas ou amontoadas. Às crianças dizemos que não se pode comer entre elas. Há vinte e tantas posições no tabuleiro em que as damas podem estar.

[Pergunta:]

Quais as dificuldades encontradas por vocês na implantação do projeto, e se os benefícios hoje adquiridos estão assegurados pelo Decreto Municipal?

[Resposta]

Tudo isto está na proposta do Ministério da Educação da província de Santa Fé. Foi muito difícil, começamos com 8 escolas, trabalhamos gratuitamente nos primeiros seis meses, só depois veio a nossa habilitação. E os professores vão sendo incorporados de acordo com a dotação orçamentária. É a nossa maior limitação, porque não sabemos se teremos verba para aumentar o número de escolas no ano que vem. Hoje, tudo o que temos é a remuneração dos professores; todo o resto depende do nosso esforço. Para que os alunos possam ir ao encontro de 5 de Novembro, nós professores estamos trabalhando, vendendo frango assado aos domingos, vendendo rifas, tudo para pagar a viagem. Mas estas são coisas que já nos acostumamos, de modo que dos 350 dólares que recebemos no fim do mês, uma parte é reservada para consertar tabuleiros, comprar papel acetinado, cartolina, etc.

[Pergunta:]

Qual a duração do dia letivo dos professores de xadrez?

[Resposta:]

Normalmente tem 6 horas, até mais. Vejam, cada escola tem 6 ou 7 séries (as escolas pequenas) com 30 ou 40 alunos; se multiplica isto por 100 escolas, chega-se a 18.000 alunos. O professor tem que dar 2 horas de aula à 4ª série A e mais 2 horas à 4ª série B...dependendo da escola e da quantidade de turmas e séries. Há escolas que têm seis turmas de 4ª série...e bom, não é um único professor.

[Pergunta:]

Quanto ganha um professor de xadrez em Santa Fé?

[Resposta:]

Ganha-se por hora, como um professor especial. E isto deve ser tratado com muito cuidado para não criar desavenças com os professores regulares, que por vezes passam 20 anos de suas vidas nesta carreira, e de repente, chega um professor de xadrez que ganha 15 ou 16% a mais do que eles. A hora / aula está mais ou menos em 19 dólares. Em alguns casos, os professores dão ainda algumas aulas à tarde, superando as 30 horas permitidas. Os professores regulares ganham um salário fixo mensal; os professores especiais, como os de educação física, desenho, trabalhos manuais, informática, recebem praticamente como um professor de 2º grau.

Luís Santos (Portugal) - O desenvolvimento do xadrez em Portugal

[Narrador :]

Eu gostaria de apresentar o mestre internacional Luís Santos, de Portugal, autor de vários livros de xadrez e que está desenvolvendo um projeto genial em Loures, próximo a Lisboa.

[Luís Santos:]

Em 1985, quando iniciei meu plano em Loures, não havia nenhum clube de xadrez. Tampouco, era ele conhecido dos alunos. A primeira coisa que fiz, então, foi passar um questionário entre os alunos para ver até que ponto ia o conhecimento deles sobre o xadrez. Descobri que era quase zero, nem mesmo sabiam o nome das peças. Mas o que mais me interessava era saber do interesse deles em participar de cursos de xadrez. Através do questionário percebi que havia um interesse muito grande dos alunos em participar, sobretudo nas idades de 8 a 11 anos. Em Portugal, o xadrez não é muito conhecido, mas é respeitado. O mais difícil em Loures foi começar. Para minha sorte, o prefeito da cidade era um comunista que esteve preso durante muitos anos, e cuja única maneira de manter o cérebro funcionando era jogando xadrez. Tudo o que aconteceu depois foi com base nos resultados. E isso me parece importante ressaltar: para começar é preciso mostrar resultados. Ninguém vai financiar um projeto sem saber o que oferecemos. E o que temos a oferecer? Milhares de alunos querendo participar. Isso interessa a qualquer prefeito, a qualquer ministro. Além disso, interessa também fazer campeões, porque é o que as pessoas sabem; a gente sabe quem é Kasparov.

Como introdução, vou mostrar um mapa de Portugal. A população é de 10 milhões de habitantes, e só na região de Lisboa há 1 milhão de pessoas. O xadrez em Loures começou em 1985. Hoje, há xadrez em quase todos os outros municípios da região de Lisboa. Os números são mais ou menos estes: em Lisboa, ensina-se por ano mais ou menos 6.000 alunos; em Loures, 2.000; Vila Franca de Chira e Almada já têm um plano de desenvolvimento e ambas ensinam mais de 1.000 por ano. Portanto, pode-se dizer que na área de Lisboa, neste momento, ensinamos cerca de 10.000 alunos. Estes têm aulas nos tempos livres, voluntariamente, e tudo financiado pelo município, o Estado não contribui com um tostão sequer. A coordenação destes planos é feita pelos municípios, mas há um protocolo com a secção distrital de xadrez. A federação divide-se em federação e secção distrital. Nestes planos, o xadrez não está limitado somente à escola. O xadrez nas escolas é essencialmente o princípio de tudo, mas não é a parte mais difícil, porque a escola possui uma estrutura com professores, contínuos, um local certo, os alunos estão divididos por classes. Fora da escola o trabalho é mais difícil e mais importante, representa 80% do trabalho dos técnicos. Em Lisboa, o plano é diferente do de Loures, porque investiu-se mais e procurou-se por resultados mais imediatos. Também lá existiam alguns clubes de xadrez, com jogadores mais velhos, mas que não eram suficientes para apanhar os jogadores saídos da escola. Foram então criados os núcleos núcleos, não clubes. Os municípios criaram estes núcleos para que os jovens pudessem aprender a jogar melhor. Eu acho que é perigoso criar um núcleo. porque ele é directamente financiado. Se por acaso a câmara municipal deixa de financiar. o núcleo desaparece e com ele o xadrez nas escolas. Em Loures isto não acontece.

[Pergunta:]

Qual o número de alunos beneficiados com o plano. e qual o custo para o município?

[Resposta:]

10.000 é o número de alunos ensinados, não os que continuam praticantes. Após a escola, o número de praticantes é muito menor. E esses 10.000 são da área metropolitana (não só da cidade) de Lisboa, o que corresponde a cerca de um quinto da população de Portugal. Resumindo: são 10 milhões de habitantes no país, dois ou três milhões nesta área, e 10.000 alunos que aprendem a jogar xadrez por ano, por iniciativa exclusiva dos municípios. Este ano vamos tentar que parte das despesas sejam custeadas pelo Desporto Escolar, ou seja, a nível nacional. A coordenação continuaria a ser de Lisboa e dos municípios, mas parte das despesas, que são muitas, passaria a ser custeada pelo Estado. O município de Lisboa gasta cerca de 100 mil dólares com o plano de xadrez. Em Loures, aproximadamente 50 mil. Em Almada, Barreira e Vila Franca de Xira é mais ou menos 10 mil para cada município. Estes são números actuais. Para explicar como se chegou a isso, vou relatar Loures em pormenores.

Tudo começou com o plano "Vamos Todos Jogar Xadrez". Ainda não era o plano de desenvolvimento, mas apenas uma experiência. Começamos em 1985, com 2 mil dólares por ano. São 340 mil habitantes, cerca de 30 escolas preparatórias e secundárias e mais 100 escolas primárias. Loures é uma cidade muito jovem. Possui um terço do número de habitantes de Lisboa, mas um grande número de jovens. Percebi, após o questionário, que os alunos das escolas preparatórias, que têm entre 9 e 11 anos, tinham um grande interesse em participar do plano. As perguntas eram do tipo: 'Se houvesse um curso na escola, gostaria de entrar ou não?' ; 'Se houvesse um campeonato na escola, gostaria de entrar ou não?' . Nas escolas secundárias, dos 12 aos 18 anos, houve muitos 'não'. Mande questionários a todas as escolas e a todos os clubes perguntando se por acaso receberiam os alunos interessados. De 200 clubes, só obtive resposta de 10, sendo que destes 10, apenas dois tinham condições materiais e salas disponíveis. A primeira coisa que eu fiz, então, foi a sensibilização. O plano atual tem 4 áreas fundamentais: a área do xadrez nas escolas, a área das iniciativas (que são muitas, quer do município, da federação, dos próprios clubes), a área de apoio e formação de clubes e dirigentes, e a área da academia, surgida recentemente. Só agora é um plano porque compreende todas as áreas, foi se desenvolvendo devagar. Neste momento temos 14 clubes. Destes 14, 10 possuem dirigentes jovens, de 14 a 17 anos de idade. Também temos muitas iniciativas. As distritais jovens, sempre feitas em Loures, em todos os escalões: 10, sub-10, sub-12, sub-14, ... até sub-20. Temos campeonatos nacionais de jovens - aqui não são apanhados todos os escalões, mas apenas um ou dois, e são as provas mais importantes. Temos festivais de 2 em 2 anos; o primeiro festival foi feito em 1988, e são estes festivais que saem nos jornais, na televisão. Lá são mostrados os trabalhos desenvolvidos, e o que mais interessa é a competição. Arranjar um patrocinador para um festival é fácil, é só dizer que vamos colocar 10.000 jovens em um pavilhão jogando simultâneas, torneios, e fazer exposições. O patrocinador quer saber o número de pessoas que vão estar lá, que tipo de cobertura os jornais vão fazer, se a televisão vai ou não estar lá - normalmente deve-se negociar diretamente ou até mesmo pagar à televisão. É preciso mostrar recortes de jornais dos festivais anteriores; no primeiro foi difícil, mas do segundo em diante foi ficando mais fácil. O festival também é muito importante para os dirigentes dos municípios mostrarem o que fizeram. Há também outras iniciativas, como o "Troféu", que é uma prova entre os clubes, totalmente municipal. Ou os "Jogos da paz", realizados durante um mês por iniciativa dos clubes. A divulgação e a inscrição para tudo isto é feita nas escolas, em ligação com os clubes. Estas iniciativas são, na realidade, muito mais importantes do que o xadrez na escola; mas, é claro, sem o xadrez na escola, não haveria nada disto. Acima de tudo isto está a coordenação do plano. No momento, a coordenação do plano em Loures é feita por mim.

Dentro das escolas, há os monitores, que são os que ensinam e organizam torneios escolares. Na academia temos uma rede de treinadores. Esta é a estrutura humana: um coordenador geral, um responsável pelas escolas, monitores e treinadores. Em Loures, temos hoje 15 treinadores e 3 monitores; em Lisboa, 30 treinadores e 40 monitores. O trabalho dos monitores nas escolas é a sensibilização, que sempre precede o curso. Eles chegam em uma escola de 1000 alunos e distribuem 1000 cartilhas com peças de recortar ou descartáveis, recolhem os horários livres dos estudantes e marcam as datas para o curso. Ao contrário da Argentina, em Portugal o curso não dura o ano todo, mas só uma semana. Então, deve-se prestar muita atenção porque é uma oportunidade única de aprendizagem. Em Loures, o curso dura uma semana, seguido de 2 torneios. Já em Lisboa, o curso é de 2 semanas - aprendizagem e aperfeiçoamento - e depois em torneio. Normalmente o primeiro torneio era na semana seguinte ao curso, para que não se esquecesse nada. Nos últimos anos estamos fazendo 2 torneios: um inter-turmas ou inter-classes e um individual. O de inter-classes tem sido um sucesso. Os monitores avisam então á escola quando levarão os papéis de divulgação, que foi ideia de uma professora: um papel que é entregue a cada aluno dizendo onde e quando será

realizado o curso. As datas são trabalhadas em cima dos horários livres dos estudantes. Marcada a semana, o monitor estará na escola durante 6 horas por dia, de maneira que em 3 dias, todas as turmas terão pelo menos uma aula teórica e uma prática. Dependendo do monitor, diretamente a aula prática, porque, como vamos ver, a aprendizagem não é importante. Na semana em que o monitor vai à escola, ele tem que ter em mãos o seguinte: as folhas de inscrição de cada turma preenchidas, um boletim com as regras, um tabuleiro mural e jogos. A responsabilidade de verificação do preenchimento das folhas de inscrição é do coordenador, que deve estar sempre em contacto com a escola para que nada falhe, senão, o curso só sai no ano seguinte. Portanto, a divulgação tem que ser acompanhada de muitos telefonemas ou idas à escola para ver se tudo está sendo bem feito. Ao contrário da Argentina, achamos que ensinar não é importante, mas sim motivar o jovem. Se ele estiver motivado, estudará as regras em casa. Em uma escola com 1000 alunos, cerca de 150 vão ao curso; destes 150,30 participam do torneio. Isto dá uma média de 2 alunos por turma da escola. Estes 30 são trabalhados no resto do ano. O objectivo principal é o desenvolvimento do xadrez, com o que proporciona-se a ligação destes alunos aos clubes, festivais, torneios, etc. Desse modo, eu trabalho mesmo com 700 alunos, não 2000. Destes 700, só 200 entram nos clubes. Quando estes chegam aos 15, 16 anos, ficamos só com 20, os outros desistem, como em todos os esportes. Além disto, as pessoas não vão mais aos clubes só pela competição, é preciso oferecer viagens, bailes, etc. Principalmente no caso do xadrez, em que se pode jogar em casa, no computador. Na França, por exemplo, 40% dos esportistas não está ligado a nenhuma estrutura. Voltando aos 700 alunos que realmente jogam xadrez, há um torneio por equipe e um individual. É importante dar prémios nos torneios - em média no valor de 100 dólares, medalhas para todos os participantes, livros de xadrez, jogos. Os torneios interescolares são considerados os mais importantes pelos alunos de 10 e 11 anos. Estes torneios possuem 5 provas, realizadas aos sábados e domingos. Os prémios são somente livros de xadrez. Os resultados de todos estes torneios nas escolas são colocados em uma lista com os nomes e classificações dos alunos. Esta lista é dada aos dirigentes da academia e dos clubes que os chamam para torneios, festivais, etc. Isto é feito somente nas escolas preparatórias, com alunos de 8, 9 e 10 anos. Não fomos às primárias - crianças de 8 anos para baixo - por uma questão econômica. Existem mais de 100 escolas primárias. E também porque uma semana em uma escola primária não serve para nada. A partir deste ano vamos começar com 4 ou 5 destas escolas, em cursos de 3 ou 4 semanas.

[Pergunta:]

Como são organizados os torneios escolares?

[Resposta:]

A organização dos torneios é feita de um modo muito pouco competitivo; há os prémios, mas estes são dados praticamente para todos. Além disso, há a divulgação imediata feita pela academia. Se o aluno quiser aprender mais, pode ir ao clube ou a academia. Agora, em termos de números, é o seguinte: na escola, ensinamos 2000 alunos com 4.000 dólares; na academia, 200 alunos com 10.000 dólares. É verdade que o aluno que aprendeu só na escola não vai ficar bem classificado no torneio, no primeiro ano; mas no ano seguinte, sim. E vai ser incentivado por ter visto outros jogarem, por ter participado.

Eu fui à Polónia em 1983 e perguntei como eles conseguiam desenvolver tão bem o xadrez nas escolas. Eles me disseram que não faziam nada, que era uma coisa que acontecia naturalmente. Na Holanda, há um plano semelhante ao nosso, mas é tudo patrocinado por um banco. A parte mais importante, porém, é o xadrez fora da escola. O xadrez nas escolas pode até desaparecer, mas o resto não. O que me impressionou muito foi que o Tomassi disse ontem que uma parte tão importante como as actividades extra-escolares fique ao acaso, de acordo com a vontade dos professores. Isto pode funcionar durante um ano ou dois, mas depois de 3 ou 4, não sei. Porque os monitores também gostam de dinheiro.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber de quanto tempo vocês dispõem em Portugal para ensinar as regras do jogo e dos torneios. E como vocês prepararam os primeiros árbitros e organizadores? E gostaria de saber se existe em Portugal um plano ou algo escrito que apresente o xadrez como um complemento educacional, para a formação do carácter e da personalidade.

[Resposta:]

Antes de começar o plano, eu apresentei um projecto à câmara explicando as vantagens educativas do xadrez na escola. Mas nunca expliquei tal coisa a nenhum professor ou escola. Acho até errado que eu, que não sou professor, vá à escola explicar ao professor as vantagens do jogo. Se ele não sabe, não sou eu quem vai explicar. Os monitores também não explicam nada disso, normalmente. Não dizem nem quanto ganham, porque geralmente é mais do que os professores. Um monitor ganha 1200 escudos por hora - aproximadamente 6 dólares. É muito mais do que o salário mínimo. E quem paga isto é a secção de Lisboa; os monitores não são funcionários públicos municipais, são independentes. Já os coordenadores têm contrato com os municípios. Os treinadores chegam a ganhar o dobro. O tempo de ensino das regras é de 4 horas. E se não se ensina as regras, não faz mal. Quanto aos árbitros, dirigentes, formação de dirigentes, etc., isto tem a ver com as iniciativas, clubes e academias. Há duas iniciativas oficiais: os campeonatos distritais e os nacionais. Nós apoiamos os campeonatos distritais, pagando os árbitros, arranjando salas, divulgando; quem organiza é a secção distrital. Os campeonatos nacionais só foram apoiados no passado, com a condição de que fossem abertos para que pudéssemos pegar as listas e dizer: "Venham todos!" Os últimos campeonatos abertos foram em 1992, com mais de 500 participantes. Agora os campeonatos já têm muita gente, são muito difíceis de organizar e raramente os apoiamos, e assim mesmo para manter a tradição dos campeonatos nacionais. Depois, os festivais, onde temos simultâneas; já tivemos Loures versus resto do país, parecia Rússia versus resto do mundo, e isso antes de surgirem as academias. Em Lisboa ainda há muito mais iniciativas. É raro um fim-de-semana em Lisboa em que o jovem não tenha um torneio para jogar. As próprias autoridades autárquicas - os prefeitos, por exemplo - gostam destas actividades. Em termos de apoio, no entanto, as coisas não andam muito boas. Eu fui ao presidente da câmara de comércio e ele me disse que poderia arranjar 20 ou 30 patrocinadores que me dariam 1.000 dólares cada. Eu disse que não queria. O que eu faço com 1.000 dólares não vale a publicidade de um patrocinador. Quem pode dar mais dinheiro são os bancos, empresas nacionais e multinacionais, mas estes querem propaganda em todo o país. Para um campeonato nacional, portanto, é fácil arranjar um patrocinador, mas as despesas não são grandes; o que custa muito é o plano. A solução é ter um plano nacional. Basta ver a Holanda. Eu já disse à Federação Portuguesa para entrar em contacto com a Federação Holandesa, já disse ao próprio Palladino e ao Campomanes que a Federação Internacional deveria comprar o plano holandês para a FIDE e depois distribuir para todo o mundo, porque é o melhor plano do mundo. Eles trabalharam 5 anos antes de iniciar qualquer actividade. Os testes escolares são corrigidos por computador. Enquanto eu faço festivais com 700, 800 crianças, eles os fazem com 35.000 - e com anúncios do banco por todo o lado. Com a federação e o banco, é fácil. A mim, me dão mil dólares e está óptimo.

Vamos então aos clubes. O que são os torneios de captação? São provas organizadas pelos clubes quando recebem as listas fornecidas pelos monitores. Este é um primeiro contacto do jovem com o clube. A academia começou em 1992, ainda não possui sede, e é uma rede de mestres municipais. Isto é importante porque o município não pode pagar treinadores aos clubes, caso contrário todas as outras modalidades de esporte também iriam querer o mesmo. Os treinadores das academias vão então aos clubes especificamente para preparar os jovens para as provas que o município apoia. Ou extraordinariamente para os campeonatos mundiais - já tivemos 26 jovens de Loures que participaram de campeonatos mundiais. No momento há 14 clubes. Não havia nenhum, foi preciso um trabalho muito grande para conseguir isto. A cada ano, mandava mais questionários para os clubes, dizendo o que tinha a oferecer: "Querem receber 30 jovens? Se não querem, podem fechar as portas!" Os clubes diziam então: "Aceitamos os 30 jovens, mas não temos ninguém para ensiná-los". Eu disse que arranjaría alguém do plano ou eu mesmo iria ensiná-los, inclusive a se organizar e a formar os seus próprios dirigentes. De 200 clubes, 15 aceitaram. Para escolher os dirigentes, peguei 4 dos 30 jovens que eu achava que poderiam vir a ser bons dirigentes, conversei com eles e expliquei a estrutura. O presidente trata da papelada, tem contactos com o plano e a direcção do clube; o relações públicas faz os contactos, recebe a lista dos monitores, etc.; há também o responsável pelo material e o tesoureiro. O município fornece todo o material aos clubes (peças, biblioteca, etc.) Um jovem que apenas joga o torneio de captação e depois vai muito pouco ou não vai ao clube, mas que o representa nos campeonatos, não deve ser sócio. Deve ser sócio aquele que utiliza frequentemente as instalações do clube e paga por isso. A cota varia de clube para clube, mas é barato. Há clubes que se preocupam mais com um grande número de sócios do que com o dinheiro. Voltando às reuniões com os jovens, a primeira é a coordenação, depois a formação, e, em seguida, a reunião dos 4 jovens com a direcção do clube. Depois marca-se uma reunião geral para explicar o funcionamento, formação de clube, etc., seguido da organização do torneio de captação. Os outros 26 jovens já chegam com tudo pronto e organizado. Mas eu não faço

reunião alguma se não houver uma sala própria para o xadrez. Em Loures, se o plano falhar, ainda temos toda a estrutura montada, e esta fica. O que também acontece é que nos escalões sub-14 e sub-16 desaparecem muitos jogadores, porque a escola lhes exige muito neste período, e eles têm que optar. Já os sub-18 e sub-20 normalmente são enxadristas para o resto da vida. Dos 2.000 ficam 5, o que já é muito bom. Algumas vezes aparece um pai querendo ser presidente, tesoureiro ou relações públicas. Eu fico muito triste porque um dos meus objectivos é formar dirigentes. Mas é difícil conter o entusiasmo de alguns pais, que conseguem mais coisas e mais rápido, por isso eu não posso dizer não. A academia surgiu quando o interesse pelo xadrez aumentou e eu não tinha tempo de ensinar em todos os clubes. Foi como uma imposição dos próprios clubes, que queriam os seus jogadores bons aprendendo mais. Mas é muito difícil, de início, convencer o município ou um patrocinador qualquer a montar uma academia sem que tenhamos um fenómeno como um ‘Fischerzinho’, um ‘Kasparovzinho’. Neste momento, estamos ensinando 200 jogadores na academia, em 4 níveis. Outros clubes mais avançados possuem todos os níveis. Eu peço um relatório aos clubes todos os anos, por que eles passaram a receber um subsídio desde 1991, alegando ter que realizar todas estas actividades, participar de torneios no Porto ou em Coimbra, federar os jogadores, pagar o seguro desportivo obrigatório existente em Portugal e apoiar o plano. O subsídio foi dado com a condição de que os clubes conseguissem com que os seus jogadores participantes de torneios escolares frequentassem as suas instalações. Mas há outros critérios: os que vão a mais provas, os que vão a campeonatos mundiais, etc. O material não está incluído, pois é muito barato em Portugal. Um jogo custa aproximadamente 5 dólares.

É muito importante, para quem vai começar um plano, possuir documentos para mostrar aos dirigentes. Mostrar números e resultados. Neste momento nós já temos qualidade, não só números. Por exemplo, entre Maio e Julho a academia funciona só com os jovens que vão ao campeonato mundial. Um treinador nesta fase já ganha muito bem. A academia mandou, só este ano, dois treinadores a Bratislava, com tudo pago. Vamos tentar agora estender isto a todo o país, não só Lisboa. Assim teríamos uma academia nacional, coisa impossível em 1985, por exemplo. A actividade nas escolas foi fundamental para tal realização, e não pode parar.

[Pergunta:]

Quando se tem um grande mestre, como Fischer nos EUA ou Mequinho aqui no Brasil, o esporte assume uma posição relevante, em termos de publicidade. O que vocês fazem em Portugal para que os grandes enxadristas não fiquem parados, sem se desenvolverem e sem atrair publicidade? Se no Brasil tivéssemos 20 ou 30 grandes mestres, o xadrez estaria numa posição diferente. Eu acho que se deveria trabalhar sobre os bons jogadores, os de destaque, para atrair publicidade. Vocês fazem algo do tipo em Portugal?

[Resposta:]

Esta é uma pergunta que me toca de modo particular, porque eu também já fui jogador. Em Portugal não há, nem nunca houve, apoio ao jogador; mas há uma possibilidade de se vir a ter. No projecto da academia, se por acaso me aparecer um ‘Mequinhozinho’, ele vai ter um treinador só para ele e gastaremos muito dinheiro com ele. Mas isso já é um plano, e não mais um projecto. Eu fui campeão de juniores em 1973, de seniores em 1978 e 79, e nunca tive apoio nem treinador. Mas os jovens de hoje já tem uma perspectiva de apoio. É importante ver que um Fischer sozinho faz mais do que 40 planos.

[Pergunta:]

Eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre os monitores.

[Resposta:]

O problema dos monitores é um problema grave, principalmente em Lisboa, onde há 40 monitores essenciais. A formação deles é muito importante. Eles fizeram um teste e agora vão receber o salário de acordo com a nota que obtiveram. Nestes testes há perguntas técnicas, como na Argentina, e pedagógicas. Mas a pedagogia é mais especial, por ser mais importante nos torneios do que no próprio curso. A pedagogia do curso é, principalmente, saber motivar o aluno.

Jean-Claude Loubatière (França) - França: do maternal à universidade

[Narrador:]

Temos a satisfação de receber Jean-Claude Lobatière, presidente da Federação Francesa de Xadrez e que há mais de 20 anos trabalha com o ensino de xadrez em Montpellier, sendo responsável pela Ia Secção "Xadrez e Estudo". Actualmente, a França possui xadrez em todos os níveis escolares.

[Jean-Claude Lobatière (tradução de Luís Santos):]

Ele vai falar do xadrez nas escolas na França, que considera muito importante, sobretudo porque o xadrez não tem público como os outros esportes. Há três pontos essenciais sobre os quais ele vai se centrar: a qualidade de ensino, as competições escolares e a relação do movimento escolar com os meios sociais em geral. A federação forma os monitores e treinadores para manter a qualidade de ensino através de testes em 4 níveis: monitor de 1º grau, de 2º grau, treinador e mestre treinador. Esses treinadores e monitores também ajudam a resolver um problema social na França: o desemprego. Um dos aspectos fundamentais são as competições escolares. Os jovens gostam de jogar, as competições são regulares, às 4ª feiras e sábados, dias em que não há aulas. Não interessa que o nível não seja muito alto, o que é preciso é que todos joguem, sempre na perspectiva de um campeonato nacional. Outro aspecto importante é a ligação entre as escolas e os clubes civis. Para isso a federação criou campeonatos nacionais, com 4 divisões, por equipas, para que os clubes se interessem mais pelo que acontece nas escolas. A fim de tomar esta ligação uma realidade, a federação obrigou todos os clubes que jogam na I a divisão de seniores a terem uma equipa de jovens e a inscrevê-los nos campeonatos nacionais.

[Pergunta:]

O ensino do xadrez nas escolas francesas é obrigatório ou não, em todas os níveis? É curricular ou não, há nota para passar?

[Resposta:]

O ensino não é obrigatório. Há escolas com xadrez e outras sem. Não é possível que todas tenham porque há um número muito vasto de matérias e uma tendência actual é a de diminuir este número. Mas sempre que há um monitor disponível, temos xadrez na escola.

[Pergunta:]

Em quais séries o xadrez é ensinado e como são tratadas as regras?

[Resposta:]

Eles possuem muitas experiências com escolas maternais e primárias, com jovens menores de 11 anos; em colégios com jovens de 11 a 16 anos, e um pouco menos nas escolas superiores (liceus). Mas para se ter uma noção do número que isso implica, há 22,000 jovens federados e mais 200.000 envolvidos com a aprendizagem. Os escalões oficiais já existem há muito tempo: sub-20, sub-18, sub-16, sub-14, sub-12 e sub-10, sendo que a categoria sub-08 foi criada há poucos anos. Há campeonatos para todas as categorias - 14 ao todo, masculinos e femininos, Estes conseguem reunir até 800 participantes. Nos jogos de sub-08 o tempo é de 1 hora. Já os de sub-10 e sub-12, é de 2 horas. As regras para os campeonatos são as regras oficiais, só diferindo um pouco nos campeonatos escolares.

[Pergunta:]

Como é dar aulas de xadrez no maternal, a crianças que ainda não possuem raciocínio lógico formado?

[Resposta:]

Há uma pedagogia especial para isso. O método é mais visual, mostra-se o movimento das peças.

[Pergunta de Wesley Rocha:]

Como é ensinado o xadrez a deficientes auditivos e visuais na França?

[Resposta:]

Aos deficientes auditivos de maneira semelhante às crianças, ou seja, visualmente. Para deficientes visuais existem tabuleiros especiais.

[Pergunta:]

Como são formados os professores?

[Resposta:]

A formação dos monitores é feita em um curso de 15 horas, em 3 dias, onde o essencial é a formação pedagógica. Este curso termina em um domingo à tarde, quando é feito um teste oral, diante dos alunos e do júri, seguido por um teste escrito e, mais tarde, testes por correspondência.

Uvêncio Blanco (Venezuela) -- Sistema de instrução enxadrística

[Narrador:]

É com muita satisfação que teremos agora a palestra de Uvêncio Blanco. Ele nasceu em Caracas, na Venezuela, em 1955, é graduado em Biologia e Ciência Geral, e pós-graduado em tecnologia educacional. É director do clube 'Capablanca' desde 1985, membro do colégio de professores da Venezuela, coordenador de xadrez em um projecto que ele mesmo vai explicar, coordenador do programa de xadrez para as escolas do serviço autónomo da educação distrital, presidente da Associação de Xadrez do Distrito Federal e secretário geral da Federação Venezuelana. Considera o xadrez um direito universal e luta pela sua implantação no sistema educativo venezuelano. Actualmente tem se dedicado à direcção enxadrística e à elaboração de novos sistemas instrucionais para o xadrez, sobre o que falará.

[Uvêncio Blanco:]

Na Venezuela, o xadrez nas escolas começou em 1988, através de um decreto governamental, segundo o qual o xadrez seria levado a todas as escolas municipais dependentes do serviço autónomo de educação distrital. Estas são escolas que dependem do governo do distrito federal. Quando começamos a coordenar o projecto, nos deparamos com vários problemas: falta de livros, falta de preparo dos professores, falta de material. Também não há, na Venezuela, uma tradição enxadrística. Percebemos então que teríamos que começar com a elaboração de um plano que pudesse ser utilizado não só em Caracas, mas em todo o país. Depois este projecto se universalizou. Em 1991, participamos do 1º Seminário Latino-Americano para o ensino do Xadrez. Em 1992, o projecto foi apresentado por Nicola Palladino à comissão de xadrez nas escolas, que o aprovou. Em Fevereiro deste ano apresentei à comissão de xadrez nas escolas em Milão, Itália, o projecto definitivo, a primeira versão do livro Sistema Instrucional de Xadrez, níveis I, 11 e 111 - uma metodologia para o ensino do xadrez, da Federação Internacional de Xadrez, FIDE, e a comissão 'Chess in Schools' (Xadrez nas Escolas)/ Zone 9 - 'Chess Education Project' (Projecto de Educação do Xadrez - Zona 9). Este é um projecto que começamos a desenvolver na Zona 9, que compreende o México, Centro-América, Caribe, Venezuela, Equador e Colômbia. Pelas conversas que tivemos por aqui, provavelmente ele se desenvolverá também no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Espanha e França.

Por que 'sistema' no título do livro? Porque no início tentamos dar um enfoque sistêmico ou sistemático ao ensino do xadrez, de acordo com as novas tendências das tecnologias educativas. Segundo

Roger Koffmann, um pesquisador norte-americano, o enfoque de sistema é um processo lógico para identificação e resolução de importantes problemas educativos. Permite identificar as necessidades da instrução, ou seja, define o problema. Permite também analisar as necessidades para transformá-las em objectivos e definir ou traçar a estratégia a ser seguida. Além disso, implantar experimentalmente a estratégia e determinar a eficiência da execução, ou seja, a avaliação. Por último, fazer a revisão para a introdução das mudanças necessárias. Isto tudo significa que existe a possibilidade de modificação da proposta inicial. Este é o espírito do livro Sistema Instrucional de Xadrez. Ele se resume a uma proposta metodológica resultante de um trabalho pedagógico cientificamente articulado, confiável, económico e de fácil compreensão e adaptação para diferentes contingentes de crianças em idade escolar. A problemática actualizada é a inexistência de uma metodologia de ensino de xadrez. Quero que vejam o seguinte esquema: no diagrama de Koffmann "é X deve ser". O "é" é a nossa realidade, o "deve ser" é o que desejamos que seja a nossa realidade. Na nossa realidade existe uma multitude de métodos, programas, propostas, projectos e cursos individualizados, carentes de fundamentação científica; são assistemáticos e pouco confiáveis. Quando fizemos a revisão da bibliografia, observamos que não tínhamos um modelo sistemático, científico e pedagógico confiável. Havia muito material, mas tudo sem condições. O que se pretende com esta nossa proposta é oferecer um modelo metodológico homogéneo, sistemático, confiável e universal, podendo ser utilizado por todos com as devidas adaptações. Para se chegar à elaboração de uma proposta viável, tínhamos que ter uma concepção diferente do processo de ensino-aprendizagem. Para nós, a aprendizagem se divide em duas grandes áreas: a aprendizagem como processo e a aprendizagem como produto. A aprendizagem como processo se desenvolve durante toda a vida. A aprendizagem como produto permite identificar e descrever as acções humanas resultantes da aprendizagem, isto é, um individuo aprende quando a sua conduta o demonstra. Neste trabalho levamos em conta principalmente a discriminação múltipla, ou seja, dados vários tabuleiros semelhantes, com pequenas variações, a criança tem condições de discriminar ou estabelecer diferenças entre as posições. Uma das características dos grandes jogadores é o domínio dos conceitos. A interpretação de uma posição varia de jogador para jogador a partir de como ele interpreta um conceito, e somente dominando-o ele pode resolver um problema no jogo. A aprendizagem de princípios ou regras também é importante, pois o xadrez é um jogo de regras. A resolução de problemas é o aspecto crítico do ensino e prática do xadrez. Em função dele estamos desenvolvendo um trabalho associado ao factor inteligência. Começamos a esboçar um novo conceito de xadrez, segundo o qual o jogo é um 'continuum' de proposta, elaboração e resolução de problemas de tomada de decisões e elaboração de um pensamento criativo em situações de incerteza. Do ponto de vista da aprendizagem como produto, nos interessam as habilidades intelectuais e as estratégias cognoscitivas, ou seja, como a criança capta, transforma e devolve ao meio ambiente a informação. Esta proposta instrucional é eclética, reúne em si elementos de todas as escolas, de modo estruturado, para o ensino do xadrez nas escolas. Porque o xadrez, ao contrário da matemática, por exemplo, que é uma ciência exacta, é um jogo que tem elementos de ciência e de arte, mesmo que a base do pensamento enxadrístico seja eminentemente matemática.

Os elementos das estratégias de instrução são os seguintes. Primeiro, o modo de instrução, que se refere à maneira como se administra em classe uma experiência educativa. Por exemplo, o modo de apresentação está centrado no professor, porque é ele quem faz tudo: fala, explica, distribui e recolhe material, corrige, etc. Segundo, o estudo individual, centrado no aluno. Terceiro, a modalidade da interacção, onde o professor e aluno interagem. Depois disso, as regras de instrução são as normas e regras que regem as actividades em sala de aula.

Os eventos de instrução são as etapas de desenvolvimento de uma turma: atrair a atenção do aluno, informar sobre os objectivos, recordar os pré-requisitos, ou seja, o que ele já deveria saber, apresentar informação nova, promover a prática para que o aluno incorpore o aprendido, e fazer a avaliação. Mais adiante temos que levar em conta como se organiza o grupo, isto é, deve-se ter em mente a natureza dos objectivos da aprendizagem, as necessidades individuais dos alunos, que varia muito. o método de instrução e a organização do ambiente -um dos aspectos mais importantes e um dos mais descuidados. O ambiente não deve ser necessariamente um ambiente standard, mas deve ser de fácil acesso, tamanho e forma adequados, iluminação e acústica correctas e recursos audiovisuais necessários. Tudo isto entra no que chamamos de 'estratégias de instrução'. Mas quais são os propósitos gerais do ensino do xadrez? Primeiro, desenvolver no indivíduo uma atitude favorável ao jogo, que permita apreciá-lo como elemento gerador de cultura. Estamos inclusive elaborando, juntamente com a comissão de xadrez nas escolas, um documento solicitando à UNESCO para que o xadrez seja considerado património cultural da humanidade,

um direito universal. Em segundo lugar, nos propomos a garantir ao indivíduo a aquisição de conhecimentos. Em terceiro, permitir ao indivíduo estabelecer vínculos entre o xadrez e sua vida quotidiana. Quarto lugar, desenvolver no indivíduo sua capacidade intelectual a partir do estímulo da esfera cognoscitiva, o ponto mais importante. Nos propomos também a contribuir, através do xadrez, ao desenvolvimento intelectual, moral e ético, ou seja, queremos fomar personalidades mais activas e autónomas. Favorecer também a habilidade para argumentação e desenvolver a auto-estima. Resgatar, para uso pedagógico, o aspecto lúdico da disciplina, e estimular a habilidade de resolver problemas. Por último, levar em conta a individualidade dos alunos, mesmo passando-lhes uma informação uniforme, homogénea.

Na Venezuela existe o pré-escolar (3 a 6 anos), 1ª, 2ª e 3ª séries (6 a 9 anos), 4ª, 5ª e 6ª séries (10 a 12 anos), 7ª, 8ª e 9ª séries (13 a 15 anos), o ciclo diversificado compreendendo 2 anos em ciências, humanas, técnicas ou outras especialidades, para jovens de 16 e 17 anos, e finalmente, a universidade, de 18 anos ou mais. Nosso trabalho está dirigido aqueles que têm de 9 a 12 anos aproximadamente. Isto não quer dizer que não possamos desenvolver o xadrez nas outras etapas, embora estejamos nos concentrando basicamente neste período. Por que ensinar xadrez nas escolas? Porque o xadrez tem uma base matemática, que é o instrumento e a linguagem da ciência. E porque o xadrez desenvolve o pensamento cognoscitivo como memória, inteligência, concentração, análise. Além do mais, ele possui uma pauta ética e moral na aquisição de valores morais e permite a formação de um cidadão melhor. Finalmente, pelo prazer que proporciona. Todos estes elementos não foram inventados, há suficiente pesquisa e fundamentação científica.

Por que ensinar a alunos entre 9 e 12 anos? Porque tais crianças se encontram no período de desenvolvimento cognoscitivo das operações lógicas concretas e abstractas, segundo Piaget. E porque nesta idade elas já possuem noções de seriação e classificação, e conhecem as operações matemáticas básicas (somar, subtrair, dividir e multiplicar). Além disso já têm uma noção de conservação de peso e volume. Antes de 8 ou 9 anos, as crianças não têm consciência destes conceitos. Assim, podem apenas ordenar elementos em função de uma variável determinada e agrupar objectos. Compreender a perspectiva ou posição dos objectos no espaço e a noção de linha e distância. Ter uma noção de valor e justiça e ser autónomos, isto é, não deixar que lhes imponham um jogo. Por último, têm uma capacidade de tolerar disciplina. Há estratégias metodológicas que podem ser utilizadas para ensinar xadrez. Uma delas é a actividade lúdica; o xadrez é um jogo e possui o desenvolvimento dos processos de forma lógica e organizada. Um mesmo problema no tabuleiro pode ser abordado de diferentes maneiras por diferentes jogadores, principalmente crianças. Por exemplo, nas Olimpíadas de Manilha, um jogo foi suspenso e havia 8 mestres e 10 opiniões diferentes sobre a posição. Isto não quer dizer que não irão chegar todos à mesma solução final, mas que utilizarão processos diferentes para lá chegar. O desenvolvimento das habilidades básicas de uma criança de 8, 10 e 12 anos é diferente. A experiência prática adquirida por uma criança de 13 anos é maior do que a de uma de 8 ou 9. E isso é importante no momento em que vamos apresentar algo às crianças. Às vezes apresentamos uma variante para ganhar em 6 movimentos e vários alunos possuem uma variante para ganhar em 4 ou 5 movimentos, devido aos seus conhecimentos prévios.

O sistema a que estamos nos propondo está dividido em 3 níveis. O primeiro constitui-se de 7 unidades agrupadas em uma série de tópicos comuns, com 14 objectivos gerais e 40 específicos. O segundo contém 3 unidades, 19 objectivos gerais e 40 específicos. Já o terceiro possui também 3 unidades, mas 12 objectivos gerais e 35 específicos. Isto quer dizer que a nossa proposta para o ensino de xadrez é feita em 3 anos, e possui 13 unidades, com 45 objectivos gerais e 115 específicos. Há um programa para cada nível. A estrutura é a seguinte. Cada programa é assim disposto: uma apresentação, com informações gerais sobre o programa, os objectivos gerais, os tópicos ou temas que irão ser desenvolvidos, e os objectivos específicos de instrução. O objectivo específico é a conduta final que se visa proporcionar ao indivíduo. Estes objectivos aparecem em uma matriz por nós elaborada, na qual aparecem o número de objectivos, a conduta esperada, a informação e as estratégias de avaliação sugeridas para alunos e docentes. No caso específico dos objectivos, incorporamos um esquema de Benjamim Bloome e de Kaff, que foi adoptado por ser fácil, lógico e bem estruturado, dando ênfase ao aspecto cognoscitivo. Então usamos o esquema de formação de objectivos instrucionais e neste caso não interessam os níveis de domínio cognoscitivo (conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação). O nível de conhecimento é a incorporação de informação do meio ambiente - conhecer é incorporar. Para nós interessa não que a criança incorpore, mas que compreenda, adquira a noção completa e que aplique tal conhecimento. Numa fase posterior temos muitos objectivos relacionados com a análise, ou seja, como o indivíduo separa as partes de

um todo; por exemplo, quando é dada uma posição no tabuleiro e pede-se para analisá-la, isso implica na observação da distribuição dos peões, a posição dos reis, o domínio do centro, a posição das damas, quem ataca, quem defende, o tempo, etc. Um nível muito mais complexo que a análise é a síntese. Depois da análise, o estudante pode elaborar uma síntese e produzir uma opinião dizendo, por exemplo, que as brancas devem ganhar por tal e tal motivo. Mas ele não pode dar uma opinião sintética sem antes ter feito uma análise. Ele dá a opinião e avalia a possibilidade de um determinado plano ser aplicado. O termo avaliação é aqui utilizado no sentido de se avaliar o xadrez como elemento cultural da humanidade. Nós propomos ainda a administração das aulas por cada nível: introdução ao curso - 2 horas; avaliação diagnóstica, que nos permite saber quanto os alunos sabem - 2 horas; avaliações parciais - 3 avaliações de 4 horas cada, do tipo teórico-prático, ao fim de cada trimestre; avaliações formativas para corrigir o processo ensino-aprendizagem; co-avaliação (2 horas) - os alunos se auto-avaliam, assim como o programa e o professor e os professores analisam estas avaliações. O desenvolvimento dos conteúdos exige 120 horas de aula e as actividades especiais, 56 horas, o que nos dá entre 144 e 200 horas de aula por curso, totalizando, ao fim de 3 anos, de 432 a 600 horas de xadrez. Nossa proposta sugere duas aulas por semana, de 45 minutos cada. Para a preparação, um tempo máximo de 10 minutos. Na fase de execução da instrução, mais ou menos 75 minutos, divididos em apresentação dos objectivos, desenvolvimento do conteúdo, proposição de tarefas e encerramento da aula. As aulas são dadas em dias alternados e não subsequentes. Recomenda-se grupos pequenos, de no máximo 23, 24 alunos. Os recursos utilizados são o programa por nós proposto, um tabuleiro mural, jogos para as crianças e a normativa com as leis da Federação Internacional de Xadrez.

Vamos passar agora aos objectivos gerais do primeiro nível. O Sistema Instrucional aspira dar aos alunos a oportunidade de valorizar o estudo e a prática sistemática do xadrez, considerar o tabuleiro como um sistema matricial onde se desenvolve a partida, analisar as propriedades características das peças, procurar a utilidade sistemática algébrica de notação e diferenciar as fases de abertura do xadrez. Além disso, procura integrar procedimentos táticos no desenvolvimento dos jogos, utilizar métodos combinatórios na resolução de posições, calcular sacrifícios na definição de situações dadas, especificar procedimentos táticos que permitam a utilização de tabelas, apreciar os fundamentos que regem a abertura do xadrez, considerar a utilidade de se jogar xadrez na administração do tempo, discutir hipóteses que expliquem a origem do xadrez e determinar a estrutura do movimento enxadrístico internacional.

Agora vamos às unidades que serão desenvolvidas dentro dos objectivos gerais. Na unidade I, por exemplo, temos os elementos do xadrez: a utilidade do estudo, o tabuleiro, posicionamento, sistema algébrico, movimento das peças, o peão, promoção do peão, valor absoluto das peças, xeque ao rei, roque, fases da abertura do jogo. Na unidade II são desenvolvido o fundamento do final, o xeque-mate e os modelos de mate. Na unidade III, os fundamentos do meio de jogo, as táticas, as trocas de peças, a combinação de mate, xeque duplo, combinação para ganhar material, combinações posicionais, sacrifício, tabelas, etc. Já na unidade IV discute-se a abertura, em seus fundamentos, princípios, e objectivos estratégicos, além dos erros típicos. (Observa-se que o Sistema Instrucional fala primeiro do final, o meio do jogo e, por último, da abertura). Na unidade V o jogador de xadrez, e na VI, o relógio. Finalmente, na unidade VII, os campeões mundiais e os meios de informação enxadrística.

Os objectivos específicos e suas unidades vêm em outra , matriz. Na unidade I os objectivos são interpretar a vantagem que comporta o estudo e prática do xadrez, ou seja, que o aluno compreenda que o xadrez lhe abre uma série de portas que nenhuma outra actividade pode oferecer; aplicar o sistema algébrico de notação no registro de partidas; executar movimentos de promoção de peões; caracterizar posições em que se observe o xeque a descoberto; distinguir as distintas fases de abertura da partida, e assim por diante. Na unidade II deve-se conhecer os fundamentos do final da partida, calcular o material e peças necessárias para dar xeque-mate, descrever um modelo de mate. A unidade III trata do meio do jogo: deduzir a importância da tática no desenvolvimento do jogo, aplicar o conhecimento sobre o valor absoluto das peças, descrever uma combinação, empregar métodos combinatórios de posicionamento, assinalar as peças jogadas em tabelas próprias, interpretar os fundamentos de defesa no xadrez. Por último, na unidade IV, a abertura: descrever as fases de abertura do jogo; especificar os artigos fundamentais, reconhecer os erros típicos, o relógio, a origem do xadrez, considerar o campeão mundial como a expressão máxima da execução do xadrez. Um exemplo típico de aula pode ser assim descrito: objectivo número 2, segunda aula - descrever o tabuleiro de xadrez. A informação que se deseja é o tabuleiro. A estratégia de avaliação sugerida ao professor é a de que será considerado atingido o objectivo quando os alunos forem capazes de identificar todos os elementos que compõem o tabuleiro, as diferentes linhas e filas, colunas e

diagonais, distinguir as diferentes zonas (lado do rei, lado da dama, centro, pretas, brancas) e colocar o tabuleiro em posição oficial para o jogo, segundo o estabelecido pela FIDE. Se o aluno demonstra estas 4 condutas, então objectivo está atingido e pode-se passar para o objectivo número 3. Porém, para atingir tais objectivos, os alunos devem procurar apoio bibliográfico e orientação do docente. Este deverá propor actividades específicas e dar as informações necessárias em um tempo aproximado de 90 minutos. O objectivo número 3 é caracterizar as propriedades cinéticas das peças, ou seja, o movimento. O conteúdo consistirá das peças, seus movimentos e captura. A avaliação deverá ser observar se o aluno é capaz de explicar os movimentos de todas as peças, segundo as normas da FIDE, formular um conceito de captura das mesmas, distinguir as propriedades de captura, além de executar todas as possibilidades de captura.

No nível 2 também temos os objectivos gerais, que são a caracterização da parte final do jogo, consideração dos problemas estratégicos em lados distintos, classificação e valorização dos sistemas de abertura. Neste nível, em que o aluno tem de 10 a 11

anos, trabalha-se com o final, meio e abertura do jogo. Primeiro o final porque é matemático, lógico, previsível - isto dá segurança ao aluno. Alguns dos objectivos específicos são a caracterização do rei como peça de ataque na fase final, demonstração da superioridade do cavalo sobre o bispo em posição fechada, etc. O primeiro objectivo, por exemplo, será considerado atingido quando os alunos souberem distinguir o rei como peça de ataque em determinada situação e definir as propriedades tácticas do rei ao longo das várias fases da partida.

No nível 3, o aluno já possui dois anos de estudo (aproximadamente 400 horas), e está pronto para desenvolver a habilidade de análise posicional, avaliar as possibilidades para peças brancas e pretas, formar um hábito de justificar os movimentos, dizer porque fez isto ou aquilo e elaborar um plano. Muitos temas de outros níveis são aqui repetidos, porém de modo mais aprofundado. Por exemplo, em análise posicional temos que detectar motivos tácticos presentes em posições gerais, distinguir ameaças presentes em uma dada posição, deduzir as relações existentes entre os elementos que constituem uma posição, determinar as características de uma boa jogada, formular planos de jogo mono e multi-escalonados, etc. Eis um modelo de aula do nível 3. Lição número 17: prever as consequências do avanço do peão central à 5ª linha. Conteúdo: peões avançados, peão central em 5ª fila. O aluno deve indicar as vantagens e desvantagens da posição.

Estes são os modelos sistemáticos com que trabalhamos. As metas do sistema são as seguintes: contribuir com o ensino do xadrez, desenvolver no aluno habilidades para assimilação, interpretação e aplicação de princípios, regras e leis fundamentais do xadrez e formulação de desenvolvimento de planos de jogo. Com respeito ao professor, aspira-se estimular o redimensionamento da sua actuação através do manejo do erro, o uso do problema como actividade didáctica e a concepção do xadrez como património cultural da humanidade. Os objectivos vão oferecer ao professor orientações metodológicas que ajudem a enriquecer sua experiência, servir como material de apoio aqueles que desejam utilizar o sistema tradicional, abrir caminho a novos sistemas e ao aperfeiçoamento do docente e pleitear novas condições de pesquisa na área da pedagogia, psicologia cognitiva e da teoria da comunicação. Nós acreditamos que este modelo é válido porque resolve um problema didáctico, incorpora elementos do desenvolvimento cognoscitivo ao ensino do xadrez, oferece um enfoque sistémico do processo ensino-aprendizagem, define o perfil do aluno e do docente, estimula a interacção em sala de aula, é uma aplicação da tecnologia educacional ao ensino do xadrez e pode ser utilizado por professores com poucos conhecimentos, oferece possibilidade de actualização permanente de professores e treinadores e porque este sistema é inovador, sendo reconhecido pela comissão de Xadrez nas Escolas.

[Nicola Palladino tece comentários:]

O professor Blanco nos falou sobre o xadrez nas escolas; mas e quando as escolas não aceitam, o que fazer? A solução é atrair os alunos para nós. Em Milão, o círculo de xadrez nasceu em 1860, há mais de 130 atrás, e eu sou o 7º ou 8º presidente. É uma sociedade formada por amantes e não mestres de xadrez. Esta ideia de atrair os alunos quando a escola recusava-se surgiu em 1964 - assim foi criada a escola de xadrez para jovens. Ela está dividida em 3 categorias: 1º ano, para os que não conhecem nada ou muito pouco; 2º ano, para os que já jogam de maneira organizada; e 3º ano, somente para aqueles que jogam muito bem. A nossa escola, entretanto, é especial porque queremos vencer tudo o que há para ser vencido. Marcello Mieli, aqui ao meu lado, foi aluno desta escola até 1990, e hoje é um dos seus professores.

[Luís Santos faz uma pergunta:]

Primeiro, eu gostaria de parabenizar o Uvêncio Blanco pelo trabalho esplêndido que nos apresentou. Eu gostaria de saber se o decreto governamental é acessível, se o sistema instrucional apareceu antes ou depois do decreto e quais os meios usados para colocá-lo em prática. E para o Palladino eu gostaria de saber o seguinte: o principal objectivo da comissão é introduzir o xadrez nas escolas e formar o maior número possível de jogadores. Seria muito importante saber como fizeram aqueles que tiveram sucesso neste objectivo. Acho que a FIDE deveria recolher estas informações e distribuí-las a todos.

[Uvêncio Blanco responde:]

Este é um programa para o ensino de xadrez e não para o treinamento. O meu objectivo não é a formação de mestres ou de jogadores de alto nível técnico, mas a difusão do xadrez nas escolas. Neste momento estamos começando a trabalhar em um manual de treinamento de 5 anos. Com relação ao decreto governamental de 1988, cada país possui um sistema institucional diferente, e deve, portanto, adaptá-lo às suas necessidades. Este decreto deve ter um mínimo de 144 e um máximo de 200 horas.

[Palladino:]

Um exemplo de como a FIDE trabalha para ajudar na difusão do xadrez é exactamente o trabalho de Blanco. No ano passado, ele me entregou este programa, que constava não só do documento institucional do governo, mas também das motivações sociais e culturais que levaram à escolha do xadrez como meio de desenvolvimento do raciocínio, utilizado em todas as escolas. A comissão de xadrez nas escolas faz exactamente isto, ao pedir a contribuição dos países. A intenção é recolher, organizar e repassar a outros tais documentos e projectos.

[Luís Santos pergunta:]

Gostaria de refazer a pergunta ao Blanco: o seu trabalho é anterior ou posterior ao decreto governamental? Eu acho que este tipo de seminário deveria ser promovido mais frequentemente pela FIDE. Eles são tão importantes quanto os campeonatos mundiais de xadrez.

[Blanco responde:]

O decreto é de 28 de Agosto de 1988. No entanto, de 1981 a 1984, o Ministério para o desenvolvimento da inteligência elaborou o 'Projecto Xadrez'. Foi este projecto que retomamos e desenvolvemos nas escolas municipais. Em 1988 ainda não tínhamos este modelo, que foi sendo desenvolvido aos poucos. A sua aplicação na Venezuela começou no ano passado. Quanto a minha proposta, interessa-me de modo especial que seja conhecida no mundo todo, modificada e adaptada segundo as necessidades. Espero que a FIDE a distribua às 150 federações ao redor do mundo.

[Pergunta :]

Quando o professor Blanco falou em um mínimo de 144 horas, estava referindo-se à hora-aula de 45 minutos ou à hora normal, de 60 minutos?

[Blanco responde:]

São 144 horas-aula de 45 minutos cada.

[Pergunta :]

Eu gostaria de saber um pouco mais sobre o porquê do ensino de xadrez na educação básica e sobre os propósitos gerais do ensino de xadrez. E para o Palladino: nós ouvimos de um membro da FIDE que é muito difícil obter patrocínio, mas me parece que vender a imagem da educação através do xadrez é um marketing muito bom. O que lhe parece?

[Palladino responde:]

A pergunta foi muito interessante porque traz à tona um dos grandes defeitos da organização enxadrística, que é, em geral, um grupo de pessoas que trabalha muito, mas faz muito pouco em termos de publicidade. Em 1987, nós fizemos algo neste sentido: a revista 'Mickey Mouse' ('Topolino' na Itália) publicou durante um ano inteiro o 'Manual do Instrutor de Xadrez' que foi publicado e distribuído a todas as federações. A Euro-Disney estará promovendo nos dias 15, 16 e 17 de Dezembro o campeonato europeu sub-14 e sub-12. O nome 'Walt Disney' ajuda muito. Eu farei uma proposta à Disney para que um trabalho deste tipo seja feito na América do Sul. Agora tudo depende do resultado do campeonato. Espero que as federações europeias contribuam enviando delegações.

[Pergunta:]

Sou Francisco, de Guarulhos, São Paulo. Eu li algo sobre o ensino de xadrez a crianças com dificuldade de aprendizagem, na Venezuela. Gostaria que o professor Blanco falasse um pouco sobre isto.

[Blanco responde:]

O 'Projeto Xadrez' nasceu em 1981, por iniciativa do Ministério da Inteligência, do doutor Luís Alberto Machado. Foram distribuídos grupos distintos de estudantes, de acordo com o nível socio-económico: grupo A - alta; B - média; C - média-pobre e D - muito pobre. Estudou-se xadrez durante 6 meses e ao final todos estes grupos foram comparados com os outros que não tinham estudado xadrez. O coeficiente de inteligência dos grupos A, B, C e D era maior do que o dos grupos normais. Mesmo após a suspensão do projecto, aqueles que tinham estudado mantiveram o mesmo coeficiente de inteligência superior aos demais. Isto demonstrou que o xadrez estimula o desenvolvimento da inteligência. Quanto à 28 pergunta, há um grupo que está estudando o ensino de xadrez a crianças com dificuldades de aprendizagem, mas é tudo o que sei até o momento.

[Pergunta:]

Meu nome é Wilson, de Curitiba. A minha pergunta é para o Marcello Miele. Eu gostaria que ele falasse um pouco sobre o xadrez nas escolas italianas, e a utilização do 'Manuale per Istruttori', que achei muito interessante.

[Marcello Miele:]

O xadrez não é obrigatório, nem é ensinado em todas as escolas. Eu não utilizo o 'Manuale per Istruttori', embora ele seja utilizado por muitos professores na Itália. Comecei a jogar xadrez em 1988 na Sociedade Enxadrística Milanesa. Continuei os estudos, organizei alguns torneios sociais e em Outubro o Sr. Palladino me pediu para ensinar na Sociedade. Sou apaixonado por xadrez e faria qualquer coisa pelo seu desenvolvimento. Porém, para mim, ele é um jogo, não uma luta, como o que vi na FIDE. Os jovens devem jogar se quiserem, não devem ser obrigados. Eu dou aula de um modo original. Eu ensino ao segundo ano, para jovens que já têm noções básicas. Eu sempre começo pelo final, mate de dama e rei contra rei, porque se eles não entendem isto, não entenderão jamais como se joga xadrez. Quando há menos peças é muito mais fácil explicar o que, aconteceu, analisar, etc. No meu sistema os estudantes devem se divertir com o jogo, rir, perder, brincar e não ficar sérios e estudar decorando tudo. Perdendo também se aprende, porque não há melhor mestre que a própria experiência. No fim do ano eu não digo que um aluno foi melhor que outro e vice-versa; todos foram ótimos. Se há um que não está interessado, eu procuro fazer com que ele se interesse. Mas o xadrez deve continuar sendo apenas um jogo. Todas as desavenças entre presidentes, desentendimentos entre jogadores, brigas, etc., são coisas humanas demais para um jogo que não é humano. Meu professor irlandês costumava dizer que na vida tudo gira em torno dos 3 "L" (em inglês, no original): life, language and literature (vida, língua e literatura). Tudo o que fazemos está relacionado a uma destas três áreas, mas o que tem o xadrez a ver com isto? Nada, porque o xadrez está acima de todas. O xadrez dá lições à vida, à língua e à literatura. Xadrez é um jogo e é uma lição de vida.

[Pergunta:]

Qual é, exactamente, o material utilizado na Venezuela?

[Resposta de Blanco:]

Utilizamos tabuleiros murais, de madeira ou metal, e tabuleiros normais, com peças plásticas. Os alunos têm o material que o governo esta comprando actualmente; antes nós mesmos o comprávamos.

Harry Botsaris (Grécia) - A proposta grega de xadrez nas escolasI

[Harry Botsaris:]

Vou falar um pouco sobre o xadrez nas escolas da Grécia e sobre as Olimpíadas. Nós temos um programa de xadrez nas escolas que está tendo um grande sucesso. O grande problema na Grécia para os jovens jogadores é que, além do xadrez, eles têm que seguir um programa de inglês e também se preparar para a universidade. Por este motivo, muitos tentam evitar o testes para o xadrez para não se sobrecarregarem. Na Grécia existem 3 níveis de educação: o 1º nas escolas primárias com 6 séries, o 2º também, em 6 anos, e o 3º, a universidade e escolas tecnológicas, com o nome de ultra-educação superior tecnológica. É adicional aos 1 alunos de 2º grau, que fazem um exame de qualificação geral.

Existem milhares de jovens neste programa, e é muito difícil de se qualificar. Há muitos anos o Estado vem tentando conciliar os esportes com os estudos. Isto chamou a atenção de alguns cientistas que acompanham o serviço de qualificação. A qualificação e as notas dos cientistas dependem da performance dos alunos. E quando estes conseguem uma boa qualificação, o Estado lhes concede livre acesso à universidade, sem necessidade de exames. Não há universidades privadas na Grécia, por isto a necessidade de se prestar exames. Então, para quem vence nas Olimpíadas, o governo dá livre acesso. Aqueles que se formam em xadrez também entram na universidade sem prestar exames. Todos os grandes jogadores estão entrando na universidade. Em 1992 foi feita uma lei aprovada pelo Congresso, e que se constitui na legislação do Estado sobre o xadrez para crianças. Além disso, todo ano, a partir do mês de Maio, é organizada a 'Attic School Chapel', na qual participam milhares de meninos e meninas de 1º e 2º graus. Depois deste evento há o Plano Helênico, para todo o país, no qual também participam jovens de 1º e 2º graus. Faz 2 anos que a organização deste evento está sob a protecção do Ministério da Educação. Por outro lado, este programa de educação nacional está mantendo contactos com todo o país, em conjunto com o serviço autorizado do governo, comunidade, professores, etc. Desse modo, formamos uma grande associação. No total, são 400 jovens participantes. O Ministério da Educação, em conjunto com a Federação de Xadrez, faz a escalação e graduação dos jogadores. O objectivo final é estabelecer o estudo do xadrez nas escolas. A incorporação também quer se juntar a outras entidades para promover seminários, formar treinadores e técnicos. Todo este evento custa aproximadamente 2,5 milhões de dólares. Desta quantia, 160 mil será doado pela Comunidade Económica Europeia. Esse é o quadro geral do xadrez na Grécia.

Agora vou dar algumas ideias da federação grega para este congresso. Pelo trabalho difícil e sensível da comissão de 'Xadrez nas Escolas' da FIDE, nós todos vamos cooperar para a implantação do xadrez nas escolas, principalmente no primário. É necessário notar particularidades e informações do sistema de educação privada usados em diversos países e agrupá-los. Eu não conheço o sistema de educação aqui no Brasil. E preciso agrupar os diferentes sistemas e classificá-los em grupos específicos. O sistema grego é dividido em 3 fases. Precisamos ter uma lista separada dos países que ainda não possuem xadrez nas escolas e avaliar os resultados daqueles que têm, usando sistemas básicos de avaliação de uma fase para outra, como os que são usados em alguns lugares. Um apanhado completo de propostas sobre os elementos acima mencionados deve ser entregue a todos os ministros da educação e o governo de cada país que tenha o mesmo sistema. E para os demais países, devemos apresentar propostas que se encaixem em suas realidades.

A selecção de informações elementares deve ser preparada e colocada em um documento simples a ser elaborado durante as Olimpíadas realizadas na Grécia. As propostas devem ser discutidas conjuntamente; várias pessoas produzem mais do que uma trabalhando sozinha. O nosso objectivo é a introdução do xadrez como curso opcional nas escolas do ciclo básico. Para atingir este objectivo, devemos

receber preparação e sugestões, com material do governo sobre educação e seminários contínuos para os futuros professores, jogadores e treinadores. Sobre este ponto há uma séria pesquisa sobre os enxadristas como professores nas escolas - uma alternativa para o desemprego mundial. Nos países onde existem escolas de esportes há um bom trabalho visando o xadrez como curso opcional para elevar o nível dos professores. Acho que o xadrez é uma matéria especial em muitos países como a Bulgária e Rússia. É necessário atingir a mídia com métodos audiovisuais e através de editoras e fabricantes para assessorar professores com este material, que são subsídios para a melhoria do ensino. Companhias interessadas em se promover através do xadrez têm sido admitidas neste programa nas escolas, financiando publicações.

Temos que codificar o currículo para cada nível educacional (primário, secundário e universitário), e organizar um código profissional supervisionado pelas federações. Devemos convidar organizações ou associações de empregados de escolas ou de pais, que têm relações directas com os alunos para participar das comissões de xadrez. Entrar em contacto também com a Unicef, ONU, Unesco e todas as outras organizações internacionais contra as drogas e a violência.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber se o plano para o ensino de xadrez na Grécia é nacional, local, projecto piloto ou o quê? Queria saber também como o fato de se realizar uma Olimpíada a cada 4 anos é aproveitado para o desenvolvimento do xadrez na Grécia e se há ou houve o aparecimento de grandes jogadores que começaram em escolas.

[Resposta:]

O plano de ensino é nacional. Nas Olimpíadas os jogadores estão envolvidos não apenas nos jogos mas em toda a atmosfera olímpica, com os programas especiais na televisão e outras actividades promovidas antes, durante e depois dos próprios jogos olímpicos. É claro que as Olimpíadas ajudam muito, mas somente elas não vão criar ou promover muitas coisas. Deve haver um sistema de preparação desde a base até o topo, para os jogadores. Eles têm 3 grandes mestres homens e 2 grandes mestres mulheres.

[Narrador:]

A França, em 1964 ou 1974, gastou muito dinheiro com a realização das Olimpíadas, mas foi muito criticada porque nada foi feito em prol do xadrez nas escolas. Parece-me que se a Grécia conseguir agora realizar ambos os projectos com sucesso, será algo, louvável e muito proveitoso.

[Jaime Sunyé:]

Há 12 ou 15 anos atrás, o xadrez não era nada popular na Grécia, mas agora vocês estão muito bem organizados, o xadrez é muito conhecido. Como vocês fizeram para popularizá-lo e introduzi-lo nas escolas?

[Botsaris:]

Primeiro, nós organizamos muito bem a nossa organização de xadrez (a partir de 1982). Criamos um sistema de regulamentações sobre o xadrez e os jogadores, como se fosse a nossa constituição. E o nosso sistema de administração dentro da federação é constituído por 15 pessoas, de todos os partidos políticos. Depois criamos os sistemas de propaganda, fizemos relações públicas, incluindo políticos no congresso. Demos a eles títulos e eles nos deram dinheiro. Fizemos um acordo com o ministério dos esportes para receber fundos anualmente. Nosso orçamento por ano é de 500 mil dólares. Recebemos também fundos municipais e privados. Nosso sistema é único, porque pagamos os nossos jogadores.

Na Grécia, paga-se para todos os jogadores com títulos: mestres, grandes mestres, mestres da FIDE. Para um grande mestre com mais de 2.500 de rating FIDE pagamos 800 dólares por mês. Para cada 25

pontos de rating que ele ganha, pagamos 200 dólares a mais. Assim todos os grandes mestres se mantêm em actividade.

O xadrez nas escolas iniciou-se com a associação dos pais, com as aulas após as aulas normais. Depois disso, conseguimos fazer com que o xadrez fosse regulamentado, a pedido dos próprios pais. Temos certeza de que estamos criando pessoas que são contra a violência e as drogas, e este é o ponto principal.

[Pergunta:]

Sobre o nível dos professores na Grécia, eu gostaria de saber se existe algum curso e como eles são seleccionados.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber sobre a relação do xadrez com outros esportes e se o apoio é dado somente ao xadrez ou a todas as modalidades esportivas.

[Botsaris:]

A relação entre os esportes é excelente, o xadrez é considerado um esporte como outro qualquer. Quanto ao apoio que os outros esportes recebem, isto depende de cada federação, apesar de todos receberem dinheiro. Nós gastamos muito mais com as Olimpíadas, mais ainda assim damos dinheiro aos clubes para que eles possam se manter. Todo este dinheiro vem do governo. Também recebemos alguma coisa das instituições privadas.

Quanto à formação dos professores, depende do plano de educação dentro de cada país, é difícil ter um mesmo nível para todos. Eu soube do sistema da Venezuela, que talvez seja o melhor, não apenas para aquele país, mas para diversos outros. Também há um sistema muito bom na Rússia. O nosso sistema é dirigido pela federação, e nós fazemos seminários para todos os professores. Atenas é o principal centro; de lá enviamos nosso plano para outras regiões, onde se fazem as mudanças necessárias, sendo o contacto permanente no intuito de melhorar ainda mais. Todo mês recebemos relatórios da federação, e o meu trabalho é o de director de jogos e eventos.

[Pergunta:]

Teatro, música, atletismo e natação recebem atenção política, social e económica em que proporção, se comparados ao xadrez?

[Botsaris:]

Não tenho no momento uma resposta exacta, mas posso adiantar que não recebemos mais do que o teatro ou a música. Quanto ao atletismo, eles têm 25 federações. Mas com certeza, recebemos mais do que a natação.

[Luís Santos pergunta:]

Quem paga a formação dos professores é o município, a federação ou o Estado?**[Botsaris:]**O ministério da educação.

[Blanco pergunta:]

Gostaria de perguntar ao senhor Botsaris se é possível realizar este seminário na Grécia. no próximo ano.

[Botsaris:]

Essa é a programação.

Lázaro Darroman e Silvino Garcia (Cuba) - O modelo cubano de ensino massivo de xadrez escolar

[Narrador:]

É com grande satisfação que recebemos os representantes de Cuba. o Grande Mestre Internacional Silvino Garcia e o presidente da federação cubana de xadrez. Lázaro Darroman.

[Silvino Garcia:]

Boa tarde. Na verdade. o meu papel não é o de um educador que esteve directamente vinculado ao ensino de xadrez nas escolas. Durante muitos anos me dediquei à competição de xadrez e, neste momento, meu papel é o de coordenador do trabalho desenvolvido nas escolas. Para muitos aqui, o xadrez tem um tom diferente do que é para nós. Para nós, o xadrez nas escolas foi, durante muito tempo, o motivo de luta, porque queríamos que o xadrez fizesse parte da educação normal. E nós já tínhamos antecedentes muito bons nas Olimpíadas de 1966, por exemplo, e isto nos dava uma conjuntura muito favorável. Porém, isto se concretizou somente muito mais tarde. mas conseguimos.

Um dos objectivos da revolução cubana era revolucionar todo o sistema de educação. Fez-se uma campanha para erradicar o analfabetismo em Cuba. Quartéis foram convertidos em escolas, planos para adultos foram elaborados, e houve toda uma transformação educativa na sociedade, pois a aparato educativo em Cuba é gigantesco. A educação é pública, obrigatória e gratuita e temos o maior número de ingressos da universidade de todo o continente, apesar das condições económicas difíceis. Introduzir o xadrez nesta estrutura gigantesca era um desafio para nós. Não um desafio técnico, mas um verdadeiro plano de guerra, que envolveria milhares de alunos e professores. Além disto, temos outros tipos de problemas: falta de papel, problemas económicos de um país em estado de guerra, assediado, sofrendo bloqueio comercial. Nesta situação, desenvolvemos nosso plano de ensino de xadrez nas escolas. Como não havia condições de se obter jogos, imprimimos jogos para recortar e colar. Antes disto, é claro, foi aprovada uma lei, regulamentando o xadrez nas escolas. Após a lei é que nos preocupamos com estas dificuldades técnicas práticas. O que fizemos também foi converter os

O plano já tem 4 anos. Começamos com 189 escolas que aprovaram algumas ideias e modificações e o plano foi generalizado, se expandiu, inclusive abrangendo idades que não estavam previstas inicialmente. Estamos ensinando mais ou menos meio milhão de alunos actualmente. Como processo, nos preocupamos muito mais em fazer, em realizar, do que em teorizar. Primeiro fazer, depois manter e, agora, começar a aperfeiçoar. Não podíamos elaborar teorias, planos, gastar em papel, etc. Não estávamos em condições de fazer isto. Possuíamos uma lei e tínhamos que pôr mãos à obra imediatamente. É claro que todos temos muitas concepções sobre o ensino de xadrez, e uma delas é o papel formador do mesmo. Por exemplo, quando ouço dizer que o xadrez desenvolve a memória ou aguça a inteligência, não são mais do que palavras vazias, não significam nada para mim. Passam a significar quando eu tiver cifras concretas de quanto, como, onde e com que resultado. Até agora eu só escutei muita teoria e muita fantasia sobre isto, mas na prática não vi nada. Só vou poder falar de quantos alunos aprendem e qual é o resultado concreto, com um plano massivo como este que estamos desenvolvendo.

Eu acho que o plano que estamos propondo, do qual somos pioneiros, só terá frutos daqui a 15 ou 20 anos. No momento estamos dando os primeiros passos, assim como a humanidade, no sentido de reconhecer o papel do xadrez no aperfeiçoamento do carácter e da personalidade das crianças. Quando se fala de xadrez, fala-se muito da capacidade intelectual e de memória, mas não se toca em algo mais importante que é o carácter, a formação espiritual. A implementação do xadrez nas escolas não é, infelizmente, algo científico. Deve-se levar em conta, porém, alguns aspectos. Por exemplo, o que fazer quando os alunos já sabem jogar? Eles já aprenderam a mover as peças e aí, qual é a próxima etapa? Os diversos níveis e respectivas actividades devem ser considerados, assim como a introdução de elementos de carácter formativo e não apenas técnico. Para garantir uma evolução e desenvolvimento do aluno no xadrez, deve-se programar pedagogicamente um caminho. E para criar uma metodologia verdadeiramente

científica, a primeira coisa a fazer é definir níveis e aplicações em cada nível. Se se pode dizer que um jogador está no nível A, quer dizer que existe um nível B, e uma metodologia para cada nível. Porém, se não se puder classificar cientificamente o jogador em níveis, como se poderá dizer qual a metodologia pertinente a cada nível? Para que se consiga um bom resultado com o xadrez nas escolas, ainda falta uma ciência aplicada, estatísticas. A única coisa que realmente já fizemos é o ensino técnico, o movimento das peças. Mas ainda há muito mais. E é exactamente este ‘muito mais’ que representa um desafio do ponto de vista científico e tecnológico.

A introdução do xadrez nas escolas em Cuba foi muito difícil por causa de toda a situação. E esta introdução é inconcebível, sem que haja uma instituição que se responsabilize, do ponto de vista metodológico, pela formação dos professores. Pois bem, o nosso instituto se preocupa em preparar o plano de ensino para os professores de escolas normais e superiores. Estamos dando importância considerável à biografia do lado positivo dos grandes enxadristas, pois isto tem um papel importante na formação do carácter dos alunos. Nossa função é a de elaborar e assessorar os planos para que as entidades educacionais do país possuam instrumentos idóneos para a formação daqueles que serão os futuros professores. Tivemos que incluir no currículo universitário a matéria ‘xadrez’. Isto começou em 1991, e só não está melhor agora por causa das condições económicas de Cuba. Mas o xadrez se mantém com uma firmeza e persistência e sistematização que acho que daria inveja a muitos países.

[Lázaro Darroman:]

Eu vou apresentar, de forma sucinta, o organograma da evolução do programa de xadrez nas escolas em Cuba. Este é o documento mais importante que temos porque é o documento governamental que dá vida e respaldo ao xadrez nas escolas. O conteúdo do mesmo, o relatório que o INDEM apresentou à Assembleia Popular em 1987, é o que segue: “Analisou-se profundamente o trabalho que a Educação Física e a Recreação levam a cabo no campo desportivo, em especial com as crianças e jovens. A partir destas análises, indicou-se um grupo de estudo dirigido a elaborar um plano de incremento massivo das actividades físicas e desportivas, entre as quais se encontra o xadrez. Em vista do exposto, dispõe-se: 1º - promover um amplo movimento para o ensino e a prática do xadrez em todos os centros escolares de nível primário do país”. Este é um caminho que se abre para nós, como federação, para que possamos, em conjunto com o ministério da educação, levar adiante esta batalha que é o ensino de xadrez nas escolas. Se não fosse por este documento, seria muito mais difícil para nós chegarmos às escolas e sermos bem recebidos. “2º - vincular este movimento massivo aos professores de educação física, instrutores do INDEM, professores primários, activistas e quem quer que esteja interessado, baseado no princípio de que todos aqueles que jogam xadrez devem ter interesse em ensinar a maior quantidade possível de estudantes; 3º - o ensino de xadrez se dará a alunos de 2ª a 6ª séries, nos horários destinados a educação física ou actividades práticas.”

Este documento nos permitiu elaborar um organograma e supervisionar o desenvolvimento de um programa de xadrez nas escolas. Temos um número aproximado de 300 mil alunos por curso. São 169 municípios, 20 escolas por município, ou seja, 3380 escolas ensinando xadrez. Em cada série, se houvesse um número de 10 alunos por turma (digo 10, mas na verdade são muitos mais), seriam 338.000 alunos aprendendo xadrez. Há, lógico, uma retro alimentação destes alunos. Em Cuba temos um plano de ensino para auxiliares pedagógicos, que são aqueles com conhecimentos ainda não total mente formados, mas que já podem actuar como professores substitutos. Eles são em número de 20 a 40, por município, e recebem uma informação básica para ensinar crianças. Estas, por sua vez, depois de enxadristicamente alfabetizadas, entrarão num programa dirigido por um profissional, até um nível X. Os profissionais escolherão os melhores e os enviarão às ‘Escolas de Treinamento de Desportistas’, para uma etapa superior de estudos. Depois disto, estes alunos estão aptos para entrar em escolas superiores, onde existe o bacharelado em xadrez. As academias provinciais e nacionais recebem os bacharéis. Esta é a pirâmide de ensino de xadrez em Cuba. Outro documento intitulado ‘Experiência Cubana no Ensino Massivo de Xadrez nas Escolas’ é bastante extenso e pormenoriza o que acabei de apresentar.

[Garcia:]

Eu estava vendo alguns dados: 70.000 tabuleiros distribuídos, 5.112 livros na primeira etapa, em 8 províncias, 16.052 livros sobre o ensino de xadrez. O programa é gigantesco, porque as crianças podem ir do nível mais elementar ao mais alto possível. Temos mais de 400 treinadores oficiais que trabalham em escolas onde se ensina especificamente o xadrez, principalmente para os jovens mais talentosos. Uma experiência piloto foi realizada em 136 escolas no 2º semestre escolar do ano lectivo 88/89, com ótimos resultados. Realizam-se desde então seminários no mês de Março, para preparação técnica de professores de educação física, auxiliares pedagógicos e colaboradores, a nível nacional. Inclui-se o xadrez no ensino superior, secundário e cursos profissionalizantes. É um movimento nacional onde tomam parte escolas, governo, indústrias, população, colaboradores, etc.

[Narrador:]

É interessante notar que o modelo cubano, assim como o francês ou soviético, apresenta o ensino de xadrez em diversos níveis, do mais baixo ao mais alto, onde há uma escola nacional. Outra coisa interessante é ter, como em Portugal, uma série de actividades além do xadrez na escola, nas indústrias, bibliotecas, etc. E em 4 ou 5 anos, eles conseguiram um movimento imenso; isto é muito animador.

[Pergunta:]

Como vocês conciliam o fato de que há alunos de 12 anos com um conhecimento de xadrez a nível superior, e universitários que precisam aprender o xadrez básico?

[Garcia responde:]

Na universidade se ensina o xadrez elementar, prepara-se o professor para que este possa iniciar o aluno no xadrez. Dá-se maior ênfase à cultura enxadrística, à história do xadrez, o xadrez como arte. Isto é o que queremos que o professor passe para o aluno. Não pretendemos que o professor se torne um enxadrista de competição; isto é outra história. Quanto ao aluno de 10, 12 anos que já possui conhecimento, que quer se desenvolver e competir, há escolas especializadas para dar-lhes treinamento e não só aula. Quando são muito bons, vão às academias, escola nacional, e recebem treinamento de Grandes Mestres Internacionais, treinadores de campeões mundiais, etc. No caso do professor universitário, o que necessitamos é que ele tenha uma cultura enxadrística e que possa desenvolver o aluno nela.

[Darroman:]

Eu só queria acrescentar que o programa que temos em Cuba é único, um mesmo plano para todo o país, nada fica ao livre arbítrio e despreparação do professor. O plano é muito bem organizado e já provou que dá resultados.

[Garcia:]

Há um programa central, mas é lógico que depois os professores trabalham cada qual no seu próprio estilo.

[Pergunta:]

Como se poderia ter acesso a este plano, sem ter que fazer o curso em Cuba? E a partir de que idade vocês se preocupam em ensinar regras e regulamentos aos alunos?

[Garcia:]

O programa metodológico não é o mais importante no nosso plano. Há muitas metodologias. O que mais interessa é a infra-estrutura, principalmente na abordagem do ensino em larga escala. Quanto ao material que usamos, documentos, etc., tudo isto é dado aos alunos. Quanto à idade, creio que entre 4 e 8

anos é uma boa idade para se começar. Aos 8 anos é o ideal. Acho a prática mais importante do que a teoria. Sem a prática, não poderíamos teorizar, nem elaborar metodologias.

[Darroman:]

As primeiras regras que se ensinam aos alunos são regras de conduta, de comportamento. As regras do jogo são ensinadas de forma prática e teórica. Existem as áreas massivas e as áreas de crianças de alto rendimento. A estas últimas são ensinadas as regras teóricas. As práticas são introduzidas nos torneios internos realizados como preparação para outros campeonatos.

[Garcia:]

Temos muitos profissionais especializados em motricidade, pedagogia, desenvolvimento da capacidade intelectual, etc. Para crianças com deficiências, indicamos especificamente psicólogos enxadristas.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber sobre a carga horária semanal, e como vocês separam - ou não - os alunos que estão interessados daqueles que não estão.

[Darroman:]

Os alunos primários em Cuba têm aulas de manhã e à tarde. Pela manhã, matérias normais e à tarde, recreação. A criança permanece na escola após as aulas normais, e nesta idade eles ainda não têm interesses específicos. Então, são levados à biblioteca ou à educação física. Nos propusemos o xadrez, e aqueles que não querem suar, não querem ler, vão aprender xadrez. São 6 horas por semana, 3 vezes de 2 horas.

[Luis Santos pergunta:]

Eu ouvi vocês dizerem que o xadrez nas escolas iniciou-se em 1988. Mas nas Olimpíadas de 1966, em Havana, houve simultâneas com milhares de jovens. Se não havia xadrez nas escolas naquela época, como conseguiram tantos jovens?

[Darroman:]

Quando falamos de 1988, falamos da quebra de barreiras para implantação oficial do xadrez, com o apoio do ministério da educação. Porém o xadrez sempre foi um traço da cultura nacional cubana. Outra coisa interessante é que, quando se fala de xadrez nas escolas, pensa-se logo em crianças pequenas. Mas a escola é muito mais. Um plano que até há pouco tempo era mantido em segredo, era o xadrez em jardins de infância e prisões.

[Garcia:]

Nos primeiros anos da revolução, houve uma febre enxadrística, fomentada por Che Guevara, que era um apaixonado pelo jogo. Havia também Fisher, que tinha jogado por telefone, devido a problemas políticos. Mas, enfim, criou-se uma tradição enxadrística que ajudou muito. Foi assim que tivemos aqueles milhares de crianças jogando. Actualmente, temos este plano em fase de desenvolvimento, que é o de ensinar crianças em creches. Já tivemos alguns bons resultados.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber o número de alunos que está envolvido no ensino de xadrez por ano. E também gostaria de saber sobre o enxadrista que chega a um nível alto e tem que optar por trabalho ou xadrez; que tipo de apoio ele tem e como isto é tratado.

[Darroman:]

É um caso bastante comum, porque não temos muitas possibilidades para oferecer a enxadristas deste nível. Então o governo homologou os títulos de xadrez mais elevados; assim, um Mestre Internacional ganha apoio financeiro do governo. Além disso, pode ser professor de xadrez, a nível universitário. Quanto ao número de alunos, chega em torno de 450.000 por ano.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber se o programa cubano é baseado no modelo soviético e, em caso afirmativo, em que condições se encontra agora, sem o apoio da União Soviética.

[Garcia:]

O xadrez é um jogo tão latino-americano quanto soviético. O nosso plano se desenvolveu com elementos nacionais e mantém até hoje as mesmas características de uma tradição cubana. Tivemos alguns vínculos com o xadrez soviético, porém o xadrez se desenvolveu em Cuba de uma maneira individual, e não se parece em nada com o xadrez soviético.

[Pergunta:]

O governo cubano permite que os empresários ajudem no desenvolvimento do xadrez?

[Garcia:]

Sim, nós não conseguiríamos nos auto-sustentar sem o patrocínio de empresários, inclusive os de capital estrangeiro.

Adriana Salazar (Colômbia) - O xadrez pré-escolar na Colômbia

[Adriana Salazar:]

Minha experiência é completamente diferente de todas aquelas que ouvimos até agora, porque, infelizmente, o que eu vou apresentar aqui é o meu trabalho individual e não o esforço de um país. Esta experiência foi mais ou menos acidentada: já com 4 anos de idade eu conhecia as peças do jogo, mas me dediquei a outras actividades e só com 15 anos voltei ao xadrez. Tive, então, um professor que morreu seis meses após ter começado a me dar aulas. Esta foi toda a minha experiência com um professor. A partir daí, estudei sozinha, errei muito e não foi fácil. Por isso pensei que era necessário criar um centro para que outras crianças, por volta dos 4 anos, pudessem jogar e estudar, sem ter que passar pelo mesmo que eu.

Comecei a trabalhar com o xadrez há 12 anos. Naquele tempo eu ainda não tinha nível superior e, portanto, não podia ter um instituto em meu nome. Agora sou formada em Linguística e Literatura, o que me permite ter um Instituto Educativo. Comecei com poucas crianças que vinham aprender mais por caridade, do que para aprender realmente. Eles estavam praticamente me fazendo um favor. Eu ensinava em escolas privadas, em casa, na universidade. Nos colégios particulares foi uma boa experiência, porque como não havia professores de xadrez, eles pagavam a mesma professora de Letras (eu) para dar ambas as matérias. Ensinei também em uma escola onde o xadrez era obrigatório e não foi muito bom, porque eu

tinha que tratar a todos de modo igual, não podendo dar atenção especial aos talentosos. Estes acabavam perdendo o entusiasmo, por causa do ritmo lento da turma.

Finalmente, quando me formei na universidade, decidi realizar o meu próprio projecto e começar a trabalhar como eu queria, sem depender de uma outra instituição. Infelizmente, no meu país não existe uma estrutura organizada no que diz respeito à federação de xadrez. Estamos trabalhando para que isto mude. À nível de governo também não temos uma proposta para que o xadrez seja implantado nas escolas. Há algumas ligas de xadrez tentando formar colégios de formação de instrutores.

Voltando ao meu projecto, depois de algum tempo, o número de crianças aumentou e eu precisei de mais espaço. Com a ajuda dos meus pais, consegui montar um instituto educativo chamado 'Talento'. É uma academia de xadrez, com sede própria, a soma de muitos esforços. Começou como uma sala de xadrez para crianças e hoje é uma academia de educação informal, não oficial. Isto significa que eu não dou nenhum diploma ou certificado de graduação. Além do xadrez, actualmente temos artes, teatro, dança, escrita, filosofia e matemática para crianças, e um programa de desenvolvimento de inteligência. Começamos a trabalhar com crianças com problemas de aprendizagem no 1º ano primário, porque estes eram a absoluta maioria dos que vinham até nós. Daí nasceu a ideia de desenvolver um programa pré-escolar que servisse como medida preventiva. É claro que, sendo um programa privado, não abrangia um grande número de crianças, mas tínhamos que começar com um programa piloto para depois poder implantá-lo oficialmente. Após um ano, nasceu o programa 'Talento'.

Possuímos um grupo formado por professores, uma fonoaudióloga, várias assessoras, um filósofo e uma psicóloga clínica infantil, que trabalha com o xadrez como terapia. Quanto ao que fazemos normalmente com relação ao aspecto económico é o seguinte. Para as demais actividades, exceptuando o programa pré-escolar de xadrez, os alunos pagam uma mensalidade, da qual 60% vai para o professor, e 40%, para o 'Talento'. Para as professoras do pré-escolar, as leis do país regem as leis de trabalho e salário; devo pagar salários normais e prestar obrigações sociais como manda a lei. A oficina de xadrez normal (não pré-escolar) funciona do seguinte modo: há um nível básico para 3 e 4 anos de idade; outro, para 4 e 5; 6 e 7; 8 e 9; 10 e 11 e 12 a 14. Aos de 8 anos, no entanto, como as diferenças de desenvolvimento são muito grandes, foi necessário criar um nível paralelo para os mais avançados. Além disto, foi necessário criar um grupo especial de 'alto rendimento'. Neste grupo está o campeão de Bogotá, o campeão da Colômbia e todos os campeões actuais de xadrez para jovens do país. São 16 jovens de 12 a 16 anos, sendo que 3 são também campeões das 'Olimpiadas de Matemática de Bogotá'. 4 são pianistas, concertistas. E todos são bons estudantes, atletas em várias modalidades e muitos, bilingues.

Isto quer dizer que, mais importante do que eles serem campeões, é o fato de terem uma educação integral. E o xadrez faz parte desta educação integral. A oficina do xadrez funciona nos horários normais durante a semana; nos fins de semana realizamos torneios infantis (por idade), torneios femininos e simultâneas. Temos também os concursos de resolução de problemas, destinados aqueles que gostam de resolver problemas do jogo, mas não apreciam competir. Os problemas são dados, o tempo estabelecido, e eles devem resolver as situações de jogo sozinhos, sem adversário do outro lado do tabuleiro. Também fazemos seminários específicos com outros especialistas; por exemplo, em aberturas e encerramentos. Produzimos material didáctico, porque a maioria dos livros de xadrez para crianças só tratam da movimentação das peças. As crianças têm condições de aprender muito mais e mais rápido. Eu me admiro ao ver que. Normalmente, o material didáctico é dirigido a crianças de oito anos. E os programas ou unidades que eles trabalham a partir desta idade são os mesmos que eu trabalho até os seis anos. Isto quer dizer que as crianças que eu ensino já conhecem o que nos livros é proposto para as de 8 ou 9. Promovemos também um torneio que reúne todos os colégios particulares, com a participação de até 200 jogadores. Para Bogotá, já é um exagero, uma vez que nos torneios normais dificilmente se chega a 50 estudantes.

Em relação ao pré-escolar, temos várias áreas: sócio-afectiva, cognoscitiva, motora, artística e criativa. O que nos interessa é a cognoscitiva, onde o xadrez está incluído. Antes de dizer o porquê e como ensinar xadrez no pré-escolar, é importante reconhecer as características das crianças nesta faixa de escolaridade. Em todas as palestras das quais participei, dizia-se que não se deve começar o xadrez antes dos 8 anos de idade, porque a atenção das crianças é muito dispersiva. Por outro lado, o xadrez desenvolve as capacidades de cálculo, memorização, aprendizado e concentração. É uma contradição, portanto, dizer

que devemos esperar até que as crianças tenham 8 anos para começar a desenvolver estas capacidades através do xadrez. Não é lógico. O problema não é ‘que não se deve ensinar’ antes dos 8, mas sim ‘o que se deve usar’, os recursos pedagógicos utilizados no ensino. O problema não está na criança, mas no professor, que não descobriu o modo certo de ensiná-la. Dizem que é um problema económico. Seria um grande problema, concordo, colocar um enxadrista de alto nível para ensinar no pré-escolar. Mas todas as escolas que têm pré-escolar, têm professores de pré-escolar. É muito fácil ensinar xadrez aos professores, e estes possuem criatividade e preparação pedagógica suficientes para, através de um bom método, ensinar xadrez às crianças com as quais já trabalham normalmente.

As crianças nesta idade estão em processo de aquisição simbólica, são extremamente egocêntricas, sua atenção e concentração são breves mas profundas, podem se agrupar, são curiosas, seguem algumas regras. Nosso trabalho se baseia principalmente em 4 autores. Piaget é o primeiro deles. No entanto, não seguimos o seu trabalho, apenas partimos dele. As etapas evolutivas são: etapa sensório-motora - até os dezoito meses; etapa pré-operacional - de 2 a 7 anos; etapa de operações concretas - de 7 aos 12 anos. Não concordo com a etapa pré-operacional; uma criança de 2 anos é completamente diferente de uma de 7. Principalmente porque aí ocorreu o desenvolvimento da linguagem, que por si só é um grande passo no desenvolvimento do pensamento. É uma etapa muito longa na classificação de Piaget. Eu acho que esta etapa é muito anterior, e pode ser concluída não aos 7, mas aos 4 ou 5 anos.

Quando demos o nome de ‘Talento’ ao Instituto, não estávamos querendo dizer com *isto* que somente iríamos receber crianças com talento, mas que desenvolveríamos ali o talento de todas as crianças. A única ferramenta que o ser humano possui para se fazer como pessoa é a disciplina, a capacidade de trabalho, segundo Machado. Outro ponto importante é a pluridimensionalidade do homem - daí a nossa preocupação com uma educação pluridimensional. No Instituto ‘Talento’ temos muitas outras actividades neste sentido, o xadrez não é o único. O ponto de partida é o fortalecimento da autoconfiança. A criança não chegará a lugar algum se não confiar em si mesma. E por que ensinamos xadrez às crianças? Para darmos a elas uma ferramenta : a mais que a ajude a formar a integridade do seu carácter e, desse modo, lhes permitir ser mais felizes -afinal, a função da educação não é a integridade do indivíduo, aproximando-o da felicidade?

Outra pergunta: como pensamos? Isto é o que Eduardo de Bono procura explicar em seu trabalho. Ele tenta ensinar às crianças como elas pensam, porque se não se sabe como se pensa, não se pode desenvolver o pensamento. O seu programa é bem amplo, sendo que um dos itens que ele coloca é este: se as pessoas fazem ginástica por fazer, apenas para se sentir bem, então por que não pensar por pensar, apenas para se exercitar? E o xadrez faz parte deste trabalho de desenvolvimento do pensamento. Há muitos programas de ensino de xadrez. Todos sabem a ordem, a sequência de ensino; ‘Talento’ também sabe. O conteúdo e os movimentos são fáceis, basta pegar um livro qualquer e ler como se faz. O problema está em trabalhar adequadamente este conteúdo. A forma de aprendizado deve ser lenta, para que seja completa. Este é o método usado pelos japoneses com a matemática, por exemplo.

Nós temos alguns pontos básicos para aconselhar no campo pedagógico. Naturalmente, como as crianças não mantêm a concentração por muito tempo, as actividades não podem durar mais do que 15 minutos. Pouco a pouco o professor vai ampliando a capacidade de concentração dos alunos e, conseqüentemente, o tempo de duração das actividades. Com crianças desta idade, as aulas têm que ter um aspecto lúdico. Além disso, elas gostam ou não da professora e não da matéria. O gosto pela matéria é uma consequência. No pré-escolar, como o aprendizado é demorado e os progressos ocorrem lentamente, deve-se dar atenção à aquisição do hábito de trabalho. A estimulação continua é outro ponto fundamental. Não se deve absolutamente dizer uma palavra de desestímulo à criança, com o risco de arruinar todo o processo. A metodologia deve ser boa, eficiente. Porém, o mais importante é que seja bem desenvolvida pela professora em sala de aula, o que implica na supervisão das mesmas. Um dos grandes problemas, neste caso, é a diferença de linguagem entre um adulto e uma criança. Isto é o que mais afasta um enxadrista do pré-escolar. O adulto, sem se dar conta, emprega palavras que a criança nem mesmo conhece e que nem está relacionada com a sua experiência. E uma criança precisa da sua própria linguagem para aprender. A utilização de contos infantis e jogos é a única maneira de despertar o interesse dela. Pouco a pouco estes jogos são canalizados para o que nos interessa, o xadrez. No pré-escolar as crianças aprendem os rudimentos do xadrez. O plano, no entanto, se estende até os 16 anos. O plano é contínuo mas não é pré-

fixado, isto é, não há um período de tempo específico para cada fase. Depende da capacidade de cada aluno.

Na aula, a primeira necessidade é a motivação, principalmente em relação ao pré-escolar. A seguir vem uma explicação do tema específico. A terceira coisa a ser feita é incluir uma actividade que desenvolva alguma habilidade mental, ou seja, cálculo, memória visual. Esta é uma das actividades mais importantes para que o curso de xadrez não seja apenas para aprender a jogar xadrez. A seguir, uma actividade lúdica qualquer e uma outra que sirva de avaliação. Tudo isto deve ser preparado, planejado. A actividade final é apenas uma maneira do professor saber das condições dos alunos, não interessando os mesmos directamente.

Vamos supor que temos alunos de 3 anos ou 3 anos e meio. Para ensinar o movimento da torre, não posso dizer que esta se move em linhas horizontais e verticais, pois as crianças não sabem o que é isto. Mas elas são capazes de traçar as linhas. É isto que é feito em primeiro lugar: pedir às crianças que desenhem as linhas. A seguir eu digo a elas: 'Este é o caminho da torre'. Mas sem explicar o que é a torre ou o que ela significa no jogo. Tudo isto sem utilizar o tabuleiro, só as linhas. O tabuleiro vem mais tarde, quando elas já conhecem o caminho da torre. Também pode ser utilizado um tabuleiro mural, que no pré-escolar é colocado no chão. Além disto, usamos carrinhos de brinquedo, dizendo a elas que estes só podem andar como as torres. Mas sempre insistimos no caminho da torre, porque senão vira só uma brincadeira e elas acabam *se* esquecendo do que foi ensinado. Outra técnica é pintar no chão o caminho da torre, fazendo com que a criança o percorra, e dizendo oralmente: 'A torre se move sempre recto, recto, recto!' Deste modo, a criança aprende através da linguagem, do desenho, com o corpo, e não apenas de uma maneira abstracta.

Mas onde estão as habilidades mentais de que estávamos falando? Depois das actividades já citadas, colocamos no tabuleiro uma situação em que a torre pode 'comer' (e não 'capturar', palavreado de adulto) somente uma entre três ou quatro peças. Ou então colocamos uma torre branca, um peão e uma torre preta. Se a torre branca come o peão, quem fica no lugar dele? A torre branca, responderíamos. Errado, porque a torre preta comerá a branca. Isto é o chamado raciocínio consequencial.

Eu tenho aqui um grupo de actividades que podem ser desenvolvidas do pré-escolar aos 16 anos de idade. O tabuleiro mural, no qual se fazem exercícios de resolução de problemas, cálculo e análise de partidas. Bonecos e marionetas, que são os melhores recursos possíveis, porque as crianças adoram. Os bonecos se movem, falam, ensinam. Jogos variados e computadores também são muito úteis. Tabuleiros feitos de papel e cubos, pretos e brancos ou coloridos. Para ensinar valores, usamos fichas coloridas. Por exemplo, se um peão é comido, entrega-se uma ficha. Se um cavalo é comido, três fichas. Existem também alguns jogos preliminares ao xadrez: desenham-se tabuleiros menores onde são colocados 4 peões de um lado contra 2 bispos ou 2 cavalos. Ganham os cavalos se comerem ou impedirem que os peões se movam. Ganham os peões se pelo menos um deles conseguir chegar ao outro lado. Outro jogo interessante pode ser jogado individualmente. São nove casas com 4 cavalos, um em cada canto do tabuleiro, 2 pretos de um lado e 2 brancos do outro. O objectivo é fazer com que eles troquem de posição, os pretos no lugar dos brancos e vice-versa. A solução é encontrada em 16 jogadas. O problema não está em encontrar a solução, mas em se lembrar dela. E como é impossível lembrar de 16 jogadas, a criança terá que se lembrar do sistema utilizado para chegar à solução. Se ela alcançou a solução por acaso, não saberá repeti-la; mas se utilizou um raciocínio lógico, isto virá naturalmente.

Como é estimulada a memória visual? Os livros dizem que uma criança de 3 anos de idade pode reconhecer e lembrar-se, em sequência, de até 3 figuras. Mas não é verdade, este número pode chegar a 10. Como se consegue isto? Primeiro, mostram-se as 3 primeiras figuras: o peão, o cavalo e a torre, nesta ordem, sempre da esquerda para a direita (que é o modo como escrevemos e ordenamos uma sequência em livros, sejam eles escritos ou de ilustrações). Esta sequência é repetida algumas vezes. Depois, cobre-se o peão e pergunta-se o que havia ali; o mesmo processo é repetido com o cavalo e a torre, um por um. A seguir todas as figuras são cobertas e faz-se a mesma pergunta. Quando estas já são bem conhecidas, vai-se acrescentando-se uma a uma, até chegar às 10. Para as crianças do pré-escolar, todas as peças devem ser da mesma cor. Já para as de 8 ou 9 anos, elas podem ser coloridas.

Além disto, nós utilizamos a árvore de análise, que não serve somente para que os mestres ganhem partidas ou os jogadores treinem, mas também para ensinar a pensar de maneira ordenada. Para as crianças pequenas, as variantes devem ser de no máximo 1 ou 2 jogadas; para as maiores, as possibilidades de variações aumentam.

[Luis Santos pergunta:]

Eu gostaria de saber a diferença básica entre crianças de 3 e 6 anos, porque em Portugal começamos a trabalhar a partir dos 6 anos de idade.

[Resposta:]

Uma das grandes diferenças é que aos 3 anos de idade, a criança ainda não tem o mecanismo da linguagem completamente estruturado. Outro problema é o próprio tamanho delas. Mas o mais importante é a capacidade de concentração contínua. Com crianças de 3 ou 4 anos não se pode trabalhar com uma turma de muitos alunos, digamos 30. O máximo deve ser de 5 ou 6. Já com aquelas de 5 e 6 anos a capacidade de trabalho e concentração é muito maior.

[Pergunta:]

Você utiliza livros de xadrez para o trabalho com as crianças?

[Adriana responde:]

Eu não os uso nunca. Parece que foram feitos para os pais das crianças. Somente uma criança de 10 anos possui paciência para ler e entender um livro destes, e mesmo assim se for muito bem dotada. Um bom livro para crianças tem que ter espaço para escrever, colorir, rabiscar, não pode ser sisudo.

[Pergunta:]

Como você ensina a posição correcta do tabuleiro, com a casa branca à direita?

[Resposta:]

Aos 4 anos, as crianças nem sempre sabem qual é a mão direita. Então eu pergunto com qual mão tomam a sopa; e todas sabem responder. A seguir vem o quadro branco.

[Pergunta:]

Você disse que o tempo máximo para cada actividade começa com 15 minutos e vai aumentando. Até quanto?

[Resposta:]

A duração da aula é de 1 hora. Cada actividade ou cada jogo dura 15 minutos. Temos portanto, 4 ou 5 actividades de 10 a 15 minutos por aula. Os alunos do pré-escolar têm aulas duas vezes por semana.

[Pergunta:]

Como você explica o xeque e o xeque-mate?

[Resposta:]

Todas as crianças conhecem o raio laser. Nós ensinamos então que as peças atacam como um raio laser, que não atinge somente a primeira peça que encontra pela frente, mas atravessa-a e pega outras atrás

dela. Assim, ela ataca a torre, a dama atrás da torre e o rei atrás da dama. E o xeque-mate é quando o rei não pode se mover.

[Pergunta:]

Você já pensou em publicar um livro de xadrez contendo todas estas técnicas que está apresentando?

[Resposta:]

O projecto para a publicação deste método já existe, só que não tenho dinheiro para levá-lo adiante. Talvez a Associação de Produtores de Café o financie, mas não há nenhuma certeza.

Porém certamente será um livro para as crianças e não para os pais delas.

[Pergunta:]

Como você explica o fato de os reis não poderem ficar juntos, lado a lado?

[Resposta:]

Só digo às crianças que se ficarem juntos. brigam. E elas nunca mais os colocam juntos.

[Pergunta:]

Eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre os seminários específicos.

[Resposta:]

É um sistema muito prático quando não se sabe algo e não se tem tempo de estudar ou preparar uma explicação. Nós o utilizamos com os jogadores de alto rendimento, quando estes precisam aprender mais, por exemplo, sobre a defesa siciliana ou alguma jogada mais técnica. Eu escolho um jogador que conheça bem o tema, tenha capacidade de síntese, se dê bem com as crianças e seja um bom modelo para elas, como pessoa humana. Normalmente, oriento-os pedagogicamente porque, apesar de serem de alto nível, não têm experiência pedagógica.

[Pergunta:]

Como o problema das derrotas é trabalhado com as crianças?

[Resposta:]

Primeiramente, deve ser entendido que o engano não significa perda. Isto acertado, pode-se trabalhar com o problema de se ganhar ou perder. Quando organizarmos torneios, explicamos exaustivamente às crianças que quase todos vão ganhar e quase todos vão perder. Não se ganha sempre, às vezes perde-se. Insistimos no comportamento de cortesia das crianças. Sempre se cumprimentam no início da partida e lhes ensinamos que o perdedor deve dar a mão ao vencedor. Isto é feito com crianças a partir dos 6 anos de idade; com as de 4 ou 5 é muito perigoso. Quando se trabalha bem este problema, quando se ensina que se deve perder muitas partidas antes de ser o melhor, não há problema entre as crianças. O problema é sempre com os pais. Estes, sim, dão trabalho, porque querem que os seus filhos ganhem sempre.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber o que você acha, ou o quanto você acha que a pessoa que vai ensinar deve saber. Deve ser um mestre de xadrez ou pode só saber mover as peças? É melhor homem ou mulher?

[Resposta:]

Teoricamente, não faz diferença se é homem ou mulher. Mas na prática, quase 100% da educação pré-escolar está nas mãos das mulheres. E não é preciso ser um excelente jogador, mas saber como ensinar a desenvolver as habilidades mentais das crianças. Por esta razão é que acho que o xadrez deve ser ensinado às professoras de pré-escolar para que elas possam desenvolver este trabalho. O problema não está em saber como mover o peão, mas como fazer com que a criança aprenda a movê-lo.

[Pergunta:]

Você teve algum problema na condução do ensino do xadrez na sua escola?

[Resposta:]

No início eu perdi muitos alunos porque era desorganizada e não mantinha um diário de classe. Como tinha muitas turmas e não possuía um programa definido para cada uma, estava sempre inventando. Isto não é possível, não se pode inventar sempre, porque não há progresso.

[Pergunta:]

Você ensina às crianças que são grupos opostos, brancos e pretos, boas e más? Você separa as crianças agressivas das calmas?

[Resposta:]

Não, de jeito algum. Eu vivo em um país muito violento, não posso incentivar ainda mais este lado. Eu digo às crianças que as peças são de baunilha e de chocolate, não grupos opostos ou boas e más. Não chamo jamais de grupo branco ou negro. Digo que são dois reinos, de baunilha e de chocolate, de duas ruas muito especiais. Às crianças de 3 anos não posso ensinar que é uma guerra ou uma batalha. Simplesmente digo que as peças de baunilha gostam de comer as de chocolate; todos gostam de chocolate e assim aprendem a gostar das peças pretas e não só das brancas.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber como vocês avaliam os resultados ou ‘medem’ o progresso dos alunos.

[Resposta:]

O conteúdo do programa é linear. Começa com o movimento do peão, depois o cavalo, mais a frente a solução de problemas de mate em três, defesa siciliana, etc. Eu sei como está cada criança, mas não faço muita papelada, porque não tenho tempo. O importante é saber onde elas falham, onde têm problemas.

[Pergunta:]

Que autores você leu e pesquisou para desenvolver o seu trabalho? Autores soviéticos, americanos, europeus?

[Resposta:]

Não li muitos livros sobre a pedagogia do xadrez porque não existem muitos a este respeito. Eu estudei muita pedagogia e procurei aplicá-la ao ensino do xadrez. Há um livro soviético sobre solução de problemas que é muito interessante. Porém, não há livros para crianças tão pequenas. Eu espero escrever um. O que pode e deve ser lido são os livros de matemática para crianças, métodos para ensinar a ler, a pensar, etc., e aplicar tudo ao xadrez.

ÚLTIMO DIA - DEBATE SOBRE A QUESTÃO NACIONAL

[Jaime Sunyé:]

Sempre foi nosso objectivo poder reunir a informação espalhada pelo mundo. Não é só no Brasil que isto ocorre; em Portugal, o próprio Luís Santos falou que não sabia o que estava acontecendo na Espanha, França, Holanda, Alemanha. Mesmo aqui no Brasil temos dificuldades de saber sobre os outros. Temos pouco contacto com projectos realizados em Goiânia, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Muitas escolas possuem os seus próprios projectos, mas é tudo muito escondido. E não existe nenhum projecto para a uniformização de tudo isto; muito pelo contrário, a pluralidade é muito valorizada, Mas também é muito importante que isto se torne conhecido. A revista da Confederação é um meio que vocês possuem para poder escrever, de forma sucinta, divulgando, informando e começando a formar uma escola de ensino de xadrez.

O congresso da FIDE também foi muito proveitoso para que conhecêssemos algumas pessoas importantes. Talvez não as mais importantes, porque, pelo que sei, os projectos mais importantes estão na Alemanha, Holanda e Inglaterra. Cuba e Angola desenvolveram projectos bastante interessantes, mesmo vivendo sob situações económicas difíceis. Mas eu acho que este seminário nos deu uma ideia do que existe e do que foi possível trazer aqui. E é muito importante que o contacto seja mantido. Isto é uma ferramenta pedagógica, e o que se quer é formar enxadristas, não jogadores de competição. A competição pode ser uma consequência, mas não é o objectivo imediato.

Ruilon Mont' Alverne (Brasil) - Contribuições para o xadrez na educação brasileira

[Ruilon Mont' Alverne:]

Nós ouvimos muitas ideias, muitos projectos. Eu vou apresentar propostas concretas que possam ser colocadas em prática, em acção. Eu já venho ensinando xadrez nas escolas há mais de 20 anos. E, assim como eu, há muitas outras pessoas trabalhando com o xadrez nas escolas. Eu gostaria agora de fazer uma menção honrosa ao Jaime Sunyé Neto, que é um dos poucos enxadristas de alto nível que perceberam a necessidade do xadrez nas escolas. Também o António Vilar e o Wilson da Silva, o coordenador deste encontro.

A primeira questão por mim colocada é: por quê o xadrez? Eu vou tratar disto em 3 instâncias, sob o ponto de vista sociológico, filosófico e pedagógico. Todos sabem que estamos vivendo uma revolução, a revolução da informática. Consequentemente, há uma tendência das pessoas ficarem mais em casa no futuro. Os jogos caseiros, e em especial o xadrez, terão o seu lugar assegurado. As pessoas vão procurar o seu lazer dentro de casa, e o xadrez vai encontrar um mercado muito maior. Um segundo ponto é o aumento do valor da 'mercadoria' conhecimento. O conhecimento já é a nossa mercadoria mais valiosa, e o será muito mais no futuro. E aí ganha importância a ginástica da mente. Cientistas pesquisam continuamente métodos e técnicas de exercitação e desenvolvimento da inteligência. O terceiro tópico, do ponto de vista sociológico é a verificação, hoje em dia, de uma transferência do que chamamos de produto do hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pela capacidade de cálculo, pela lógica, verbalização e análise. Este produto está sendo transferido para os computadores, que 'pensam' muito melhor hoje do que há alguns anos atrás. A inteligência artificial nos mostra o que é humano, ela não nos ameaça. A partida de xadrez, em muitas ocasiões, é decidida por um lance intuitivo. Kasparov revelou em uma entrevista que, em 3 momentos do jogo contra Karpov, ele se saiu melhor porque teve estes picos de intuição, de inteligência intuitiva.

Neste último tópico, o da questão política, ideológica do esporte e do lazer, eu não vou me alongar muito. Qual é a relação do esporte e do lazer com o poder? É algo que esquecemos frequentemente, porque enquanto estamos jogando xadrez, não nos damos conta de que estamos participando de um esporte e de que todo o esporte faz parte da sociedade e tem problemas em sua relação com o poder. Ele tem mais problemas com o poder do que a educação - e sabemos que a situação da educação já não é das melhores. Mas, eu acredito que, se o xadrez fosse considerado uma ferramenta pedagógica, ele teria menos problemas do que tem sendo considerado, actualmente, apenas como um esporte. E eu faço minhas as palavras de Palladino, quando ele disse que o xadrez nas escolas é mais importante do que a FIDE. Eu acredito nisto porque, como o Jaime Sunyé falou, o xadrez de competição, aquele de alto nível, é só um fragmento, uma

parte muito pequena nisto tudo. Mas o xadrez como ferramenta pedagógica é viável, pode florescer. O patrocínio, as verbas, viriam daí.

Do ponto de vista filosófico, eu tenho algumas frases interessantes. Por exemplo, Fisher disse certa vez: ‘ O xadrez não é a vida, mas é como a vida’. ‘Ganhar não é objetivo, mas um meio de desenvolver uma técnica e através dela atingir a arte’. Smirzoff afirmou isto.

Do ponto de vista pedagógico, nós temos dois pensadores brasileiros que são fundamentais: Paulo Freire e Rubem Alves. Paulo Freire diz mais ou menos isto: ‘ Estudar não é consumir-se de ideias, mas recriá-las’. Rubem Alves diz, em síntese, que tudo o que a gente estuda é para aprender a pensar. Uma coisa em que a gente tem de acreditar é que o xadrez é dinâmico, concreto, é ideia-acção; e por esta razão ele pode ser muito bem utilizado no mundo de hoje. Existem problemas de planeamento, de financiamento, etc., e não só no Brasil. A gente viu aqui que os estrangeiros nos apresentaram também muitos problemas. Eu acho muito importante que cada país, ou mesmo cada região, fique restrito às suas próprias condições, às suas possibilidades, que são muito diferentes. O trabalho de sensibilização apresentado por Luís Santos é excelente. Os cubanos fazem um trabalho excepcional com as auxiliares de pedagogia, quer dizer, as professoras primárias. Aqui no Brasil parece que não se acredita muito que estas professoras de primário possam exercer esta função de ensinar o xadrez, o que considero um grande erro. As professoras primárias, mesmo as mais humildes, têm condições de fazer um trabalho maravilhoso. A professora Adriana, da Colômbia, afirmou que o xadrez deve estar integrado à outras actividades, não perdendo, assim, sua dimensão pedagógica. O grego colocou uma questão importante, que é a troca de informação entre os países filiados.

Em Minas Gerais, no Brasil, temos algumas iniciativas interessantes. Há mais ou menos 3 anos, na cidade de Itaúna, existe um convénio entre uma academia panicular e a prefeitura. Em Uberaba há um projecto ligado aos clubes e secretarias de esporte. No ano que vem se iniciará um outro projecto em 3 escolas, de responsabilidade da secretaria de educação. Em Sabará, temos também um projecto, do qual eu mesmo faço parte. São 15 escolas municipais, com 4.000 alunos, da pré-escola ao 1º grau. Nós treinamos 40 professoras. Eu acompanho o trabalho destas professoras. Nós aplicamos testes periódicos e conseguimos excelentes resultados. No curso para professores ensinamos fundamentos e elaboração de planos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar e pré-escolar, além de métodos de ensino. Os fundamentos de xadrez são uma parte muito pequena. A ideia é proporcionar condições às professoras na elaboração de programas de ensino, usando toda a criatividade que elas possuem. Eu acho que para se conseguir a ajuda efetiva das prefeituras é muito importante um bom projeto. Em Sabará, por exemplo, nós estudamos muito bem a situação do governo municipal, plano de governo, condições financeiras, etc. E apresentamos o que eu acho fundamental: a relação custo! benefício. Eu demonstrei que o custo seria de 1 dólar por aluno durante um ano, além de constituir-se em um treinamento, um aperfeiçoamento para os professores. Deste modo ficou fácil. Na inauguração do curso, em uma pré-escola, havia mais de 100 pais presentes, todas pessoas muito humildes, que deveriam estar trabalhando, mas que lá se encontravam, extasiadas com a ideia dos filhos aprendendo xadrez. Foi o maior sucesso. Então, eu insisto que um trabalho que deve ser feito é ensinar as professoras primárias para que elas possam passar este conhecimento às crianças. Não é necessário a presença de mestres de xadrez para sensibilizar as crianças e os pais.

Com relação à prática, eu teria algumas sugestões a fazer. Primeiro, a existência de uma vice-presidência para o xadrez nas escolas na CBX (Confederação Brasileira de Xadrez). que seria o canal de ligação com a FIDE. Isto não é difícil de ser votado em uma assembleia geral. O segundo ponto seria a constituição de uma sociedade brasileira de xadrez, uma associação ou liga, completamente independente da Confederação. Sua função seria a de ajudar a confederação no desempenho de determinadas funções que a própria confederação não preenche, como a análise de projectos, capacitação de professores, metodologia, aproximação da educação. Estas são todas ideias rascunhadas que devem ser discutidas e desenvolvidas. Outro ponto seria a criação da Biblioteca Nacional de Xadrez, uma ideia antiga que ainda não encontrou respaldo. Não se pode ficar só com os jogadores. Há a necessidade de criação de um banco de dados sobre o xadrez, que ainda não existe aqui no Brasil. A confecção de um boletim que se transforme futuramente em uma revista é um bom começo. Gostaria também de sugerir que o Seminário Nacional de Xadrez nas Escolas, em 1994, seja realizado em Belo Horizonte ou em Sabará, com o apoio da prefeitura de Sabará. A prefeitura está desenvolvendo extensos projectos na área do xadrez.

[Narrador:]

O professor Wesley Rocha desenvolve um trabalho com deficientes visuais. Seu tempo aqui é restrito, mas no Seminário Nacional de Xadrez nas Escolas, que será realizado entre 12 e 16 de Dezembro, ele poderá explicar melhor este trabalho.

Wesley Rocha (Brasil) -A especificidade do ensino de xadrez para deficientes visuais.

[Wesley Rocha:]

Tudo o que nós já vimos nos projectos para o ensino de xadrez vale também para os alunos deficientes visuais. Então, o que há de específico? Nos projectos de xadrez nas escolas pode ser inserido como objectivo a integração dos deficientes visuais na comunidade escolar. É mais uma acção social integracionista, isto é, fazer uma acção de aproximação para amizade, equipas de estudos entre o aluno cego e o aluno vidente. Porque nós não somos educados para conviver com pessoas portadoras de deficiência. O xadrez pode servir como um elo de ligação que permitirá ao deficiente visual integrar-se socialmente, comunitariamente.

Mas como se ensina ao deficiente visual? O conteúdo é o mesmo dado aos videntes. Só há a acrescentar a perspectiva do xadrez como lazer cultural. Isto também serve para que não se confunda o xadrez como actividade cultural com a ideia de que se quer ter em todo deficiente visual um campeão - a indústria do marketing adora isto. É lógico que para aqueles que querem participar de competições, a grande vantagem é que o xadrez é um esporte do qual eles podem participar oficialmente junto aos videntes, fugindo da marginalização. O xadrez pode ser incluído também como apoio pedagógico ao curso de orientação e mobilidade, que é aquele cujos deficientes visuais fazem para aprender a andar de bengala.

A especificidade em relação às regras é a seguinte: a federação internacional de xadrez, provavelmente influenciada por enxadristas deficientes visuais, através de sua comissão de arbitragem, elaborou as regras entre enxadristas videntes e não-videntes. A simples leitura das regras para o jogo entre cegos e videntes possibilita a compreensão a respeito da necessidade e do direito da pessoa portadora de cegueira usar material adaptado. Ao ler um livro de arbitragem ou as regras, nós compreendemos o funcionamento. Em um jogo para enxadristas cegos, as casas são feitas em alto e baixo-relevo, com um orifício no centro de cada uma. Cada peça possui um pino que se encaixa no orifício da casa. Tudo isto, é lógico, porque o cego 'vê' com as mãos e as peças devem estar fixas no tabuleiro para que ele não as derrube. E há também um relógio experimental, criado em Goiânia, com marcações em alto relevo. Para as marcações existem as tabuletas com um sistema de marcação em braille. Para ensinar o início do jogo, por exemplo, eu utilizo um pedaço de madeira com uma única casa em alto relevo, para ensinar aqueles que têm dificuldade de entender directamente o tabuleiro com 64 casas. Criei também um sistema para ensinar os conceitos de coluna, fila, diagonal, etc, sobre uma tábua, do seguinte modo: uma única coluna que pode ser virada e posicionada da maneira que for preciso para passar as noções básicas. Tudo isto é feito sempre sobre uma mesa, que é como o deficiente encontrará o tabuleiro quando for jogar.

Algumas orientações sobre didáctica com alunos cegos. Fala-se naturalmente sobre o que se vê, sem vergonha de admitir que nós vemos e eles não. Eles gostam de saber sobre o que nós vemos. Evite elogiar exageradamente um aluno cego só porque fez algo certo. Não diga 'para a direita, para a esquerda', utilize o sistema algébrico de notação (dependendo da idade, naturalmente, isto não é possível). Não limite o aluno cego mais do que as suas limitações naturais, isto é, deixe que ele faça sozinho tudo o que puder. Quando precisar se ausentar, avise-o, não o deixe falando sozinho ou sem saber onde o professor está; a pessoa cega não é surda, muda ou deficiente mental, portanto, não é preciso gritar, falar alto ou ir devagar demais nos conceitos. No ensino especial, só amor não resolve, piedade atrapalha, compreensão ajuda.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber como é feita, na prática, a anotação dos lances.

[Resposta:]

É o uso normal do braille. Com uma reglete e um punção, a pessoa vai estufar uma bolinha no papel. Depois, vira-se o papel e lê-se.

[Comentário de um participante:]

Eu só gostaria de dar uma contribuição, uma informação. No Rio Grande do Sul nós temos a ‘Liga Braille de Xadrez’, bastante significativa.

[Wesley Rocha:]

Quando se ensina o movimento do cavalo, por exemplo, não se pode dizer que ele se movimenta em ‘L’. Em Braille, o ‘L’ é diferente. O cavalo se movimenta em ‘B’ ou em ‘O’, com acento circunflexo.

[Em uma sala de xadrez; Villar conversa com uma professora:]

[Villar:]

Você sente alguma diferença que possa ser atribuída ao xadrez?

[Professora Márcia:]

Com certeza. Eu trabalhei em outras escolas onde não havia o xadrez no currículo. E a gente sente que naquelas que possuem o xadrez, o raciocínio das crianças é bem mais rápido. Fica bem mais fácil ensinar matemática ou interpretação de textos. Além disto, o xadrez desenvolve nelas o gosto pelos jogos, quero dizer, por outros tipos de jogos que não sejam os vídeo games. Quando temos intervalos ou quando fazemos prova, os que já acabaram sempre pedem um tabuleiro para passar o tempo.

[Narrador:]

Eu passo a palavra á professora Edeme de Matos, da Fundepar.

Edeme de Matos (Brasil) - Xadrez nas escolas estaduais do Paraná

[Edeme de Matos:]

A Fundepar está desenvolvendo um trabalho, implantado em 1980, de ensino de xadrez nas escolas estaduais do Paraná. Por problemas circunstanciais, este trabalho foi deixado meio de lado, e tivemos que batalhar para retomá-lo. A Fundepar tem como uma de suas funções a construção, manutenção e reparação de prédios escolares. Actualmente, ela está investindo aproximadamente 8.000 dólares neste trabalho. A ideia de tentar institucionalizar o ensino de xadrez surgiu a partir daí, baseando-se no conceito de restaurar não apenas o aspecto exterior das escolas, mas também o interior, isto é, o ensino. Nós entendemos também que devemos ensinar aos alunos o amor pelo património público. E um dos projectos para ensinar a cuidar melhor do património é o ‘Memória Institucional das Escolas Públicas’. Se o aluno conhece a história da escola, vai ter um interesse maior em cuidar bem dela. Em outro projecto, ‘Fazendo Arte na Escola’, achamos que o amor pela escola seria desenvolvido pela criança através da sensibilização pela arte. Foram então desenvolvidas oficinas de pintura, escultura, oficinas de construção de instrumentos musicais e musicalização, coral, oficina de brinquedos e teatro.

O terceiro projecto, o de restauração das escolas, foi exactamente a retomada do ensino de xadrez. O xadrez enfatizando o sentido de consolidação de atitudes de valor. O projecto é de livre adesão. Cada escola pública estadual possui autonomia para analisar e decidir, dentro da sua própria realidade, a maneira de aplicação do xadrez. Decisões como o horário do ensino, a disciplina que irá abranger o xadrez, sempre de acordo com o espaço físico disponível, pessoal envolvido, etc. Outro ponto importante são as oficinas de xadrez, que irão convocar a comunidade para trabalhar dentro das escolas. Com tudo isto, nós temos a

esperança de, definitivamente, implantar o xadrez nas escolas. A Fundepar dará todo o apoio no treinamento de pessoal e no fornecimento de material instrucional.

Wilson da Silva (Brasil) - O trabalho com xadrez na Fundação Cultural de Curitiba e nas Escolas Estaduais do Paraná.

[Wilson da Silva:]

Eu trabalho na prefeitura de Curitiba com o ensino de xadrez há aproximadamente 5 anos. Trabalho em um clube de xadrez. Neste projecto com a prefeitura, ensinamos xadrez em bibliotecas. São 13 bibliotecas na região metropolitana de Curitiba. As crianças normalmente são de baixa renda, da periferia da cidade. O xadrez é ensinado aproveitando-se a presença da criança na biblioteca. Realizamos torneios internos e, com os campeões destes torneios, realizamos os torneios inter-bibliotecas. Uma vez por ano fazemos um torneio aberto. No último torneio tivemos em torno de 300 participantes. O nosso ensino é baseado no sistema holandês. Ensinamos o movimento do rei e da dama e o xeque-mate. A cada peça ensinada, são ensinadas também as posições de mate. O método holandês não foi adaptado como aconteceu na Argentina, mas todos os exemplos usados bem como a linguagem foram elaborados por nós. O livro que estamos finalizando está dividido em 3 módulos. Ao final de cada módulo o aluno encontrará um teste: do peão, da torre e do rei. Quando o aluno adquirir os conhecimentos do módulo 1 recebe o diploma do peão, bem como o módulo 2 e assim sucessivamente até o módulo 3. Este material será adoptado nas Escolas Estaduais do Paraná. A elaboração deste livro (Xadrez: Primeiros Passos) foi feita por mim e Augusto Tirado após muitas reuniões com a professora Edemê de Matos e Jaime Sunye.

Eu quero falar um pouco sobre como são feitos os cursos de capacitação para os professores que ensinam o xadrez nas escolas. Primeiramente, como já disse a professora Edemê, as escolas interessadas em inscrever-se no projecto procuram a Fundepar através da própria Edemê, que coordena o projecto, e inscrevem um ou dois professores para participarem dos Cursos de Capacitação. Quando há um número razoável de escolas inscritas o curso é marcado e um Instrutor da Equipe de Treinamento da Fundepar é deslocado para ministrar o curso. Fazem parte desta equipe o Jaime Sunye Neto, eu, o Augusto Tirado e o Ivan Justen. No curso discutimos a importância dos pré-jogos para as crianças, as habilidades que o estudo e a prática do xadrez estimulam, além de fazer um histórico sobre as prováveis origens do xadrez bem como de seu desenvolvimento até os dias de hoje. Feito isso, trabalhamos com a movimentação das peças e os métodos que podem ser repassados aos alunos. No curso são tratados os aspectos básicos do xadrez, pois são 16 horas divididas em 2 dias. Ao final do curso aplicamos uma avaliação que tem por objectivo somente exercitar os tópicos trabalhados. Pedimos também que os professores - alunos avaliem o curso pautando-se em três itens: Pontos Positivos, Pontos Negativos e Sugestões.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber mais detalhes sobre como você ensina xadrez na fase básica.

[Wilson da Silva:]

Na primeira fase nós trabalhamos com a movimentação das peças, xeque, xeque-mate, os finais básicos, muitas partidas são anotadas e depois analisadas. E incentivamos os alunos a participarem de competições. Temos um campeonato interno que segue o rating (sistema de graduação) da Confederação Brasileira de Xadrez, e tanto o campeonato quanto o rating são levados muito a sério pelas crianças. O rating é calculado a cada torneio, ou seja, após 16 partidas para cada jogador. À medida que as situações vão sendo encontradas, as regras vão sendo explicadas, como peça tocada, peça jogada, etc. Os torneios são bastante descontraídos, quase como um passeio. Nós os chamamos de 'Torneio Itinerante', porque ocorre cada vez em uma biblioteca diferente. A prefeitura nos cede os ônibus e levamos as crianças para passear, se divertir e jogar.

[Pergunta:]

Quantos instrutores trabalham com o ensino do xadrez na Prefeitura de Curitiba.

[Wilson da Silva responde:]

Somos apenas 3 instrutores. Estamos tentando aumentar este número, mas está difícil de conseguir.

[Ruilon Mont' Alverne apresenta Antonio Villar Marques de Sá:]

Dr. Antonio Villar Marques de Sã (Brasil) - Capacidades desenvolvidas e aspectos metodológicos no ensino enxadrístico

[Antonio Villar:]

Eu vou distribuir a vocês um material que, espero, seja de alguma utilidade. É uma série de 16 artigos que eu publiquei na antiga revista da confederação brasileira de xadrez, 'Preto e Branco'. É uma série sobre xadrez e educação, onde eu abordo primeiramente o xadrez como disciplina escolar. No segundo artigo eu coloco o xadrez como apoio pedagógico para outras disciplinas. Como vocês devem saber, no mundo existem duas tendências no ensino de xadrez. A primeira delas é exactamente ver o xadrez como disciplina escolar, a mais utilizada nos países do leste europeu, sob influência russa. A segunda tendência é mais utilizada nos países de influência anglo-saxónica. Eu as chamo de pedagogia do xadrez e pedagogia pelo xadrez. O terceiro artigo é uma análise da utilização do xadrez na União Soviética, e o quarto, na França. No quinto artigo, são abordados 10 países onde o xadrez já recebe apoio do ministério da educação, já é institucionalizado. No sexto, faço uma conclusão rápida e abordo o Brasil. Uma bibliografia resumida, com 100 referências bibliográficas, está incluída no sétimo artigo. O oitavo, que eu gostaria de desenvolver um pouco mais, é um artigo no qual eu tento apresentar orientações na linha de treinamento do xadrez, que como nós já vimos aqui, é completamente diferente do xadrez utilizado como instrumento pedagógico. A metodologia de ensino para professores, apresentada no nono artigo, é, talvez, o poderia ser de maior interesse para vocês. Eu até arrisco uma proposta de programa, que não é um modelo, mas que eu sigo sem muita rigidez. Nesta proposta, o aluno recebe algo de concreto em cada aula: uma folha de exercícios ou algo parecido em que ele tenha que resolver problemas, se exercitar. Eu concordo completamente com os professores que disseram que a parte lúdica é um dos elementos principais do ensino de xadrez. Se o xadrez é ensinado de forma 'escolar', ele perde a sua maior motivação, que é exactamente a motivação lúdica. Este aspecto, portanto, deve ser sempre mantido. Para quem gosta de cinema, eu apresento também neste artigo uns 10 filmes onde o xadrez aparece, como tema principal ou não. Em seguida vocês têm uma proposta que eu adaptei de um pedagogo francês, que por sua vez, já a tinha adaptado de uma proposta holandesa. Esta proposta está relacionada com testes periódicos que podem ser aplicados a cada 3 ou 4 meses, mais como uma avaliação do próprio professor do que do aluno.

Existe também uma proposta na qual estou pensando já há algum tempo, e que estou tentando sintetizar no texto 'História do xadrez', (vide artigo abaixo) que vocês receberam ontem. Este texto me parece bastante revelador para quem trabalha com o ensino de xadrez. Nós ouvimos aqui um grande número de questões sobre o ensino de xadrez: o movimento de roque e o xeque-mate ensinados logo no início, casa branca à direita, todas as peças ensinadas de uma só vez, o tabuleiro, etc. Eu ousaria dizer que a maioria destas questões podem ser respondidas com a história do xadrez. Para quem ensina é importante saber que as crianças devem passar pelas etapas nas quais o xadrez passou na evolução da sociedade. Portanto, antes de se ensinar o peão da dama, é melhor ensinar o peão do rei, porque o xadrez, inicialmente, era um jogo só de ataque. Somente muito mais tarde é que objectivos intermediários foram descobertos, como a fraqueza de um peão, o controle do centro, o desenvolvimento da peça. Se no início era ataque, então o ensino deve primeiro passar por esta fase para depois seguir para um estudo mais aprofundado.

A história do xadrez começa do seguinte modo: chamava-se inicialmente 'chaturanga' e foi criado na Índia. Era jogado com dados por 4 parceiros: vermelhos, amarelos, pretos e verdes. Cada jogador jogava por si; o dado era jogado e, de acordo com o número que saía, era obrigado a movimentar uma peça. Com o passar do tempo, o dado foi eliminado e o jogo sofreu algumas modificações. Às vezes me perguntam se eu acho melhor ensinar somente algumas peças no começo ou todas de uma vez; aí, eu dou o exemplo de Cuba: há uma linha que ensina só o movimento do rei, da dama e o xeque-mate. Inicialmente, as crianças não aprendem sobre o peão, o cavalo, a torre e o bispo. Não é nem a melhor nem a pior maneira, é apenas

uma delas. Eu recomendo que se vá por partes. Outra coisa que me perguntam também é sobre a posição da casa branca. Se eu exijo que a casa branca fique à direita, porque as crianças não lembram ou não sabem qual é o lado direito. Vocês sabem por quê a casa branca vai à direita? O xadrez é um jogo do século VI (as primeiras provas arqueológicas datam de mais ou menos 570). No início era jogado em um tabuleiro de 64 casas brancas; só por volta do século XIII é que alguém sugeriu que as casas fossem de duas cores, o que favoreceria o raciocínio. Todas as mudanças que o xadrez sofreu sempre foram no sentido de favorecer o raciocínio. Deste modo, visto que a casa branca ‘a direita só surgiu no século XIII não vejo porque insistir logo na primeira aula que as crianças se preocupem com isto.

O roque é outra questão que eu gostaria de abordar. Ele surgiu no Renascimento, depois que a ‘rainha enlouquecida’ apareceu. Para quem não está familiarizado com a história do xadrez, a ‘rainha enlouquecida’ foi uma das mudanças que o jogo sofreu em sua evolução. Todo ano, aproximadamente 100 pessoas propunham mudanças. De cada 1.000 propostas, uma pega. A ‘rainha enlouquecida’ foi uma das que pegou. Ela foi proposta por um italiano em 1485. Naquela época, a dama tinha movimentos muito curtos. Ele então propôs que a dama pudesse jogar em toda a extensão do tabuleiro. A partir daí, o bispo também teve o seu raio de acção aumentado, e o peão, que podia andar só uma casa, passou a poder andar duas. Estas mudanças foram apreciadas porque proporcionavam uma luta mais rápida e os aspectos tácticos do xadrez se tomavam mais acentuados. Nesta época, também apareceu alguém que propôs o roque, que protegia mais o rei e não o deixava sucumbir tão rapidamente no ponto F7 ou F2. Inicialmente o roque era feito somente através da troca de posições do rei e da torre. Mais tarde é que se mudou para as casas entre as suas posições originais, tendo o rei a opção da casa da torre ou a do lado de onde estava originalmente a torre. Esta possibilidade de opção durou séculos, até que o modo actual foi institucionalizado. Consequentemente, quando as crianças -que, curiosamente, têm a mania de simplesmente trocar o rei e a torre de lugar - fazem o movimento de roque errado, ao invés de simplesmente dizer que está errado e corrigir, eu digo que antigamente era feito assim, mas que depois mudou e que actualmente é assim. Funciona melhor do que somente corrigir.

Eu gostaria agora de comentar algumas pesquisas sobre o xadrez. A maioria das pesquisas fazem, ou fizeram, o seguinte: a alunos de um mesmo nível, mesma turma ou de turmas diferentes, é ensinado o xadrez durante um certo tempo. Outro grupo não recebe a instrução. Aqueles que estudaram xadrez tiraram melhores notas na maioria das vezes, especialmente em matemática. Isto é uma prova? Talvez. Será que foi o xadrez que ajudou? Ou foi o fato de que tenham ficado 2 horas a mais na escola? Eu acho que poderíamos responder com segurança se tivéssemos outros grupos realizando outras actividades enquanto um deles jogava xadrez. Por exemplo, enquanto um grupo tem 2 horas de xadrez, outro joga damas, faz teatro, cerâmica ou qualquer outra actividade. Aí sim, de acordo com os resultados, teríamos mais dados para se fazer uma avaliação definitiva.

[Pergunta:]

Eu acho que o xadrez e a matemática se auxiliam mutuamente porque ambos pendem para o lado da lógica, do cálculo. A diferença é que com o xadrez, a criança aprende brincando e, deste modo, toma gosto pelo raciocínio. Então talvez não seja o xadrez em si, mas a actividade lúdica do jogo, a brincadeira.

[António Villar:]

Sem dúvida. Nos Estados Unidos, foi feita uma proposta para que fosse tirada uma hora de matemática e acrescentada uma hora de xadrez, mas o Instituto Nacional de Educação não aprovou, argumentando que a matemática era mais válida do que o xadrez. É aí que nós questionamos o problema da motivação nas crianças, porque a matemática é árida, muito abstracta. E no xadrez tem-se as peças, o tabuleiro, coisas concretas e que divertem as crianças o tempo todo - se encarmos o xadrez desta forma. Se formos utilizá-lo como uma disciplina normal, com testes e tudo mais, seria apenas mais uma disciplina como qualquer outra. Se colocamos as crianças para jogar, não importa se é na aula de matemática ou de educação física. O importante é nunca esquecer o aspecto lúdico. Em alguns países como o Canadá, por exemplo, foi implantada a experiência sugerida nos Estados Unidos. E as crianças saíram-se melhor do que antes em matemática, a experiência deu certo.

[Pergunta:]

Eu gostaria de saber se nestas escolas que você citou, os alunos têm estudado xadrez de competição.

[Resposta:]

A maioria destas pesquisas que eu citei são publicadas em revistas que não têm nada a ver com o xadrez, portanto, eles não estavam muito interessados no aspecto competitivo do xadrez. Interessavam-se mais pela instrumentalização científica, grupos de controle, etc. Mas acho que você tem razão, a criança que só estuda na escola tem um rendimento muito diferente daquela que estuda também em casa, que se prepara para um campeonato de fim de semana. Estes são dados que também fazem diferença nos resultados das pesquisas. E também tem outro ponto a ser considerado: o xadrez ensina a estudar, mas a estudar o xadrez. Ele desenvolve a memória, mas a memória para o xadrez. Será que isto se aplica para outras coisas, para outro tipo de estudo? Isto ainda necessita de muita pesquisa.

[Comentário de um participante:]

Eu acho que se pode fazer um paralelo com a vida: uma pessoa que é muito despreparada pode cometer erros; acções feitas sem pensar, fazem sofrer muito, mas no xadrez isto é fatal: jogou sem pensar, perdeu.

[António Villar:]

Isto é verdade. No xadrez, cada jogada é uma decisão que se toma e isto auxilia a pessoa que é muito indecisa e perde tempo com isto. O xadrez ajuda sobre a considerar as possibilidades de acordo com o tempo disponível e tomar uma decisão dentro do limite de tempo.

HISTORIA DO XADREZ

Antonio Villar Marques de Sa

“En el oriente se encendio esta guerra Cuyo anfiteatroes hoy toda la ttierra”

Jorge Luís Borges

Farei aqui um breve histórico, com a finalidade de melhor situar este esporte, cuja idade atinge pouco mais de catorze séculos.

A origem exacta do xadrez é misteriosa, conhecendo-se, até o presente momento, cerca de quarenta lendas a este respeito. Uma dentre elas menciona o herói grego Palamedes como o criador do xadrez, durante o cerco de Tróia, com o objectivo de distrair seus guerreiros. A tradição mitológica indicava Palamedes como um personagem de grande criatividade, atribuindo-lhe, entre outras invenções, o alfabeto e os números...

Entretanto, é no noroeste da Índia que se encontram as primeiras fontes arqueológicas reconhecidas como verdadeiras.

Aproximadamente no ano 570 de nossa era, nasce o “jogo dos quatro membros” (Chaturanga, em sanscrito), o ancestral directo do xadrez. Participavam dele quatro parceiros, possuindo cada um oito peças, sendo um Ministro, (mais a Rainha; no presente a Dama), um Cavalo, um Elefante (hoje o Bispo), um Navio (mais tarde uma Carruagem; nos nossos dias, a Torre) e quatro Soldados (actualmente os Peões), dispostos nos quatro cantos do tabuleiro de sessenta e quatro casas unicolores. As peças diferenciavam-se pelas cores pretas, vermelhas, verdes e amarelas. Os adversários jogavam individualmente e o lançamento de dois dados designava a(s) peça(s) a ser(em) movimentada(s). Quando a face um do dado surgia movia-se

um Soldado ou o Ministro. O número dois obrigava o movimento do navio. O três movia o Cavalo. O quatro movia o Elefante. Caso o dado mostrasse o número cinco ou seis, eles eram considerados, respectivamente, um ou quatro.

A evolução deste jogo indiano fez-se em três etapas:

1) Supressão dos dados. Esta modificação excluiu o factor sorte, e os jogadores passaram a contar apenas com seus raciocínios para vencer.

2) Reunião dos adversários diagonalmente opostos. Os pretos e os verdes opunham-se aos vermelhos e amarelos.

3) Substituição das alianças diagonais por alianças lado-a-lado. Esta mudança denota o nascimento da noção de estado em detrimento das sociedades tribais.

Por ocasião das trocas comerciais e culturais entre países vizinhos, o Chaturanga é exportado em duas direcções:

1) Para o Leste, onde ele transforma-se no "jogo do elefante" (Siang K'i, na China) e no "jogo do general" (TJYang Keui, na Coreia; Sho-gi, no Japão).

2) Para o Oeste, onde ele é chamado de "jogo de xadrez" (Chatrang, na Persia) e conhece uma imensa popularidade. Ainda na Pérsia é criada parte do vocabulário enxadrístico utilizado até hoje, e o número de parceiros é reduzido a dois (brancos e vermelhos). Simultaneamente cria-se uma nova peça: o Xa (Rei).

Por volta do ano 651 d.c., com a conquista da Pérsia, os árabes adoptam este jogo, valorizando-o e difundindo-o por todo o Norte da África, assim como por todos os reinos europeus dominados nos séculos seguintes, em particular para a Espanha (Acedrex, Axedres, Axedrez, Ajedrez), Portugal (Xadrez), a Sicília (Scachi, Scacchi) e a costa francesa do Mediterrâneo (Eschec, Eschecz, Echechs).

Os primeiros manuscritos consagrados ao xadrez, os Mansoubat, são redigidos por teóricos árabes. Não tendo em sua língua nem o som inicial nem o som final da palavra Chatrang, eles a modificam para Shatranj. No início do século IX o califa de Bagda Haroun-al-Rachid (766-809) oferece a Carlos Magno (768-814) um jogo em mármore, hoje desaparecido. Conserva-se, no entanto, na Biblioteca Nacional de Paris, algumas peças denominadas Charlemagne...

Aproximadamente em 840, AI Adli, o melhor jogador de seu tempo, publica um manuscrito, cujo original foi perdido.

No século XI, o xadrez é conhecido em toda a Europa, onde ele sofre uma curiosa modificação: o Ministro torna-se Rainha!

A transformação de uma peça masculina em Rainha pode ser considerada como um indício da crescente valorização da mulher durante o período medieval, mas também como metáfora de uma sociedade dominada por um casal monárquico. Porém, em uma interpretação psicanalista esta metamorfose teria sido motivada por uma tendência a identificar-se inconscientemente o xadrez com a estrutura do Complexo de Édipo, o Rei simbolizando o pai e a rainha a mãe.

Na Idade Média, o "jogo dos reis" adquire, rapidamente o status de passatempo favorito da sociedade aristocrática europeia, sendo proibida a sua prática entre os pobres. Recomenda-se começar a sua aprendizagem aos seis anos de idade. As mulheres nobres não hesitam em sentar-se em frente do tabuleiro, mostrando-se, inclusive, tão hábeis quanto os homens. Estes, tem o direito de entrar em um aposento feminino com o objectivo explícito de jogar xadrez...

A maior parte dos divertimentos são comuns a todas as categorias sociais (passeios, teatro, musica, canto, dança, jogos de azar e de salão). Mas há outros, como os torneios (a cavalo), a caça e o xadrez, que são exclusivos da aristocracia, embora os espectadores possam pertencer a qualquer camada social.

Até o final do século XII, as casas do tabuleiro (seja ele de madeira ou de metal), eram monocromáticas, geralmente brancas, com os traços horizontais e verticais apenas esculpidos, as vezes realçados em vermelho.

No Século XIII, as casas passam a ser divididas em duas tonalidades, o que facilita a visão dos lances e conseqüentemente, o raciocínio dos enxadristas.

Paralelamente, a igreja católica tenta dissuadir a prática deste jogo, muito relacionado com apostas em dinheiro. Em 1212, o Concílio de Paris anatemiza o xadrez, após sua condenação pelos bispos Guy e Eudes de Sully. Esta sentença é confirmada na Polônia pelo rei Casimiro II e na França por São Luís (1226-1270). Pode-se, entretanto, admirar, nos dias de hoje, um belo jogo de cristal de rocha, conservado no Museu de Louvre de Paris, cuja propriedade remontaria ao próprio santo...

Estas proibições não surtiram os resultados esperados e o xadrez continuou a ser praticado pelos nobres e pelos religiosos, a tal ponto que o padre espanhol Ruy Lopez de Segura é reconhecido como o melhor enxadrista de sua época. Em 1561, ele publica um tratado impresso sobre a "abertura espanhola", ainda em voga em nosso tempo: **Libro de Ia invencion liberal y arte del juego del axedrez**. Esta obra foi traduzida para vários idiomas.

Nesta data, Ruy Lopez idealiza a criação do roque, lance que será aceito por volta de 1630 na Inglaterra, França e Alemanha. O roque não se efectuou sempre da mesma maneira. No início, O Rei e a Torre, que não haviam se movimentado, trocavam seus lugares. Mais tarde, uma das Torres instalava-se ao lado do Rei e este, no mesmo lance, saltava-a colocando-se em qualquer das casas adjacentes.

Embora não se conheça o inventor da captura *en passant*, coube a Ruy Lopez o mérito de difundi-la em 1560, aproximadamente, quando passou a adoptá-la em duas partidas.

A possibilidade do Peão avançar uma ou duas casas no início do seu movimento surge três séculos antes, durante o reino de Alfonso X, o Sábio, quando aparece um dos primeiros manuscritos europeus: o **Libro dei acedrex** (1283), conservado actualmente na Biblioteca do Museu Escorial de Madrid.

Todavia, a invenção que revolucionará a estrutura do xadrez origina-se na Renascença Italiana (em torno do ano 1485), com o então chamado "o xadrez da rainha enlouquecida"! Até esta época a Rainha deslocava-se apenas em diagonal, e uma casa por vez.

Os Bispos acompanham a Rainha, passando a ter movimentos mais longos. Até esta ocasião, eles deslocavam-se em diagonal de duas em duas casas, com a particularidade de que podiam saltar outra peça.

Os Peões que atingem a última linha são promovidos a uma peça anteriormente capturada.

Em vinte anos as inovações espalham-se e as duas modalidades de xadrez coexistem por toda a Europa. A nova maneira de jogar imprime um maior dinamismo às partidas, devido à grande riqueza combinatória que ela proporciona, e o antigo xadrez é, rapidamente, relegado ao esquecimento.

Em 1619, Gioachino Greco (1600-1634) publica em Roma seu primeiro livro: **Trattado del nobilissimo e militare esercizio de Scacchi**, onde suas partidas já denotam uma audácia e um dom de invenção extraordinários para o ataque. Seu principal defeito é atacar sem ter mobilizado todas as suas peças. **II Calabrese**, como era cognominado, representa o apogeu do estilo primitivo que ignora os objectivos intermediários (ganho de material, criação de Peão passado, etc.), e conhece apenas os ataques directos ao Rei adversário (E de sua autoria o Contragambito Letão: 1. e4, 45; 2. CO. f5).

Em 1737, o sírio Felipe Stamma publica em Paris o livro **Le noble jeu des échecs**, utilizando pela primeira vez na história um sistema curioso e sintético de anotação: a Notação de Stamma, mais conhecida,

hoje, como "notação algébrica". Ela designa as casas do tabuleiro por duas coordenadas: uma abcissa alfabética e uma ordenada numérica. Embora ofereça vantagens evidentes, pois é sucinta; uni-referencial (partindo sempre das bases das brancas); e de fácil compreensão (independente dos idiomas dos enxadristas), ela precisará esperar quase dois séculos e meio para ser aceita a nível mundial: desde 1980 e, enfim, o único sistema de notação reconhecido pela Federação Internacional de Xadrez - FIDE.

Porém, se os génios enxadrísticos do século XVI e XVII foram, respectivamente, o espanhol Lopez, e o italiano Greco, o astro indiscutível do século XVIII foi o francês François-André Danican Philidor, que publicou, em 1749, **L' Analyse du jeu des échecs**. Nesta obra, o xadrez é apresentado como ciência, possuindo princípios teóricos próprios. Pela primeira vez são definidos e expostos os conceitos de estratégia e de tática enxadrística. A célebre expressão "os peões são a alma do xadrez" irá modificar de forma radical a conduta da partida. É possível que este "Copérnico" do xadrez tenha sido influenciado pelos filósofos Diderot, Voltaire e Rousseau, que, por outro lado, muito influíram para o advento da Revolução Francesa.

Além disso, no final de sua obra, ele propõe um dos primeiros regulamentos enxadrísticos: casa branca a sua direita; peça tocada, peça jogada; peça largada, lance efectuado; promoção ilimitada; captura en passant; roque; etc.

Algumas propostas, tais como a obrigatoriedade de dizer-se "xeque ao rei", não foram aceitas; outras, como a promoção ilimitada, irão dividir a comunidade enxadrística por um século, antes de impor-se. Actualmente, se existem regras internacionais, muito se deve a Philidor.

A situação de "pat" ilustra bem o "caos" em que se encontravam os jogadores: na Arábia e na Espanha o lado imobilizado perdia a partida. Ao contrário, na Itália (por sugestão de Greco) e na Inglaterra o "pat" ganhava a partida. Na França e em outros países considerava-se empate.

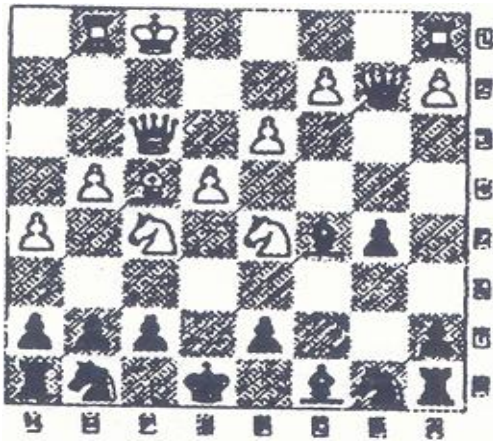
Philidor, era também um grande músico: foi o criador da ópera-cômica. Foi ainda recordista mundial, jogando três partidas simultâneas "às cegas". (Este recorde foi superado várias vezes, desde então, até 1951, quando Koltanowski, sem ver os tabuleiros, enfrentou cinquenta adversários!).

Em 1813, o periódico "Liverpool Mercury" inicia a publicação da primeira crónica enxadrística.

Em 1836, surge em Paris a primeira revista inteiramente consagrada ao xadrez: Le Palamède, assim intitulada em homenagem ao herói grego.

Em 1850, a promoção ilimitada e o pat são definitivamente aceites e no ano seguinte abre-se a era moderna do xadrez com o Primeiro Torneio Internacional de Mestres, disputado durante a Primeira Exposição Universal de Londres.

Este torneio foi vencido pelo alemão Adolfo Anderssen, (1818-1879), um professor de matemática, considerado o maior representante da Escola Romântica, sempre sacrificando material em busca do xeque-mate. Anderssen associa um perfeito conhecimento da teoria em vigor com a grande imaginação dos primitivos, destacando-se por seus mates de Bispos e Cavalos, construídos após sacrifícios de Dama e/ou Torre(s). Duas de suas partidas, popularmente conhecidas como **Sempre viva** e **Imortal**, tornaram-se célebres na história do xadrez. Sua contribuição à teoria das aberturas inclui variantes do Gambito Evans, Ruy Lopez, Defesa Francesa, Defesa Siciliana, Defesa Escandinava, entre outras, além da abertura que leva



Durante o Torneio de Londres (1851), Anderssen venceu uma partida amistosa, inaugurando o sacrifício das duas Torres brancas apresentado no diagrama 1.

Diagrama 1 - Sacrificio Imortal (após o 17º lance das pretas)

Evocar todos os sucessores de Anderssen seria tedioso, mas como falar do xadrez moderno sem citar Wilhelm Steinitz (1836- 1900) e Emanuel Lasker (1868-1941)?

Com o primeiro, o positivismo filosófico entra no mundo deste jogo, apresentando-o como um sistema lógico fechado, com regras bem definidas e estáticas. Steinitz é considerado o criador da Escola Clássica, distinguindo-se por lances profundamente lógicos que visam a realização de planos inovadores: exploração de erros microscópicos (peões isolados, casas fracas, peças sobrecarregadas, ...), paralisia progressiva das peças do adversário, bloqueio central antes de atacar nas alas, maré de peões, etc.

Mestre da defensiva, mais que da ofensiva, grande especialista em aberturas fechadas, ele é considerado o "pai" do Gambito da Dama, além de ter contribuído para o aperfeiçoamento de inúmeras outras aberturas, entre elas: Gambito Evans, Gambito do Rei, Giuoco Piano, Abertura Escocesa, Abertura Ponziani, Ruy Lopez, Abertura Vienense, Defesa Francesa, Defesa Holandesa e Defesa Petroff. Steinitz, que na sua juventude jogava no estilo romântico, sintetizou e renovou completamente a teoria de sua época, sendo ainda um dos maiores finalistas de todos os tempos. Foi, talvez, o pensador mais original e profundo de toda a história enxadrística. Apesar disso, quando o peso da idade já se fazia sentir, perdeu o título de Campeão do mundo em 1894 e morreu em extrema pobreza alguns anos depois.

Seu vencedor, Emanuel lasker, foi a maior personalidade da história do xadrez. Lasker, Doutor em filosofia (discípulo de Schopenhauer), era também teatrólogo e um bom matemático (tendo escrito um livro no campo da álgebra). Em 1895, publica o seu **Common Sense in Chess**, onde apresenta o xadrez e a vida como uma constante luta e procura desvendar os princípios fundamentais que regem a conduta da partida.

Seu estilo de jogo extremamente pessoal e que poderíamos chamar de "dialético", consiste em desequilibrar a posição, nem sempre realizando as melhores jogadas, mas sim as mais desagradáveis para cada adversário. Seus lances arriscados, e até teoricamente incorrectos, levavam a luta psicológica ao paroxismo, induzindo, com frequência, o oponente ao erro e à derrota.

De todos os campeões mundiais, ele é aquele que mais colocou seu título em jogo: sete vezes; perdendo-o, apenas em 1921, para o cubano José Raul Capablanca, após 27 anos de reinado.

Nesta época, alguns preceitos fundamentais da Escola Clássica de William Steinitz, Siegbert Tarrasch (1862-1934), Emanuel Lasker e Akiba Rubinstein (1882-1961) são questionados por um grupo de jovens mestres oriundos sobretudo do leste europeu.

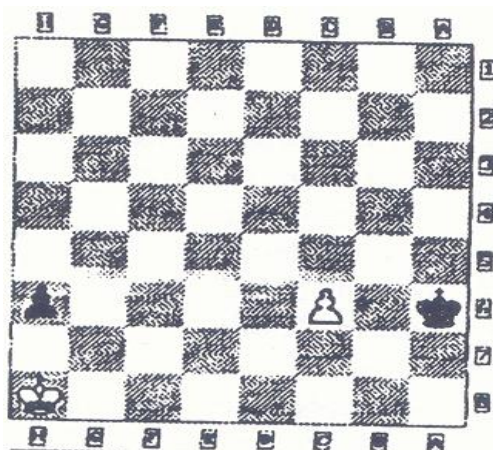
Assim, inicia-se a chamada Escola Hipermoderna, cujos maiores representantes foram o tcheco Richard Reti (1889-1929), o húngaro Gyula Breyer (1893-1921), o russo-francês Xavier Tartacover (1887-1956), o letão-dinamarquês Aron Nimzovich (1886-1935), o austríaco Ernst Grünfeld (1893-1962) e, mais discretamente, o russo-francês Alexandre Alekhine (1892-1946).

A essência do hipermodernismo, que foi comparado na Arte tanto ao impressionismo quanto ao cubismo, baseia-se em sua descrença dos dogmas clássicos. Ele ampliou os horizontes da conduta da partida, com a contribuição de novas teorias que não negavam a importância do centro, mas propunham um método inovador para controlá-lo à distância, sem ocupá-lo: os bispos em **fianchetto** (nas maiores

diagonais do tabuleiro). Assim, o centro de peões do inimigo poderia ser atacado com o auxílio dos cavalos e dos peões laterais.

Estas novas ideias foram apresentadas por Reti em numerosas obras, entre as quais destacam-se **Die neuen Ideen im Schachspiel** (1921) e **Die Meister des Schachbretts** (1930). Estes dois livros foram capitais para a evolução do xadrez no século XX.

Enquanto Nimzovich, Grünfeld e Alekhine desenvolveram novos sistemas defensivos para as pretas, Reti criou para as brancas uma variedade de aberturas, pertencentes ao "Sistema Reti". Ele foi um notável estrategista e um genial compositor de finais. Para ilustrar o quilate deste grande artista, que jamais foi campeão mundial, apresenta-se uma de suas composições de maior originalidade no diagrama 2.



O Diagrama 2 - As brancas jogam e empatam

Em 1924, é fundada em Paris a Fédération Internationale des échecs - FIDE, que conta actualmente com 152 países membros (a segunda maior federação esportiva do mundo, visto que a FIFA possui cerca de 170 filiados).

Sua divisa **Gens una sumus** (somos um só povo) proclama com orgulho (e ingenuidade) os ideais de seus iniciadores. Em 1982, o filipino Florêncio Campomanes é eleito e preside, desde então, esta federação.

Em Dezembro de 1986, a FIDE e a UNESCO criam, em Paris, a **Commission for Chess in Schools**, que poderá representar um importante papel na difusão, no ensino e na democratização do xadrez enquanto instrumento pedagógico utilizado nas escolas. Seu actual presidente é o italiano Nicola Palladino.

Após mais de catorze séculos, continua crescente o interesse despertado pelo xadrez, pois suas inúmeras mudanças vieram sempre ao encontro das aspirações dos homens. E de se esperar, portanto, que com a rápida evolução da sociedade moderna, novas modificações serão incorporadas, em breve, a este belo esporte.

Bibliografia

CORIAT, Isador. The unconscious motives of interest in chess. *Psychoanalytic Review*, 1941, vol. 28, n.1, 30-36.

DEXTREIT ,Jacques & ENGEL, Norbert. *Jeu d'échecs et sciences humaines*. Paris: Payot, 1981. 296p.

LAUAND, Luíz Jean. *O xadrez na Idade Média*. São Paulo: Perspectiva & Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 121p.

LE LIONNAIS, François & MAGET, Ernst *Dictionnaire des échecs*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974. 429p.

MURRAY, Harold James Ruthven. *A history of chess*. Oxford: Oxford University Press, 1913. 900p.

PASTOUREAU, Michel. A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda. São Paulo: Companhia das Letras & Círculo do Livro, 1989. 217p. (La vie quotidienne en France et en Angleterre au temps des chevaliers de la Table Ronde. Paris: Hachette, 1976).

ROOS, Michel. Histoire des échecs. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. 125p.

SAIDY, Anthony & LESSING, Norman. The world of chess. New York: Ridge Press & Randon House, 1974. 252p.

VASCONCELOS, Fernando de Almeida. Apontamentos para uma história do xadrez & 125 partidas brilhantes. Brasília: Da Anta Casa Editora, 1991. 349p.

*WILSON, Fred. A picture history of chess. New York : Dover Publications, 1981. 182p.

SUMÁRIO

Abertura

Jaime Sunyé 05

Florêncio Campomanes 06

Eronilce da Costa 07

Nelson Hasselmann 08

Tema do Congresso

Nicola Palladino (Itália) - A estrutura da comissão de xadrez nas escolas da FIDE 10

Eduardo A. Tomassi (Argentina) - O projecto de xadrez em Santa Fé 15

Luís Santos (Portugal) - O desenvolvimento do xadrez em Portugal 34

Jean-Claude Lobatière (tradução de Luís Santos) 47

Uvêncio Blanco (Venezuela) - Sistema de instrução enxadrística 50

Harry Botsaris (Grécia) - A proposta grega de xadrez nas escolas 67

74 Lázaro Darroman e Silvino Garcia (Cuba) - O modelo cubano de ensino massivo de xadrez escolar

Adriana Salazar (Colômbia) - O xadrez pré-escolar na Colômbia 84

Debate sobre a questão Nacional

Ruilon Mont' Alverne (Brasil) - Contribuições para o xadrez na educação brasileira 101

Wesley Rocha (Brasil) - A especificidade do ensino de xadrez para deficientes visuais 105.

Edeme de Matos (Brasil) - Xadrez nas escolas estaduais do Paraná 109

Wilson da Silva (Brasil) - O trabalho com xadrez na Fundação Cultural de Curitiba e nas Escolas Estaduais do Paraná 110

Dr. Antonio Villar Marques de Sá (Brasil) - Capacidades desenvolvidas e aspectos metodológicos no ensino enxadrístico. 113

História do Xadrez

Antonio Villar Marques de Sá 119

Equipe de tradução:

Coordenação:

Ellson José Cortiano

Tradução para o Inglês:

Gizela Ribeiro da Luz

Transcrição/tradução para o Português:

Luiz Ermani Frito

Revisão:

Katherine Connoly

Editoração/Diagramação:

Caixa Luminosa